MVAR
O excelentíssimo inútil apresenta:
COMPILADO FILOLOSÓFICO DE UM INÚTIL: O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO INÚTIL NUNCA PARA
(contém erros tanto de português, interpretação, digitação e edição quanto de citação de referências históricas e bagunças pessoais)
20XX

🙌
VIVA O TUDO!
SEMPRE FUI ENCANTADO COM A IDEIA DE APRENDER A ENSINAR. TENHO UMA GRANDE FACILIDADE EM ARMAZENAR E RELACIONAR CONHECIMENTOS, PORÉM NÃO AINDA POSSUO A MESMA PARA TRANSMITIR DIDATICAMENTE ESSES CONHECIMENTOS REFINADOS. INFELIZMENTE NÃO ACHO QUE O CURSO DE LICENCIATURA CONSEGUIRA SOZINHO DESPERTAR E DESENVOLVER ESSA CAPACIDADE, APENAS COM A AJUDA EXPONENCIAL DA MINHA DEDICAÇÃO A UM PROGRAMA MAIS FOCADO NESSA ÁREA RESULTARIA NO MÁXIMO APROVEITAMENTO DO MEU POTENCIAL COMO PROFESSOR.
MAS NÃO SE TRATA SÓ DE MIM, TRATA-SE TAMBÉM DE TODAS AS PESSOAS QUE VOU INTERAGIR DURANTE MINHA JORNADA. EU NÃO DESENVOLVER UMA HABILIDADE QUE PERMITIRIA ACRESCENTAR NOVAS PERSPECTIVAS OU ATÉ MUDAR O OLHAR DE ALGUÉM QUE JÁ NÃO VÊ MAIS ESPERANÇA NA REALIDADE QUE VIVE SERIA NO MÍNIMO EGOÍSMO DA MINHA PARTE.
ACREDITO QUE O CONHECIMENTO SEJA COMO UMA LANTERNA NO ESCURO QUE DESLIGA O SEU MUDO, CRIANDO UM NOVO MUNDO, ABRE NOVOS CAMINHOS POR SABER COMO IR ADIANTE AO VER QUE TODOS SOMOS TODOS INICIANTES, ETERNOS APRENDIZES NA ARTE DE VIVER E ENSINAR.
VIVA O NADA!
🙏

O excelentíssimo inútil apresenta:

“Compilado filolosófico de um inútil: o processo de formação do inútil nunca para”

(Contém erros tanto de português, interpretação, digitação e edição quanto de citação de referências históricas e bagunças pessoais)

Sempre fui encantado com a ideia de aprender a ensinar. Tenho uma grande facilidade em armazenar e relacionar conhecimentos, porém não ainda possuo a mesma para transmitir didaticamente esses conhecimentos refinados. Infelizmente não acho que o curso de licenciatura conseguira sozinho despertar e desenvolver essa capacidade, apenas com a ajuda exponencial da minha dedicação a um programa mais focado nessa área resultaria no máximo aproveitamento do meu potencial como professor.

Mas não se trata só de mim, trata-se também de todas as pessoas que vou interagir durante minha jornada. Eu não desenvolver uma habilidade que permitiria acrescentar novas perspectivas ou até mudar o olhar de alguém que já não vê mais esperança na realidade que vive seria no mínimo egoísmo da minha parte.

Acredito que o conhecimento seja como uma lanterna no escuro que desliga o seu mudo, criando um novo mundo, abre novos caminhos por saber como ir adiante ao ver que todos somos todos iniciantes, eternos aprendizes na arte de viver e ensinar.

SUMA!

(INTERVALO)

Uma Teoria do Medalhão

A Teoria do Medalhão de Machado de Assis retrata uma conversa entre pai e filho, agora maior de idade, aos vinte e um, como uma debutante, será apresentado a sociedade e pode, nesse momento, escolher entre as milhares de vocações existentes, porém, antes que possa opinar, seu pai já decide por ele, escolhendo a que era o seu sonho quando jovem conhecido por "Medalhão". A conversa muda de tom e passa a se aparentar mais com um monólogo em que as falas do pai, sempre extensas, cortam as tentativas de resposta do filho. Após contemplar o rapaz julgando-o aparentar ser "dotado da perfeita inópia mental", o que era "conveniente ao uso deste nobre ofício", o pai conta detalhadamente os atributos, as atitudes, as intenções, os relacionamentos e até os conteúdos das conversas de um Medalhão; que consiste no molde do indivíduo contemplado pelas convenções sociais, um exemplo de a ser seguido, sua falta de reflexão facilita a memorização de ideias já existentes e interiorizadas na sabedoria popular, sua falta de originalidade faz com que seja aceito e admirado em qualquer ambiente onde a aparecia é vangloriada e adorada sem importar o que realmente é. Uma difícil vocação que necessita de anos para desenvolver a incrível habilidade de repelir qualquer novo pensamento, nunca pensar, apenas reproduzir o que já foi pensando, para isso recorre a contos e frases clássicas história, anedotas populares, formulas ou mandamentos preestabelecidos, conhecimentos já mastigados pela sociedade, "Nenhuma imaginação? – Nenhuma; antes faze correr o boato de que um tal dom é ínfimo".

De forma irônica e realista, Machado, expõe o estilo de vida e de pensamento da burguesia tradicional do século XX através da figura do pai, atribuído na sociedade patriarcal com o domínio, a sabedoria e o dever repassar os ensinamentos passados a ele para seu filho, que representa o futuro progressivamente sendo modelado as conveniências da elite do presente, possuidora de poder e influência

conquistados no passado. Na tentativa de manter a hierarquia sustentada especialmente pelo laconismo vivido pelos menos afortunados, a elite repele qualquer tipo de pensamento inusitado, diferente do que aparenta ser; através da satisfação da vaidade e dos prazeres corpo, afasta a contemplação, a reflexão, os prazeres interiores da maioria para assim controlar as massas e manterem um modelo de vida baseado no consumo e na ilusão das aparências. Nas palavras de um medalhão “condeno a aplicação, louvo a denominação”.

Do ponto de vista filosófico

“Nenhuma filosofia?

- Entendamo-nos: no papel e na língua alguma, na realidade nada. "Filosofia da história", por exemplo, é uma locução que deves empregar com frequência, mas proíbo-te que chegues a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros. Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade, etc., etc.”

Um grande monologo do pai sobre como tentar abafar qualquer filosofia, quase extingui-la, até restar apenas palavras que aparentemente fazem sentido, mas não há mais nada além do que isso, apenas jogos de palavras feitos por alguém a séculos atrás e reproduzido ao decorrer dos anos para enfeitar discursos de sobremesa ou tergiversar em uma entrevista de emprego.

Se um medalhão fizesse uma análise filosófica de algo se limitaria apenas a citações de filósofos clássicos ou, com muito otimismo, arriscaria fazer uma interpretação de acordo com pensamento de um desses filósofos, abusando de expressões como “na visão fulaliana...”, “de acordo com fulanóis...” e “fulananovisk disse...” aparentando um seguidor fiel de um santo ou deus, com o dicionário de conceitos entre os braços como se fosse sua bíblia.

A filosofia tende a transcender aos conceitos usados por nós ao expressar uma ideia, é necessário estar aberto aos desconhecidos limites da imaginação; é claro

que a razão e a lógica têm o seu papel para desenvolver o pensamento, porém não é a única forma de realizar tal proeza. O pai excluiu a filosofia de sua vida no momento em que deixou sua imaginação de lado, o abstrato misterioso escondido na escuridão dos olhos quando fechados que cria e recria a realidade que vivemos, sem ela não haveria a memória, essencialmente imaginativa, sem um armazenamento físico, que permitiu o filho ouvir naquela noite as pretensões e dogmas presentes na mente de seu pai, capazes de ser julgado como uma realidade apenas através de sua imaginação.

Outro motor chave da filosofia é a dúvida. Não há dúvida nas falas do pai, ao decorrer dos anos se aprimorou tanto na habilidade de não pensar nada novo que o permite aparentar uma completa e absoluta certeza capaz de realojar conhecimentos já pensados em uma formula de como viver essa ilusão. Para tornar ainda mais eficaz sua tentativa de repelir qualquer dúvida, ocupa constantemente sua mente com questões mundanas, compromissos, horários, trabalho e quando sobra um tempo para si próprio voluntariamente se aliena no entretenimento banal e facilmente encontrado ao seu redor, qualquer meio passivo que matem o estado inerte de pensamento, magazines, aparelhos eletrônicos, bingo do domingo.

Por ser incapaz de perceber seus erros e defeitos, extingue qualquer reflexão sobre suas certezas, o conformando com uma nevoa de laconismo e impotência, o impedindo de perceber os erros e defeitos do estilo de vida que leva e propaga de acordo com as ordens do sistema em que foi inserido, o distanciando ainda mais de uma mudança. Para ele a realidade se resume ao visível, tocável, o que pode ser ouvido, degustado ou perceptível pelo olfato, o que existe se resume ao limite dos nossos sentidos. Fatos e leis sufocam crenças e teorias. Essas duas primeiras são sustentadas e reafirmadas pelas ciências predominantes em sua vida, as que buscam entender o que se pode reduzir a pedaços suficientemente pequenos para nossa razão modelar de acordo com as nossas necessidades, não mais aquela que se diz buscar a verdade, mas aquela que é mais interessante para os poderios acadêmicos e econômicos. As duas últimas são menosprezadas ou ignoradas, deformadas na penumbra do intelecto guiado de forma linear por uma

superestimada razão herdada da cultura ocidental progressista que privilegia o pensamento utilizado como instrumento para a ação, deixando de lado o pensamento como reflexão ou qualquer outra forma de abstração.

A filosofia se encontra nesse cenário apenas na utopia de quem ainda tem a coragem de duvidar.

Do ponto de vista sociológico.

Ocorreria uma estagnação de uma sociedade que tem como base uma hierarquia baseada no poder do capital, moldada pela burguesia que ascendeu através do trabalho e agora utiliza do mesmo para controlar quem tem participação em seu ciclo de influencias e favores. Se sustentam através de leis e papeladas que dizem ser para o manter a justiça e o bem-estar de todos, mas quando necessário as ignoram completamente para conseguir o que querem, e sempre conseguem. Um cartel entre a publicidade e as grandes fortunas conseguem montar um teatro no qual os protagonistas são estereótipos do padrão de vida privilegiado de quem possui, o que aumentam as vendas do mercado, ameaçados pelos antagonistas escolhidos a mercê das conveniências do momento, o que aumenta a audiência das redes abertas de televisão.

Mantendo a nomenclatura histórica, a periferia, agora nem sempre localizada em volta do centro para proteger a elite, ainda sim é usada como escudo e, agora, como arma contra a “ousadia” de pensar em um modo diferente de vida. Para aqueles que não aceitam o que é imposto, o futuro reserva a violência, a sujeira e a humilhação daqueles que não possuem ou que não tem ambição de possuir, estão condenados a um estado de submissão a sobrevivência enquanto vê outros poucos gozarem dos prazeres que só os ditos merecedores podem degustar. Para os pais que cresceram encarando isso como a uma realidade inevitável transmitem aos filhos o medo, o individualismo e a impotência que aprenderam a cultivar a vida toda ansiando a libertação disso tudo, que seria alcançada apenas com muito trabalho, disciplina e submissão ao poder do capital. Assim um dia teriam o suficiente para poder viver

uma tranquilidade desconhecida, ingenuamente atribuída a quem aparece na televisão ou as celebridades nas capas de revistas, pessoas aparentemente felizes, bonitas, bem vestidas, com corpos exuberantes e demais apetrechos ditos necessários para ter uma boa vida, uma vida feliz e uma vida cheia de realizações.

Desde pequenos os filhos da elite criados por tabus e pela televisão vivem no castelo de buda*. Criados com um roteiro preestabelecido de vida antes mesmo de nascerem, vivem ele como se todo o resto da sociedade estivessem ali só para ter honra de presenciar sua trajetória para o sucesso. A esmagadora maioria apenas se delicia com o conforto, estabilidade e prazeres que o poder financeiro dos seus pais lhe proporcionam. O estudo, os bons modos e a etiqueta são literalmente valorizados nos meios que vivem, mas apenas nas intenções de se promover com isso, ostentar o reconhecimento, se utilizar disso para ser bem pago e, então, consequentemente, ser bem tratado em sua esfera social.

Enquanto os filhos da periferia do capital são criados ansiando ter tudo que a elite possui, mas a luta pela sobrevivência que seus pais foram inseridos ainda desfrutam da esperança de apenas ter o suficiente para sustentar sua família. Mesmo assim o suficiente nunca é o bastante, numa atmosfera onde se vangloria o acumulo, tanto a elite quanto a periferia buscam ostentar seus bens materiais como se fossem uma armadura para todas as dúvidas e amarguras que esse estilo de vida traz.

Em suma, o estado, a mercê dos fetiches das grandes fortunas, privilegiam quem é “dotado de uma perfeita inópia mental”, o medo e o laconismo incentivam os pais de uma nação em risco a ensinar os filhos ignorarem qualquer reflexão sobre o que vêm e sentem ao se deparar com a realidade apresentada a eles como única e valida. Facilitando, assim, o jogo de influencias entre as aristocracias de cada setor para controlarem as tendências e a opinião pública. Fechando o ciclo de dominação e usura, através de gerações se propagou um sentimento de impotência motivadora de um individualismo visto como a melhor opção para se isolar do mundo e seus problemas, garantir o seu, pois ninguém terá pena de você se não o fizer.

Corrompendo de milhares em milhares. Até não restar mais esperança de recuperar a expressividade perdida pelas pessoas, a capacidade delas se apoiarem não nos bens que acumulam, mas nos bens coletivos, recuperar das profundidades de nossa imaginação a utopia que nos motiva a imaginar para mudar, nem que seja começando devagar, mudando ao menos a si mesmo.

*antes de conhecer a miséria que o cercava buda vivia em um castelo que possuía uma abundancia explicita a todos, menos a ele.

(De)cap o príncipe

DOS PRINCIPADOS NOVOS QUE SE CONQUISTAM COM AS ARMAS PRÓPRIAS E VIRTUOSAMENTE cap 6

DOS PRINCIPADOS NOVOS QUE SE CONQUISTAM COM AS ARMAS E FORTUNA DOS OUTROS cap 7

DOS QUE CHEGARAM AO PRINCIPADO POR MEIO DE CRIMES cap 8

Há diferentes formas de se chegar ao principado, Maquiavel comenta sobre as três possíveis segundo ele: ou com suas próprias armas e virtudes, ou com as armas e fortuna dos outros ou por meio de crimes.

Para os que chegam com suas próprias armas e virtudes só foi possível fazer o que fizeram com a união entre suas virtudes e a oportunidade que tiveram para que essas se exaltassem. Maquiavel cita alguns grandes nomes da história, como Moisés, Ciro, Rômulo e Teseu. Não apenas esses citados, mas também outros que sem as adversidades, o contexto e a posição que se encontravam, suas virtudes seriam apenas algumas fagulhas na historia, passadas despercebidas pelos anos. Mas com essa união de fatores foi possível um evento memorável, que sustentasse a admiração pelos seus feitos e pelo seu nome que perpetuaram por séculos. Os tornando ícones para quem deseja traçar o caminho dos que se tornaram grandes ou imitar aqueles que foram excelentes, aqueles que mesmo com muito tempo e dificuldade tenham chegado ao principado, conseguiram o manter com muita facilidade, pois como a admiração pelo seu nome e seus feitos, sua influência e seu principado também serão perpetuados.

Para aqueles que chegaram ao principado com armas e fortuna dos outros só foi possível chegar aonde chegaram através de forças externas a ele, como a tradição ou sua fortuna e não de seus valores e feitos. Por, na maioria das vezes, não possuírem a admiração ou influencia necessárias, para se manterem no poder

recorrem à força de sua de sua fortuna herdada ou a força dos valores tradicionais. Esses que ascenderam facilmente ao principado, dificilmente conseguirão manter-lo por muito tempo, pois ao acabarem esses recursos, o seu principado, também acabará.

Para aqueles que chegaram ao principado por meio de crimes mesmo que tenham chegado pelas suas próprias armas, de atribuir-lo com alguma virtude, é preciso lembrar como elas foram utilizadas. Para isso, vamos lembrar com Maquiavel a historia de Agátocles. De origem humilde, filho de um oleiro, aos poucos foi conquistando sua honra e seu espaço através da milícia e mexendo uns pauzinhos se tornou pretor(comandante) de Siracusa. Com a influência que adquiriu com esse posto, Agátocles, reuniu o povo e o senado de Siracusa como se fosse falar sobre alguns assuntos relacionados a Republica, porém nesse momento de descontração mandou os seus soldados matarem todos os senadores e os mais ricos da cidade; ocupando o principado por conta própria e sem sofrer qualquer resistência contra isso. Agátocles não alcançou o principado através das fortunas de outros, porém mesmo que ele tenha feito isso com suas próprias armas, não pode ser atribuído com nenhuma virtude, afim de não incentivar outros a usar tais injurias para alcançar seus objetivos.

Mas para aqueles que assim pretendem fazer, Maquiavel aconselha que sejam precisos em seus atos para não recorrer continuamente a tais injuriais. Em suas próprias palavras: “Portanto, as ofensas devem ser feitas todas de uma só vez, a fim de que, pouco degustadas, ofendam menos, ao passo que os benefícios devem ser feitos aos poucos, para que sejam melhor apreciados.”

DE QUANTO PODE A FORTUNA NAS COISAS HUMANAS E DE QUE MODO SE LHE DEVA RESISTIR (cap 25)

Maquiavel inicialmente concorda com a crença mais aderida de que o homem é impotente perante as mudanças que sofrem e que de forma passiva se deixa governar pelas imposições da fortuna ou dos deuses, totalmente a mercê da sorte. Mas como ele mesmo disse,

“para que o nosso livre arbítrio não seja extinto, julgo
poder ser verdade que a sorte seja o árbitro da metade das nossas ações, mas
que ainda nos deixe governar a outra metade, ou quase.”

A partir de uma metáfora ele deixa mais claro como isso acontece: imaginem um rio de correntezas intensas que eventualmente se exalta inundando e destruindo tudo ao seu redor. Apesar do homem não poder impedir a força ou a freqüência que ocorrerão essas enchentes, nada o impede de que, quando o rio estiver calmo e naturalmente mais contido, ele tomar algumas precauções para a próxima enchente ser menos impactante e destrutiva.

A Italia, segundo Maquiavel, era um ótimo exemplo de um reino totalmente apoiado na sorte, passivo as mudanças que ocorriam, se deixando levar pelas águas. Mesmo com as destruições causadas pelas enchentes serem imensas, poucas precauções eram tomadas, dependendo de atitudes externas como a proteção militar da Alemanha, da Espanha e da França, ou com sorte, perpetuando as eventuais catástrofes.

Aquele que se sustentam apenas através da sorte está à mercê das conveniências do momento, se conformando com sua a impotência ao cultivar a crença que suas escolhas e atitudes são inúteis e miseráveis perto das complexidades do universo. Porém, a partir das reflexões sobre o que se passa em sua vida, o homem pode se adaptar as imposições do mundo. E nessa oscilação de eventualmente conduzir e eventualmente ser conduzido, estaria o equilíbrio almejado por qualquer príncipe.
Isso explicaria o porquê diferentes caminhos podem dar nos mesmos lugares e que as mesmas atitudes podem ter diferentes repercussões dependendo da época, do lugar e do contexto inserido.

Para finalizar Maquiavel faz mais uma metáfora. Dizendo que a fortuna, sendo mulher, será sempre almejada pelos homens, da mesma forma que a sorte, também mulher, está mais próxima aos jovens por serem mais distraídos e ousados.

Capitulo IX

Como se deve medir as forças de todos os principados

A força de um principado reside em ter condições autônomas de suprimento para seu povo e defesas contra adversidades externas. Maquiavel divide os pelos os que possuem essa capacidade e os que não possuem. Nesse capitulo foca mais no segundo, pois o primeiro já foi comentado anteriormente.

Para aqueles que dependem de outrem para se defenderem resta apenas à fortificação para proteger suas terras. Caso o consiga manter as necessidades da população o principado não terá grandes problemas, os poucos que ousarão atacar as fronteiras do reino encontrarão muitas dificuldades em conquistar o carisma e o apoio interno, pois um povo alimentado e satisfeito prezara pela continuidade do regime atual.

Se por ventura o príncipe se sentir inseguro em sua província e tente administrá-la de longe, deve ter sua atenção voltada para possíveis ameaças e se a província estiver sob ataque é de extrema importância se mostrar presente na batalha contra a tentativa de dominação. Mesmo que vença e consiga manter a província sem estar próximo a ela e seus habitantes, será cobrado fortemente por eles que tiveram suas casas queimadas e vidas destruídas enquanto o príncipe estava seguro e aparentemente negligente quanto aos estragos e catástrofes vividas pela frágil província.

Afirmando sua argumentação utiliza o exemplo da Alemanha que mesmo com pouco território manter seu povo satisfeito e protegido. Sem medo de possíveis ameaças, pois até aquelas eminentes se tornam ineficazes perante a dominação

regente do império alemão. Força militar, fortificações nos limites de seu reino, estoques de bebidas e alimento para atender as necessidades da população e essa demonstrar obediência e fidelidade ao imperador, torna o principado Alemão muito consolidado o que intimida possíveis invasores, evitando adversidades antes que elas arrisquem enfrentar tantas dificuldades para tentar dominá-la.

Um principado com muitos recursos e uma boa administração pode se sustentar por conta própria, garantindo a perpetuação do regime atual enquanto outros dependem de forças externas para se manterem seguros. Investir nas fortificações e em medidas populistas pode dificultar as tentativas de dominação, e em caso de ataque presença do príncipe demonstra segurança e o torna mais fiel por terem passado juntos por um momento de crise, essa união complicaria a tentativa de conquista eminente.

CAPÍTULO XI

DOS PRINCIPADOS ECLESIÁSTICOS

Poucos principados conseguem lidar com a proporção do poder que a religião alcançou. Antes de Roma ser "dominada" pelo cristianismo nenhum reino julgava relevante a influencia que a religião tinha nas questões políticas e na opinião publica, após esse marco principados passam a buscar o apoio e evitar ao máximo intrigas com fieis ou grandes representantes da fé. A religião não se limita a esfera privada e seus representantes podem usufruir de seus poderes para controlar opiniões e com isso glorificar um principado ou destruí-lo.

Antes mesmo de conquistar algum território com grandes tendências religiosas, ele por possuir essas tendências, já é complicado de se lidar. E mesmo que chegue a dominá-lo o povo conquistado não será leal ou obediente a você e sim ao deus que veneram e seus dogmas já estabelecidos séculos passados. Em capítulos anteriores foi dito como lidar com povos dominados que viviam com suas próprias

leis, tais ensinamentos também se aplicam a uma província religiosa, pois ela se assemelha a esse caso, não pela liberdade, mas pela submissão divina compartilhada entre seus fieis.

Mas nesse capitulo Maquiavel a partir de exemplos históricos para sustentar sua argumentação, foca mais na relação entre à religião e o poder temporal que ela foi conquistando. E nisso fica claro como ela se torna uma instituição organizado com um sistema hierárquico próprio e fechado, e usando como fachada a vontade divina se expandem e se fortalecem. Por traz dos sermões sobre salvação e uma vida boa, plena e próxima deus se encontra as reais intenções de homens que se corromperam em meio tanto poder, praticando todas as atrocidades e pecados para não só manter, mas também expandir ainda mais sua influencia e domínio.

Escotando

A dialética de Escoto se desenvolve a partir de dois elementos que se relacionam de diferentes formas, gerando quatro proposições constituintes do circulo vital do ser divino. Os termos “Criador” e “criado” são os pilares de sustentação dessas proposições, que contemplam toda a realidade, o ser e o não-ser, pois são complementos de um mesmo movimento circular de ascensão e retorno. Para nossa concepção o não-ser inicialmente pode nos remeter ao ‘nada’, mas na dialética eriugiana se refere a tudo que tem potencial para ser. Como o dia de amanhã, que não se concretizou de fato; ou os movimentos subatômicos, que não temos consciência de como se procedem; ou as camadas etéreas que envolvem todos os seres em nossa volta e não temos capacidade para percebê-las. Em suma, o não-ser não se resume ao nada, pelo contrário, se refere a tudo que pode vir a ser, mas por nossa razão e nosso intelecto serem limitados, a ponto de reconhecer apenas distorções do que seria a essências das coisas, não é capaz de reconhecer a existência do que transcende os sentidos. Tendo isso em mente podemos compreender melhor as divisões feitas por Escoto em suas quatro partes:

A primeira cria e não é criada <opostas> A terceira é criada e não cria

A segunda é criada e cria <opostas> A quarta não cria nem é criada

A primeira, criadora de si pela causas primordiais também é princípio de todas as outras, justificando o porquê o não-ser não se refere ao nada, pois como poderia do nada originar algo, seria necessário uma causa primeira e essa é o Criador em si.

A segunda se refere ao que está entre o Criador e a criatura, mais próximo a Ele do que o inteligível, se manifesta puramente pelas forças naturais e independentes da compreensão dos homens.

A terceira se refere ao um plano mais distante da essência divino, nela se encontra os corpos que estão encarnados para um único motivo: retornar a sua origem transcendental, não só eles, mas também todas as outras divisões já citadas, se aproximando do seu fim paradoxal, pois é o mesmo que sua origem.

A quarta é o fim e o começo, cessando o movimento no seu repouso pleno e iniciando o próximo, dando continuidade ao ciclo natural de ascensão e retorno.

Como vemos no quadro a primeira e a terceira natureza são opostas da mesma forma que a segunda e a quarta, isso é clássico da dialética, uma afirmação seguida de uma negação para assim se convergirem em uma só afirmativa conciliando as duas anteriores ao final do processo.

Da mesma forma que se procede o movimento da natureza descrito por Eurigena, uma origem do movimento que inicialmente se divide em ser e não-ser (afirmação e negação) para assim retornarem ao repouso e logo em seguida recomeçarem o movimento.

Tudo isso parece muito confuso por estar sendo descrito a partir de uma racionalidade, dividindo algo que é uno, a natureza é uma só e apesar de Escoto ter a dividido em quatro espécies não significa que há quatro entidades.

Esse procedimento foi feito para um melhor entendimento de algo que vai além da nossa concepção, gerando mais que apenas esse paradoxo, por isso Escoto reflete uma concepção socrática sobre o Criador "Ele supera todo o entendimento e todo o significado sensível e inteligível, de modo que conhecemos ignorando-O, e a ignorância acerca d'Ele é a verdadeira sapiência" (I, 510B).

Mas como o meio para compreendermos os mistérios que nos cercam é baseado na razão, processos semelhantes ao que Escoto fez é comum, racionalizar entidades mesmo que não divisíveis, para assim tentar extrair algum conhecimento, indo contra seus próprios conselhos, isso parece fazer parte da curiosidade teimosa e ousada do homem nessa tentativa de se aproximar cada vez mais de seu fim originário.

Ave-rrói

Grande conhecedor da filosofia e da ciência de ambos os lados do planeta, admirador profundo de Aristóteles, considerando-o “a própria encarnação da

filosofia", suas obras incompletas colaboram para seus comentários sobre o discípulo de Platão ofuscarem sua originalidade como pensador, mesmo assim Averróis consegue sem amarras externas, expor sua interpretação única sobre o pensamento aristotélico. Sua intenção ao escrever sobre o filosofo grego é resgatar a filosofia, demonstrando que essa não depende e não está subordinada a revelação divina ou o empirismo científico.

Indo contra o pensamento vigente em sua época, o qual a fé está acima da razão e a igreja possuía o poder e influência para censurar qualquer opositor, Averroiz defende a realidade vivida no presente como a única relevante, "o que importa é saber o que as coisas são aqui e agora pela perspectiva própria da sabedoria humana, não da divina".

Como cada indivíduo no universo tem sua perspectiva própria do universo e esse é obra divina, ao censurar a expressividade de qualquer individuo, estaria atentando contra a própria obra do criador, pois mesmo que cada um tenha uma visão diferente, a verdade é a mesma, eterna e imutável.

Em seus escritos encontram-se três leituras de Aristóteles: iniciação à sabedoria, recriação do modelo ideal da filosofia mulçumana e o comentário literal. Sendo o ultimo muito influente para os escolásticos latinos, que passam a preferir os comentários feitos por Averróis às já conhecidas frases de Aristóteles. E é nesses comentários que atinge sua originalidade e inovação, estabelecendo áreas distintas para a teologia e a filosofia, contrastando a razão e a fé, destacando-se por contradizer a tradição islâmica. Sendo assim é intitulado "como o primeiro e, talvez, único defensor do aristetolismo integral e autentico"

A relação causa e efeito é não só necessária, mas caso seja negada, quem nega estaria confrontando a unidade da essência divina, por isso ao contradizer o ceticismo de Al-Ghazali, Averróis, estaria ao mesmo tempo defendendo o valor da filosofia e seu direito de existir no contexto do Islam. O principio de causalidade permite o entendimento humano sobre os universais, ao negá-lo, negaria também, a

capacidade de deduzirmos algo que está além do mundo sensível, comprometendo a existência de um ser transcendente e a estrutura interna do universo.

Para o conhecimento existir é necessário antes a existência do objeto contemplado, ou seja, o objeto precede a ciência e os individuais podem entender os universais pela abstração dos mesmos. O desejo de alcançar a verdade justifica-se nessa abstração e na ilusão das aparências, pois “a verdade consiste em pensar o objeto representando-o no espírito tal como existe fora, uma vez que e a existência anterior do objeto que fundamento a ciência a seu respeito”. O universo ser inteligível revela a sua origem racional, caso não fosse possível entende-lo através da racionalidade seria possível afirmar o contrario, mas a inteligibilidade dos individuais sobre o universal explicita a casualidade racional que origina o mundo sensível. A natureza dos universais é distinta dos individuais, o primeiro é o que permite o conhecimento pelo segundo.

O estudo dos universais é abordado pela metafísica, que para Averróis se fundamenta no ser concreto. Ao observar o objeto não estaria completo o entendimento sobre o mesmo, pois o que nossos sentidos não são capazes de captar a essência direta das coisas, é necessário um processo de abstração para atingir a essência do que esta sendo entendido pelo individuo “ao abstrair as formas das respectivas matérias, o entendimento capta o ser íntimo das substâncias: a essências”. Sem a inteligibilidade dos indivíduos os universais não teriam seu caráter existencial e sem os universais os indivíduos não teriam a sua inteligibilidade, ou seja, há uma relação mutua entre os dois.

A origem disso tudo está na concepção aristotélica de substância, que segundo Averróis é aquilo que existe por si só, não está em um sujeito e nem é seu predicado.

A substância é uma só e o que a faz variar são os acidentes (quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, situação, hábito, ação e paixão).

Ao atribuir uma existência a algo, dizer que algo “é” o sentido atribuído é muito mais forte e profundo no sentido de existência do que de atributo, por isso a essência está relacionada diretamente a substancia e indiretamente aos acidentes. A ideia de que os acidentes podem e variam as características das substancias contrasta com a visão determinista de Avicena e da tradição filosofia do Islam que admite um mundo uniforme e sem abertura para acidentes ou interpretações individuais, “apesar de um objeto natural ser necessário, isso não impede a produção de um efeito acidental”.

Ao aplicar os conceitos de matéria e forma, Averróis, se destaca dos demais interpretes de Aristóteles ao afirmar que apenas a imaginação seria o elemento individualizante do processo intelectivo. A transformação faz parte da matéria e mesmo que as formas sejam incorruptíveis, ao fazer parte do individuo estão sujeitas as corrupções do mesmo. Para ele o conceito exato de matéria seria “um sujeito substrato do indivíduo concreto sensível”. As transformações substanciais não se devem a uma produção de matéria, mas sim a “uma alteração no composto hilemórfico pela ação do agente [...] o agente simplesmente causa a passagem da potência para o ato”.

Os seres se dividem em duas relações que existem simultaneamente: ato e potência, mas não seriam contrários, pois a potência se subdivide em “potências passivas” e “potências ativas”. Uma dependente de uma ação externa para se concretizar e outra pode atuar por conta própria, a primeira ocorre sempre da mesma forma, salvo as vezes que houver alguma interferência (como as transformações físicas) e a segunda pode produzir ações diversas e até contrarias (como a vontade humana). “Assim, não cabe julgar a ação do fogo que destrói um hospital, mas pode-se avaliar o mérito de um bombeiro que expõe a própria vida para salvar alguém do meio das chamas.” Para o pensador cordobês, o universo é uma paleta de atos e potências que seguem uma escala de maior e menor grau até chegar ao ato puro, Deus.

O grande diferencial de Averróis no ocidente latino se deve a abertura para responsabilidade humana e sua capacidade de entendimento e transformação. Sendo esse agente na realidade enquanto vivo e ao morrer sua carne se esvai, mas o conhecimento extraído dos universais permanece para seus semelhantes e nesse sentido que a alma do homem se difere do seu corpo, “o entendimento material é separado da alma humana e único para toda a espécie [...] somente o entendimento especulativo é pessoal, individual, corruptível e mortal.” Essa seria sua tese mais original, o compartilhamento do conhecimento material por todos os homens que durante sua vida podem contemplar e através do entendimento dos universais pode abstrair o ser concreto incrustado de acidentes até abstraí-lo para absorver sua essência.

A perspectiva única de cada ser existente preenche os graus de potência e ato do universo, o homem se diferencia pelo fato de seu conhecimento não se restringir ao nível individual (salvo as especulações) e ao somar as diferentes visões, os diferentes entendimentos e interpretações pode-se ter noção da mesma verdade que permeia todas as contemplações.

Relação entre imagem e política em bases maquiavélicas

Entre a publicação póstuma de O Príncipe e a atualidade foram-se aproximadamente 485 anos. De um período o qual eram travadas guerras entre reinos e principados buscavam conquistar mais e mais territórios, independente dos massacres e caos causados por suas ambições; até hoje, em que vivemos uma aparente paz entre os governos e podemos dormir tranquilos a noite sem a preocupação de ter a casa invadida, sua mulher estuprada e você esquartejado só para a diversão dos soldados. Parece que ao menos um pouco, mudou, mas, e a relação que o homem tem com o poder? Mudou tanto quanto esse muda os homens? Como uma obra de quase quinhentos anos atrás pode revelar tanto sobre a política atual? Nem sempre o que parece pode vir a ser, ainda mais quando se trata de política, cuja imagem faz parte do jogo de poder. Para entender melhor como isso procede vamos estabelecer um panorama histórico que vai abranger uma breve relação do homem e da política desde o período anterior ao de Maquiavel até as consequências posteriores a suas obras com o foco no contraste entre a imagem e o ser na política.

Idade Média

O Estado Medieval, apesar de se consolidar dissolvendo a concentração de poder em estruturas além dos muros feudais, seus representantes do clero e os senhores feudais continuaram a possuir as terras e a influência que detinham anteriormente. Com a expansão do cristianismo, os membros do clero passam a usar sua aparente proximidade com o divino para determinar a forma com que os homens devem viver

na terra. A politica e religião nunca foram tão intimas, já que a política seria apenas o reflexo das leis divinas e essas eram reveladas única e exclusivamente pela representante de Deus na terra, a Igreja Cristã.

O pensamento não se voltava ao homem nem ao modo como vivem, o foco era na relação do homem com o transcendente e como poderiam viver. O idealismo platônico distanciou a concepção de como as coisas são e como poderiam ser, a potencialidade se sobrepunha ao ato na medida que os dogmas da Igreja restringiam a ação do homem e o colocava em uma posição de submissão até que esse se contentasse a sofrer a vida toda para, em seu leito de morte, ter a oportunidade de viver em plenitude.

Esse cenário não foi muito próspero para a política, já que, a influência da Igreja era superior a qualquer outra instituição ou princípio sustentado pelos mortais. Mas, após as contradições da Igreja se tornarem mais e mais evidentes, os homens passam a se questionar sobre suas crenças e valores. Se até mesmo aquela que se mostrava ser a salvação era corruptível, a esperança de não haver algo além da desilusão retomou a força transformadora da dúvida, iniciando um período de transição do foco de pensamento do homem.

Renascimento

Ao final da Idade Média os homens direcionam sua perspectiva para si mesmos. O antropocentrismo permitiu o homem uma maior liberdade de pensamento e inovação, Parmênides ficaria feliz caso vivesse para ver o homem retomar a medida de todas as coisas como nunca antes. A política passa a ser vista de uma forma mais critica, separada da religião, reivindicando um campo próprio de atuação humana. É esse cenário que surge Maquiavel, marcando o período com suas obras realistas que revolucionou o pensamento político e as formas de pensar política.

Marco Maquiavélico

Mesmo não sendo mais voltado ao transcendente o pensamento político não deixou de ser idealista, até o renascimento a política era vista de forma idealizada, visando sempre o que poderia ser, ou seja, havia apenas filosofia política. O que marcou Maquiavel foi o surgimento da ciência politica, que, baseando-se em fatos históricos, faz uma analises relacionando os acontecimentos passados com as consequências presentes. A politica não é vista como poderia ser, mas sim como ela é. Revelando os bastidores das atitudes de quem está na disputa de poder, cujo senso comum despreza por comparar aos seus valores pessoais, ainda muito relacionados a filosofia política. Mas o jogo que envolve o fenômeno do poder é outro, não segue as regras de quem é governado. Para começar a entender melhor o que isso significa, Maquiavel, rompe com o pensamento grego, o qual, a ética estava integrada a política, ele sugere uma separação das duas que deveriam ser abordadas como áreas de conhecimento distintas. A partir de então, a política pôde ser analisada da forma que é feita, tornando mais claro o porquê das atitudes de um governante causar tanta desconfiança ou indignação para os que estão habituados ao idealismo da filosofia política.

Em O Príncipe, Maquiavel, explana os bastidores do jogo político através de seu conhecimento histórico e seu pensamento realista, opondo-se à herança idealista platônica e indo contra a hiper-moralização do homem como fez a igreja. Não seria o bem comum ou a conciliação que guia o homem, mas sim o poder e o conflito. Ele foi o primeiro a abordar o fenômeno do poder desacompanhado da glória e o conflito como algo positivo e natural no meio político. Em sua obra não há julgamento moral nas formas de agir de um príncipe, esse tem como objetivo o poder e a conquista, qualquer coisa para ser considerada certa ou errada depende das consequências que gerariam para seu governo e sua influência, não para seu caráter ou espirito. O jogo é pelo poder e as regras são feitas para conserva-lo, aqueles que entram no jogo apenas com 'boas' intenções e palavras bonitas ou é ingênuo ou está atuando na área errada, logo será engolido pelos que atuam melhor nesse meio. "Atuar" não só no sentido de ação, mas também de atuação, pois entre as boas qualidades de um político a capacidade de atuar é uma das mais primordiais.

“Em verdade, há tanta diferença de como se vive e como se deveria viver, que aquele que abandone o que se faz por aquilo que se deveria fazer, aprenderá antes o caminho de sua ruína do que o de sua preservação, eis que um homem que queira em todas as suas palavras fazer profissão de bondade, perder-se-á em meio a tantos que não são bons. Donde é necessário, a um príncipe que queira se manter, aprender a poder não ser bom e usar ou não da bondade, segundo a necessidade. ”
(O Principe, MAQUIAVEL, XV)

Imagem e Política

A influência platônica em nosso modo de pensar foi tanta que somos fascinados pelo mundo das ideias e pela verdade, ao somar com as imposições da igreja, nossa forma de ver realidade é sempre a comparando com as expectativas do que poderia ser caso todos seguíssemos certos preceitos, com ênfase em “todos”. Isso ficou enraizado no senso comum, é chocante ao ler Maquiavel e perceber que nossos governantes não se preocupam tanto com essas questões quanto gostaríamos. De fato, o campo da política não tem tanto compromisso com a verdade que tanto desejamos e se, por acaso em certo momento ter, seria por necessidade e não por dignidade. A articulação exigida nesse meio necessita que o político tenha uma postura flexível, acompanhando as mudanças do cenário político; ideologias ou opiniões não podem se prender a valores pessoais, esses são restringidos a esfera privada, ao se tornar uma figura pública o ser é substituído pela imagem; todos os recursos para influenciar as impressões sensíveis e superficiais são válidos e devem ser usados, para Maquiavel, o compromisso de quem está nesse meio deve ser com sua aparência e não com sua essência, com sua imagem pública e não seu ser individual, com o que pensam de você e não com o que você é. Ou seja, um bom político não precisa ser honesto, nem benevolente, muito menos compreensível, mas caso for virtuoso o suficiente, deve aparentar ser tudo isso em momentos estratégicos, ser capaz de beijar mil bebês diante das câmeras com a frieza de quem planejou cada sorriso dado, mesmo que, caso seja eleito, uma de suas primeiras ações será cortar a verba destinada a prevenção da microcefalia. Em um

mundo onde a imagem é nossa sina, a mídia domina a opinião das massas, a cena vira mercadoria e a capacidade de atuação não se restringe aos teatros, está presente no dia-a-dia do jogo político, o qual cada movimento dado é pensado em estímulos e respostas, caras e bocas, ataques e defesas; uma guerra em que as armas são discursos bem articulados, investimentos calculados e lobbys camuflados.

Alguns questionam a qualidade e racionalidade do conteúdo em um discurso de um candidato ou mesmo de um já eleito e possui um cargo de grande influência, a superficialidade com que abordam assuntos de extrema importância nem sempre é reflexo da falta de conhecimento de quem está discursando, mas sim de quem ouve esse discurso. A linguagem deve ser clara e simples, as relações de causa e efeito são desmembradas e distorcidas, hora com foco na causa e em outra no efeito, junto a frases de efeitos já mastigadas, torna o discurso de fácil absorção do que está sendo dito; acessível, não para uma melhor compreensão do que está sendo dito, mas para atingir o maior número de pessoas sem se comprometer diretamente com nenhuma delas. A forma com que as palavras são ditas é mais importante do que elas significam, de pouco adiantaria um discurso sincero e inovador ter expectativas de atingir o coração ou apelar a racionalidade dos quem estão ouvindo, caso isso só faça sentido para ele ou o grupo do qual está inserido, ou mesmo se sua aparência física for de mais fácil julgamento que as ideias expostas.

Foi feito uma pesquisa que demonstrou como a aparência física de um candidato influência diretamente em sua probabilidade de ser eleito, foi mostrado fotos de diferentes eleições americanas já realizadas para pessoas que desconheciam aqueles rostos e foi perguntado a elas quem venceu a eleição, apenas tendo acesso as fotos dos candidatos os entrevistados tiveram mais de 70% de acerto em quem foi o vencedor. Outra pesquisa relatou como somos sensíveis a qualquer discurso que somos expostos, por 20 minutos pessoas ouviram em uma seção sobre os benefícios de se tomar água, em outra como a idade afeta o corpo humano; ao saírem, grande parte das pessoas da primeira seção foram direto para o bebedouro e as da segunda pode-se perceber, através de medidores, como os movimentos

estavam ligeiramente mais lentos. Por mais que a razão seja vangloriada, nossos sentidos ainda são tomam conta de nosso julgamento sobre o que nos cerca, um discurso de fácil assimilação gera uma reação inconsciente e instantânea diferente de um mais racional que necessita de um tempo de absorção e reflexão.

Na verdade, o príncipe natural tem menores razões e menos necessidade de ofender: donde se conclui dever ser mais amado e, se não se faz odiar por desbragados vícios, é lógico e natural seja benquisto de todos. E na antigüidade e continuação do exercício do poder, apagam-se as lembranças e as causas das inovações, porque uma mudança sempre deixa lançada a base para a ereção de outra. (O Príncipe, MAQUIAVEL, Cáp II)

A preocupação da imagem na política não se deve ao fato dos governantes serem dissimulados ou indecisos, isso se deve as expectativas dos eleitores e a necessidade de o candidato suprir as mesmas. Um político não atua sem plateia. E esse precisa ser admirado não só por um grupo, mas sim pela maioria, caso um grupo represente a maioria, facilitaria para o governante saber quem privilegiar para manter ou assumir o mandato.

Mas não é preciso ser admirado por todos, muito menos haver uma homogeneização da opinião pública, pois o conflito, para Maquiavel, não é só saudável como também necessário na política. Principalmente o conflito interno entre os governados. Quanto mais dispersos e polarizados mais fácil é governa-los, pois estão ocupados demais discutido entre si para perceber as ações do poder sobre suas vidas e como esse provavelmente é a origem e possível solução de seus problemas internos.

Então mesmo que não haja inicialmente divergência entre a opinião dos governados, é saudável para o governo excitar algum conflito entre as bases, aparentar uma desordem e uma insegurança, faze-los acreditar que essas só podem ser resolvidas com pelo governo, faze-los acreditar que precisam ser governados de tal forma que cultivem a impotência e o patriotismo, por aparentar não haver outra opção. O governante que tiver êxito nesse aspecto terá um governo estável e de fácil controle

E, por que os homens, quando recebem o bem de quem
esperavam somente o mal, se obrigam mais ao seu benfeitor, torna-se o povo desde logo mais seu amigo do que se tivesse sido por ele levado ao principado. O príncipe pode ganhar o povo por muitas maneiras que, por variarem de acordo com as circunstâncias, delas não se pode estabelecer regra certa, razão pela qual das mesmas não cogitaremos.(O Príncipe, MAQUIAVEL, Cap IX)

Breve panorama contemporâneo

Com a consolidação do capitalismo esse processo se tornou mais cômodo aos detentores de poder, que agora podem oprimir seus governados de uma forma mais passiva e autossustentável. Em troca de uma quantia mensal os trabalhadores “livres” vendem seu tempo para produzir os bens que eles mesmos vão consumir depois que se tornarem obsoletos para os detentores de poder. Várias mudanças surgiram nesse tempo, mas o jogo político ainda é o mesmo, só que com novas ferramentas. Com o aumento da população ficaria difícil manter o controle sobre cada pensante que caminha pelas terras das leis, o surgimento das mídias facilitou o que antes era feito por acordos entre os príncipes e o papado para influenciar a opinião dos fiéis, agora o mesmo é feito pelos detentores do poder com os canais aberto de televisão para influenciar a opinião dos telespectadores.

Usando o Brasil como exemplo, onde a televisão é presente em 97,1% dos domicílios (eventualmente superando a presença da geladeira nas casas) o acesso a um meio tão abrangente de comunicação não é só uma grande ferramenta de manipulação como é o maior e melhor comercio de imagem pública que já existiu. Com a ilusão de ter o controle na mão, o cidadão escolhe voluntariamente a forma que vai se alienar, seja pelo canal de sua religião ou pelo seu jornal favorito. As opções no menu são vastas, desde o entretenimento puro e banal para atrofiar a percepção de quem assiste até a mudança de foco de um escândalo no mantado de um político para a criação de um escândalo na oposição.

Claro que o surgimento da mídia não mudou o jogo, apenas intensificou as características já existentes anteriormente, se há um grupo que domina a informação, certamente eles estão em conflito e o que a população percebe é apenas o reflexo distorcido da realidade apresentada pelas telas.

A relação que o homem tem com o poder, mesmo em um contexto diferente, meios diferentes e ferramentas diferentes, ainda permanece o mesmo. Aqueles que entraram no jogo com boas intenções ou foram engolidos pelos que atuam melhor nesse campo ou mudaram a si mesmos para alcançar ou manter o poder.

Os políticos atuais foram influenciados pelas obras e pensamentos maquiavélicos, mas o mesmo não ocorreu com a grande parte da população que é governada, ainda muito influenciada pelo idealismo platônico e os pensamentos voltados a filosofia política. Esse contraste deixa claro o porquê há tanta indignação por parte dos governados quanto a forma que o governo age. Mas hoje há um diferencial que nos permite ter a experiência empírica de ser uma figura pública. Através das redes sociais, cada um pode ter seu perfil e acessar os dos demais e assim perceber o distanciamento entre as imagens ali visualizadas e o ser que está nelas.

Mesmo que de forma menos intensa, o jogo de imagens e a atuação refletem o que ocorre na política. Ao presenciar esse cenário de pouco em pouco, abre-se possibilidades de um cidadão comum entender a relação entre o ser privado e a sua figura pública. Nesse processo, pode-se afirmar (de forma muito otimista) que, futuramente essa reflexão, ao expandir-se para o âmbito político, pode mudar a forma com que o cidadão comum vê a política e os governantes e consequentemente como o cidadão comum pensa a política.

Antes de imaginar como a política poderia ser, é preciso entender como ela está e a experiência da figura pública pode auxiliar um cidadão comum entender ao menos a relação entre imagem e o ser na política.

A relação de igualdade necessária para identidade entre termos singulares e a comunicação entre indivíduos que os compartilham

O sentido dessa seguinte frase está dispersa no ar? Qualquer um pode esticar a mão para alcançá-lo? Eu mesmo sou responsável por me fazer entendido ou há necessidade desse entendimento ser algo compartilhado e não subjetivo? Três perguntas são o suficiente para instigar o leitor a se interessar pelo que lê? A linguagem é algo realmente incrível, ao me debruçar no papel posso, a partir de algumas regras, curvas e retas, criar imagens e contextos que, apesar de eventualmente parecerem exclusivos de minha privacidade mental, são expostos pelas palavras corridas que escrevo. Demonstrando como, apesar de nossas diferenças, através de uma linguagem em comum podemos interagir sentidos e trocar referências.

Escrevo aqui acreditando que os meus pensamentos são relevantes ao serem expressos para fora de minha cabeça. Tento sustentar uma interpretação das sensações que me invadem e traduzo, ao menos minimamente, algum sentido que se preze nessa frase através de uma linguagem compreensível para um possível leitor. Se existir algum. Pode ser que exista apenas eu e minhas palavras aqui e agora numa realidade criada por mim mesmo. Sendo assim fico ainda mais perturbado por ter me posto nessa situação em que estou. Porque me esforçar tanto para me fazer entendido sendo que talvez nem haja um mundo a minha volta ou outros além de mim? Submetendo-me a horários e a instituições, formatos de arquivos, registros, cobranças e prestações. Se esse mundo eu criei, para que fazer as coisas duma forma que me importunam tanto? Ainda sim insisto aqui em me por no papel e acrescentar algumas linhas.

Bem que podia deixar-lo em branco. Encarar eternamente em meu tédio enquanto deslumbro o maravilhoso nada. Todas as possibilidades em aberto. A infinitude e seu vazio. Mas logo traço o primeiro risco delimitando esse potencial em algo aparentemente compreensível e então podemos interagir. Mas com quem? Não há apenas eu em meus devaneios?

Como o contraste da folha em branco com a tinta preta dá nitidez a escrita é de se esperar que exista um contrario oposto a mim, para assim, me conhecer a partir do que não sou. Sou o preto dessa folha. Se eu fosse pleno essa folha estaria completamente preta. Se não existisse nada ela estaria completamente branca. Reconheço-me nas palavras que aqui escrevo definindo meus traços pretos em constante balanço com o branco da folha.

Através desse meio vou explorando os limites. Até onde vou? Porque parar? O que escrevo ou deixo de escrever e o que me submeto a seguir ou a que ouso inovar sou eu em atividade. Me pondo da forma que não devo, como devo me por dessa forma. Não é como se pudesse escrever o que bem quiser, mas também não é como se eu não pudesse parcialmente estar fazendo isso agora. Há formatos a serem seguidos e até os conheço, poderia apelar para eles e fazer algo mais simples e consistente. Mas reelaborar uma intuição já desenvolvida sistematicamente seria subestimar a capacidade de elaborar intuições que estão se desenvolvendo agora. Não sei até que ponto posso sustentar algo assim, mas aqui expresso a tentativa de aproximar a liberdade dessa escrita ao compromisso do aprendizado que ela representa.

A conexão existente entre o conteúdo esperado nesse texto e os devaneios espontâneos registrados no mesmo, deixa implícita uma comunicação entre os contrastes do que é e o que poderia ser. Entre o que está sendo e o que deixou de ser. Sou representado não só pelas palavras que aqui escrevo, mas pelas que me faltam também. Minha finitude não é anulada pelo infinito que não sou. Por isso não vou fingir que conheço o suficiente para fazer referencias precisas e invejáveis. Contento-me aqui com o melhor que posso para além das rígidas estruturas que me avaliam agora. Tornando esse texto, talvez, um desastre absoluto, mas ao mesmo

tempo abre possibilidades para interpretações que não ocorreriam caso cada frase fosse tão precisa quanto deveria.

Numa seqüência de tentativa e erro torna a experiência dos envolvidos tão necessária quanto o momento que isso será irrelevante.

Ao compreendermos que o foco daquele que escreve é a igualar a relação entre quem escreve e quem lê, pequenos desentendimentos e contradições vão convergir num conjunto que é expresso por suas partes com diferentes formas e vontades. Em meio essa pilha de papel estão palavras em preto delimitadas numa folha em branco, que trazem um lapso de sentido para me compreender através daquilo que não sou. Em minha finitude, desenvolvo num processo de aprimoramento infinito, constante e dinâmico, animado por um espírito filosófico que me motiva a entrar em contato com diferentes seres que exercem sua liberdade e assim compartilhar através da escrita essa realização em coletivo.

Quando comecei, minhas palavras eram toda a realidade que eu conhecia. Ao decorrer do texto a compreensão do que consiste a realidade foi expandida quando reconheci que há um oposto a mim. Esses contrastantes pertencerem a uma totalidade expressa pela existência que abrange tanto a infinitude da folha em branco quanto à finitude das palavras nela escrita. Assim posso exercitar através desses contrastes a necessidade da minha auto-compreensão, reconhecendo-me ao compreender que dependo de um oposto que me delimite sem anular completamente o que sou.

Introduzo ao nosso artigo conceitos conhecido por poucos, mas compartilhados por muitos, mesmo aqueles que não conhecem as teorias fregeanas. O objetivo aqui é tornar um conhecimento clássico em algo acessível.

A filosofia, sobretudo, a filosofia da linguagem possuem problemas seríssimos quanto à linguagem e a forma como ela é utilizada. Muitos se indagaram quanto aos limites e limitações desse incrível instrumento de comunicação e em pleno século 21, famosa era da informação, nos submetemos a abusar desse meio com

um vocabulário demasiadamente enxuto e desnecessariamente intrincado sem mesmo sabermos o potencial de uma escrita leve e receptiva a diferentes públicos. Num mundo globalizado é de se esperar que as relações entre diversidades se intensifiquem cada vez mais, a reação mais comum é reafirmar nossas referências locais com medo de perdermos algo precioso e cobiçado na modernidade: a identidade. Porém essa reação se confronta com uma de nossos instintos mais primordiais como um animal social, tentar resistir às trocam de referências é negar algo que já acontece naturalmente e que sustenta forma como nos relacionamos.

Antes mesmo de elaborarmos nossos primeiros gaguejos já conversávamos através de gestos e expressões. Elas dizem muito sobre o momento presente e o que está ao redor. Ao decorrer da evolução surge essa necessidade de transmitir a nossa perspectiva perante o mundo a nossa volta não apenas se referindo aos acontecimentos do presente, mas também a tempos distintos e objetos mesmo quando distantes. Um meio capaz de comunicar não apenas o momento presente ou o que está ao redor, mas também de elaborar pensamentos complexos e críticos a realidade. Nomes carregam imagens e frases criam cenas. Podendo ser apreendidas através de uma relação de igualdade. Seja numa perspectiva lógica como igualdade de termos afirmando sua identidade (a = a) ou como aqueles que transmitem, recebem e compartilham do sentido extraído dessa igualdade de referências. A partir disso é possível uma conexão entre o pensamento, não aquele que lhe acompanha diariamente na sua cabeça, mas um compartilhado entre aqueles que pensam e existente de forma independente dos pensantes. Aqueles que pensam necessitam dessa igualdade da mesma forma que suas referências para que haja um sentido compartilhado entre diferentes pensamentos.

Mesmo que tenhamos a impressão que uma relação de identidade envolva a univocidade de um termo singular, ela possui implicitamente uma relação de dualidade. Da mesma forma que o indivíduo se reconhecido através do outro os termos singulares estabelecem relações de identidade com diferentes referentes. Para haver uma identidade é necessário haver uma dualidade ou até uma diversidade para reconhecê-la como tal. O modo como estruturamos a linguagem

diz muito sobre como somos interiormente ao mesmo tempo que entra em contato com uma inter-subjetividade, não há como falar da linguagem sem envolver quem a utiliza.

Conclusão

A linguagem é estruturada na imagem e semelhança daqueles que a utilizam. Segundo Frege é necessário numa relação de igualdade entre os termos singulares para haver uma identidade. O entendimento de uma frase não depende exclusivamente da linguagem utilizada, mas do reconhecimento entre as referências utilizadas (verbais ou não verbais). Como para uma subjetividade se conhecer como tal é necessária outra para reconhecê-la. Numa relação de identidade está implícita uma relação de dualidade. A linguagem não determina ou delimita o sentido, mas expande suas referências ao serem compartilhadas.

Ao tentar transmitir um sentido através da linguagem, as referencias podem ser alteradas de acordo com o contexto e os conhecimentos adquiridos daquele que transmite. Seu sentido é compartilhado e não exclusivamente subjetivo como explicitado pela negação de Frege ao antipisicologismo solipisista.

Logo a relação de igualdade é necessária não apena aos termos singulares, mas também aos indivíduos com uma linguagem em comum e ao compartilharem sentidos expandem suas referências e suas identidades ao entrarem em contato a partir da inter-subjetividade.

Há um real que independe do ser humano

Há um real que independe do ser humano.

Apesar de Descartes em suas Meditações Metafísicas afirmar que é mais fácil para nós reconhecermos a existência do pensamento (produção espiritual) do que a existência de nosso corpo, é mais comum perceber e considerar a realidade partindo do que absorvemos pelos órgãos de sentido do que ousar questionar se há algo além disso.

Felizmente não são todos que se contentam com que é imposto a mente.
Intuição original da filosofia primeira.

Parmênides, iniciou a reflexão ontológica no ocidente a procura da origem de onde, do qual e do que as coisas são feitas. Todo elemento concebível é quase sempre um ser. O que caracteriza todas as coisas é que elas são e inevitavelmente compartilham isso, uma Ipseidade absoluta (identidade total e plena).

Logo a linguagem e o pensamento só podem expressar o ser. O discurso sobre o não ser, segundo Parmênides, é uma glossomania, um conjunto de palavras sem significado, pronuncias de um som sem significado real. O que resta a linguagem é a mera tautologia, reiterar ad nauseam aquilo que é em sua unicidade. Porém ao falar do não-ser, há uma contradição performativa, pois ao nega-lo, indiretamente e de forma implícita, afirma sua existência.

Platão, o pensador do diferente, ao basear-se sua ontologia na heterogeneidade quebra a visão parmênica do ser como identidade. “É preciso matar nosso pai, parmenedes” cometer “parmecídio”. Reformulando criticamente a ontologia eleática ao repensar o estatuto do não-ser (meontologia) e elaborando uma heterologia. A

impossibilidade de dizer o que não é de Parmênides sustentou o sofismo de muitos, Platão, os reconhecendo os sofistas como “artesões do erro”, responde que o não-ser é e corresponde à realidade como um discurso falso ou errôneo. Em Teeteto busca definir o saber (epistem), paradoxalmente não chega a um resultado positivo, infelizmente nada sabemos acerca do saber, mas no diálogo o Estrangeiro de Eleia afirma “O falso existe”.

Não fora Aristóteles que compunha a metafísica como obra que chegou até nós. Foi o resultado do trabalho editorial de Andrônico de Rodes que compilou os quatorze tratados, que Aristóteles compôs originalmente de forma independente, relativos a ciência primeira. Logo a Metafísica que conhecemos não é um livro comum, unitária ou homogenia, mas sim uma coleção de tratados heterogêneos. O conhecimento empírico carece do por que relacionado a causa do que foi experimentado, o experto sabe reconhecer a regularidade dos fenômenos, mas desconhece dos princípios causais. O termo ser tem múltiplas significações, mas não há uma hegemonia, segundo Aristóteles.

Inicialmente o termo metafisica não tinha nenhuma intenção filosofia implícita, o termo metá era empregado em um sentido puramente referente a cronologia e não ao transcendental. Posteriormente alguns interpretes consideram o termo com uma profundidade filosófica.

A ciência filosófica magna, propriedade mais fundamental do ente, discurso ontológico geral. Considera-se a ciência transcendental das experiências empíricas para poder alcançar o fundamento absoluto da constituição das coisas.

As obras de Aristóteles impactaram severamente nas estruturas rígidas da Igreja na Idade Média. Sua ideia de um Deus indiferente junto a negação do transcendente e do criacionismo fez com que a Igreja reagisse com censura, proibindo o ensino e a simpatia dos seus fiéis a filosofia ou, como chamavam, “dos dialéticos”. Foi São Tomás que dedicou sua vida a conciliação da sua origem teológica junto a suas

descobertas filosóficas para reaproximar conhecimentos que se interpenetram por estarem na mesma busca.
O pensamento filosófico contemporâneo é considerado "pós-metafisico", criticando fortemente suas vertentes (anti-metafísico). Kant pode ser entendido como o primeiro filosofo a voltar críticas radicais a metafisica. Ao aplicar a razão critica na metafísica, Kant, conclui que ela não poderia ser tida como ciência, afirmando que "conceitos sem intuição são vazios, apenas jogos de ideias não criam consistência por si só, a metafísica é uma ilusão". Não só ele, mas também, Nieztche, a desconstrói "A metafísica, a caluniadora da vida" "o homem que ama a vida radicalmente não necessita da transcendência".

Assim, desmistificando a metafisica como ciência do saber último, Kant, depois de destrinchar a metafisica tradicional propõe uma reciclagem de ideias, retirando o caráter de ciência e atribuindo um novo: o método transcendental. Diz respeito não aquilo que se diz além de toda a experiência possível, mas sim o que há de mais primordial em tudo que é possível anterior a intuição sensível (a priori).

Mesmo seus críticos admitem a relação intrínseca entre a metafísica e nossa mente, o próprio Kant chega a afirmar que ela é uma "manifestação irresistível da razão humana" e Heiddegger reforça que "o ser humano é o único ente que se interroga sobre o ser".

Seja negando-a ou a afirmando, não há como ser indiferente a metafísica, mesmo aqueles que a criticam reconhecem sua magnitude e não se calam perante ela. O filósofo protagonizado nesse artigo viveu em um tempo de grandes conflitos metafísicos que dividiram a sociedade de sua época. Iniciou como teólogo e, mesmo sua religião o influenciando a permanecer fiel em negar a razão, São Tomás de Aquino dedicou sua vida a aproximar esses conhecimentos, que mesmo por caminhos aparentemente dispares, convergem para o mesmo fim: a busca por respostas sobre a realidade que independe do ser humano.

Quem?

Nativo de Roccasecca, perto de Aquino (Reino das Duas Sicílias), em 1225. Iniciou seus estudos com os monges beneditinos da Abadia de Montecassino. Cinco anos depois estuda na Abadia de Montecassino e posteriormente, em 1244, entrou para Ordem dos Dominicanos. Não permaneceu muito na mesma, após um ano, para continuar sua formação teológica com Alberto Magno, mudou-se para Paris. De 1248 a 1252 permanece em Colônia, ainda dedicado a teologia, mas volta a Paris, onde obteve, em 1259, seu título de doutor em teologia o mesmo ano que escreve o Comentário Sobre as Sentenças e a Suma Contra os Gentios. Lá trabalhou como professor e antes de falecer retorna a Itália. Morre, aos 49 anos, próximo a sua cidade natal, no convento dos cistercienses de Fossanova em 7 de março de 1274.

Como desconhecia a língua original das obras mais clássica, Tomas, buscou suas fontes em autores profanos e através das obras traduzidas em latim. Muito influenciado por Santo Agostinho e, claro, seu mestre Alberto Magno.

Durante sua vida presenciou o choque entre os conhecimentos obtidos pela fé e os conhecimentos obtidos pela razão. Um momento de conflito em que a igreja estava com suas influencias ameaçadas, perdendo seu poder político. Os teólogos eram instruídos a não fazerem “ostentação de filosofia” e evitarem os dialéticos (como eram chamados os filósofos).

As obras de Aristóteles chocaram-se com os dogmas religiosos, principalmente pelo Deus aristotélico contrastar fortemente com o Deus da Igreja. Sendo até proibido o ensino de suas obras.

Nesse cenário nosso protagonista, Tomas, dedica-se a aproximar esses dois polos em sua época, cristianizando a filosofia aristotélica.

A mistura que compõe a originalidade de sua metafísica parte da diferença entre a relação de essência e existência para Aristoteles e São Tomas. Para o primeiro a relação seria apenas lógica, já o segundo há uma relação ontológica.

Essa diferenciação origina-se na concepção de cada um perante a gênese do mundo. Um pensa Deus como causa das demais coisas existentes e o outro pensa Deus como criador das coisas existentes. Como causa, seria indiferente a existência que gerou e uma essência como o bem, o uno ou o pensamento; como criador, seria a Essência que possibilita a existência das demais coisas de forma contingente.

É na conciliação entre a filosofia e teologia que Tomas marca a história em seu tempo e consolida a originalidade ao aplicar analogia ao ser, esclarecendo como um termo tão abrangente pode não se dispersar perdendo sua consistência ou sua capacidade de orientar a ordem objetiva da pesquisa metafísica.

O ser de São Tomás

Se encontra especificamente em tudo que o cerca, longe de uma abstração vazia como acusaram os contemporâneos. O que concebemos espontaneamente com familiaridade por compartilharmos nossa origem pelo criador em comum.

Sua onipresença absoluta impossibilita que haja algo além, relembrando Parmênedes "fora do ser nada há" e como ele, Tomás também sofrerá críticas e motivara sofistas sustentarem seus argumentos. Mas independente de uns concordarem e outros não, mesmo que aparentemente divergentes "todo juízo, tanto negativo como afirmativo, é uma síntese de dois termos no ser" (Iniciação a filosofia de tomás de aquino, H.D. Gardeil, p 311). Mas como pode, percebemos os outros com tantas diferenças, é possível todos os entes serem sintetizados em um único termo?

Aristóteles dividiu sua metafísica em duas premissas: 'aquilo que é' e 'o que é aquilo que é'; correspondentes a substância e essência do objeto. Um representa o ser concreto no mundo e o outro as abstrações que nosso intelecto consegue fazer a partir da existência desse ser. Por mais que a substância altere suas propriedades devido à variação de tempo, sua essência permanece a mesma. Por isso, segundo

ele a essência da substância é o que permite nosso intelecto definir algo, “é estabelecer aquilo que a coisa é, e não pode deixar de ser” (G. Prudente, p 63).
Diferente de Aristóteles, que considerava o mundo eterno, incriado e movido por um motor primeiro, São Tomás acreditava que o mundo fora criado por Deus e, portanto, teve um princípio. O problema então não se limitava apenas com a movimentação do universo, mas, agora, também com a sua origem. Deus é único ente simples e necessário por si só, simples por ser ato puro e necessário por si só, pois sem uma origem criadora, a hierarquia existencial iria tender ao infinito e ao ilógico. Diferente dos demais entes duais que estão entre o ato e a potencialidade, analogicamente ligadas a sua existência e sua essência. A relação entre elas consiste na existência ser a atualização da essência. Não mais separáveis só pela razão como na visão aristotélica.

Tendo como bases esses preceitos metafísicos, a filosofia árabe passa a examinar a essência e existência nos seres contingentes. Esses não existentes por si só, a essência não pode conte-la, então sua relação deveria ser de exterioridade. Todos entes duais podem ser concebidos sem sua existência, apenas O Ser supremo possui sua essência como sua própria existência, é uno. Sem ele os demais seres não poderiam existir, necessitam de uma causa para isso e por isso é necessário um ser em ato puro para originar as possibilidades.

São Tomás parte do mesmo pressuposto da criação do mundo, mas a ideia de um Criador não é explícita para os homens, caso contrário não haveria dificuldades em reconhecer sua existência, muito menos contradições acerca da mesma. A analogia feita pelos árabes não satisfez São Tomas, “somente a casualidade, por sua própria estrutura, é capaz de expressar de modo necessário a relação entre Deus e a criação.” Indo contra a concepção dos filósofos que o antecederam, a qual a existência era expressão da essência, Tomás inverte essa relação, a existência Dele precede qualquer essência e é a causa e o fim de todos os demais entes. Só através do conhecimento empírico absorvido pela sensibilidade humana é possível conceber a ideia do Criador uno.

Tanto em Aristóteles quanto na filosofia árabe há uma inversão entre a Ontologia e a Lógica, Tomás, através de sua doutrina do criado uno, reordena essa relação com a ideia da existência primeira, chamada de existência simpliciter. "O ato de existir é ontologicamente anterior a tudo o mais", para nós é necessário existir para abstrair a essência e só é possível abstrair a essência daquilo que existe. Sendo a existência tão primordial, São Tomás a dividiu em existência primeira e existência segunda para se referir as que são absorvidas pelos nossos sentidos e as que são abstraídas pelo nosso intelecto. Para ele a causa da existência segunda é a primeira e caso não o fosse "o intelecto corre o risco de ser imobilizado por um regresso ao infinito. A cadeia causal deve ter um início: uma causa primeira não causada: Deus." (O Conceito de existência em São Tomás de Aquino, G. Prudente, p 86)

A inovação por parte de Tomás sobre a metafísica Aristotélica é demonstrar através da existência simpliciter como princípio da Ontologia e não a substância. O universo não é eterno, mas sim criado por um Ser simples que causa os seres compostos. O homem pode pela sua inteligibilidade abstrair a essência dos que existem através Dele.

"Para São Tomás, teremos frequentemente a ocasião de repeti-lo, o ser implica sempre necessariamente esse aspecto complexo de uma essência que atua uma existência como sua perfeição"

A analogia do ser

Em resposta as limitações humanas perante a inteligibilidade dos aspectos divinos e a nossa incapacidade de conhecer os desígnios divinos, São Tomás, para revelar a semelhança na diferença, mesmo que com dificuldades, recorre a analogia para tornar possível a comparação dos gêneros catalogados pela mente humana e a real natureza divina.

"Somente a analogia, que é uma espécie de conhecimento aproximativo (a partir daquilo que é mais conhecido a nós, ou seja, o que pode ser objeto de

experiência) daqueles objetos que estão para além de qualquer possibilidade de definição ou demonstração135, poderia, por sua vez, revelar algo sobre a natureza divina.” (Iniciação a filosofia de tomás de aquino, H.D. Gardeil, p 314)

Livre?

Ângela escolheu fazer medicina por pressão de sua família. Ângela é livre?

Cleber escolheu viver isolado da sociedade, em sua cabana improvisada de madeira e palhas. Cleber é livre?

Adamastor está preso por escolher desviar dinheiro dos cofres públicos para o seu bolso. Adamastor é livre?

Pedro escolheu deixar sua vida nas mãos de uma força maior, devotando suas decisões e vontades submissas a religião que acredita. Pedro é livre?

Romário desistiu de sua carreira de piloto, pois é muito alto para pilotar um jato. Romário é livre?

Carol não fala mais com seus melhor amigo de infância pois o seu namorado a proibiu. Carol é livre?

A necessidade do fato social para consolidação de uma ciência social

Resumo: O conhecimento humano foi propagado graças a nossa incrível capacidade de elaborar histórias sobre os acontecimentos que nos afetam. Durante milhares de anos a forma como o mundo se apresentava para nós se dava a partir de interpretações de diferentes culturas, cada cultura compartilhava de suas próprias explicações para manterem sua organização interna e se relacionarem com as demais. Com o surgimento do método científico o processo de desenvolvimento e propagação do conhecimento mudou drasticamente, logo o modo como essas culturas interagem e propagam seu conhecimento também. A rigorosidade do método filtrou as interpretações locais para lidar com fatos universais, consolidando um diálogo racional sobre o mundo e como ele funciona. Comprometido com os fenômenos existentes como são e não como julgamos ser. Émile Durkheim apropriou desse método para fazer da sociologia uma ciência. Distanciando-se das interpretações de como a sociedade funciona criou o fato social para consolidar um diálogo racional sobre a sociologia e como ela funciona.

Desde que aprendemos a nos comunicar atribuirmos sentido aos acontecimentos externos e internos na tentativa de compreender e compartilhar como somos afetados. Essas sensações que nos invadem são intensas e parecem que exigem de nós uma reação que se expressa de diferentes formas dependendo do contexto inserido. Para cada modo de se viver, uma história a ser contada. Sentimos a necessidade de vivermos essa história e muitas vezes nos confundimos com ela, atrelando nossas crenças e valores às interpretações que teremos do que está sendo apresentado. Nos envolvemos com a trama e por estarmos envolvidos deixamos com que nossas emoções interfiram em nossas conclusões.

Por um bom tempo a sociedade transmitiu seus conhecimentos a partir de contos/histórias. Cada cultura possuía suas próprias explicações para os acontecimentos externos e internos que compartilhavam, baseadas muito no modo como viveram e encararam as dificuldades para se manterem vivos e manterem minimamente sua organização. Essas explicações continham implicitamente um código de como deveriam se comportar. Envolvendo diversas pessoas na mesma trama para que suas crenças e valores sejam atrelados e assim facilitar o convívio entre os grupos que esse envolvimento formava.

Mas esse modo de transmitir conhecimento, apesar de bastante eficaz quanto a seu papel de estipular um código de conduta, por serem compartilhados através de histórias com elementos locais e afetivos dificultava a consolidação de um conhecimento mais consistente. As culturas deixavam com que suas interpretações quanto aos acontecimentos fossem influenciadas por se envolver emocionalmente com suas histórias. Os acontecimentos mudam e as histórias permaneciam as mesmas. Esse vínculo afetivo com as explicações que regiam o modo de viver até então distanciava a possibilidade de uma nova perspectiva perante as mudanças que acontecem independentemente de nossas emoções.

Para acompanhar o ritmo dessas mudanças surge a necessidade de um novo meio para transmitir o conhecimento sem que esse esteja atrelado a crenças e valores de determinado contexto e cultura. Um meio que nos permite atribuir sentidos aos sem

que nosso envolvimento emocional influencie nossas interpretações perante os acontecimentos.

Surge então o método cientifico com a proposta de consolidar um conhecimento com maior comprometimento a forma com que ocorrem os acontecimentos do que a forma como somos afetados por eles. Se antes nos contentávamos com nossas histórias perante a realidade, agora vamos direto ao que ela tem a dizer sobre si mesma e não o que achamos dela. Não mais baseamos nosso conhecimento em interpretações, mas sim num dialogo através de fatos.

Para isso ser possível foi necessário um conjunto de regras com uma estrutura rígida e exigente justamente para filtrar as opiniões das teorias, mas que também fosse maleável e acessível para não estagnar em dogmas ou restringir-se a soberania de um grupo.

O método revolucionou o modo como a sociedade adquire, transmite e transforma o conhecimento. Nossas fórmulas e teorias ergueram mais monumentos que qualquer história divina contada pelos anciões. A partir do conhecimento que adquirimos dialogando com a realidade, deixamos de nos contentar em apenas sermos afetados pelos acontecimentos e passamos a interferir diretamente com nossas próprias influências. O progresso científico impulsionou o desenvolvimento da humanidade e suas tecnologias. Mudou drasticamente como interagimos. Se antes a interação entre grupos se dava pelo envolvimento emocional de historias que compartilhavam de vivências próximas pertencentes a cada cultura, agora se dá através de um dialogo aberto e racional independente de vínculos afetivos. Mudamos não apenas como interagimos com os acontecimentos, mudamos também como interagimos entre nós mesmos.

O convívio social se intensificou com as revoluções industriais acarretadas pelo desenvolvimento científico. A formação de cidades concentrou pessoas e ideias antes dispersas em grupos fechados. Muitas histórias surgiram de como essas mudanças iriam nos afetar, mas, é de se esperar que, diante e tanto progresso

utilizando o método cientifico, a elaboração de conhecimentos através de historias ficou desgastado e o conhecimento exige, daqueles que desejam compartilhá-lo, o rigor estrutural do método.

Quem atendeu essa demanda foi Émile Durkheim que não se contentou em contar estórias sobre como achava que a sociedade se organizava, mas se dispôs a elaborar um conhecimento pautado no método cientifico para descrever essa organização. Para isso foi necessário um elemento essencial para constituição desse tipo de conhecimento: o fato. Será esse o tema trabalhado nesse artigo, a consolidação do conceito de "fato social" estipulado por Durkheim para tratar a sociologia como uma ciência.

A filosofia divaga entre as diversas possibilidades de explorar a infinitude bela e assustadora de nossa ignorância. Em sua etimologia já há um juízo de valor ao revelar seu amor ao saber. A sociologia de Durkheim não está preocupada com problemas normativos, para torná-la uma ciência ele busca descrever como a sociedade funciona a partir de fatos e não julgar como poderia ser através de adjetivos. Não há juízo de valor.

A biologia, na visão de Durkheim, não foi à melhor forma de explicar a ação humana. As regras derivam de regras, a existência das regras é eminente ao fato social e não de fenômenos naturais ou foram herdados dos nossos antepassados.

A psicologia em seu estudo pelos mistérios na mente humana considera a existência de um indivíduo autônomo. Caso a sociedade fosse formada por um conjunto de indivíduos seria possível uma melhor comunicação de suas subjetividades. Porém, a sociedade é formada por um conjunto de grupos, os indivíduos são apenas expressões desses grupos. O fato social é coletivo. No limite da teoria de Durkheim, não há indivíduos.

O limite da sociedade é onde a regra não existe, um estado de anomina. A sociedade é um conjunto de regras, sendo assim possui implicitamente a

possibilidade do rompimento dessas regras. A quebra da regra é eminente a existência dela, logo a sociedade (conjunto de regras) não pode ser desvinculada do crime (a quebra da regra). Se há o freqüente desrespeito por essas regras, o problema não são aqueles que a rompem, mas sim as próprias regras. Não que a ausência delas seja a solução, mas é esperada uma coerência e eficácia das regras que regem nossos comportamentos. A freqüente quebra da regra é um sintoma da falta de concernimento e credibilidade das atuais normas regentes. Indicam uma necessidade de mudança. A violência como resposta apenas admite a incapacidade de conciliar as antigas estruturas das instituições com as novas demandas da sociedade.

É necessário a coersão social para manter o funcionamento minimamente estável das relações entre os grupos e as influências de seus poderes. Aqueles que já nascem num sistema com estruturas fundadas e papéis estipulados naturalmente compartilham duma pré-disposição a seguir as tendências do contexto que está inserido. Caso haja um comportamento de um membro que fuja as convenções do grupo, o membro será reprimido e/ou marginalizado. Assim os grupos reafirmam suas características aproximando aqueles que as aderem e distanciando aos que as negam.

Desde o berço as estimadas salas dos cargos de alto escalão, não só as grades do primeiro ou paredes do segundo delimitam a visão, mas as ações e escolhas também são delimitadas pelos grupos que representam. A exterioridade dessas estruturas ao indivíduo faz com que, por mais que algum as negue e conteste essas, não haja como escapar da padronização da ação humana em grupos. É exigido dos indivíduos a aprender a adequar-se a essas ações.

Incorporada em instituições que independem da existência do indivíduo e suas indignações, o fato social é coletivo. As regras surgem de regras, não de indivíduos. A consolidação dessas regras se dá através da generalidade, comportamentos e características compartilhadas por grupos e/ou pela sociedade.

O fato social permite a consolidação de um estudo dos fenômenos sociológicos. Diferencia-se dos antigos modos como as diferentes culturas concebiam suas influências por atribuir em suas observações uma perspectiva científica. Além de recorrer às histórias de como os grupos funcionam, a sociologia estuda as ações padronizada. Distanciando das interpretações para aproximar-se dum modelo descritivo da sociedade.

A sociedade consiste num conjunto de grupos que compartilham de regras/normas. Algumas correntes de pensamentos como a filosofia, a biologia e a psicologia, são evitadas por Durkheim para não comprometer sua pretensão de, a partir da criação do fato social, tornar a sociologia uma ciência. A exclusividade da ação humana se deve ao surgimento da necessidade de regras que vão além das naturais. A partir dos conceitos de coersão social, exterioridade ao individuo e da generalidade o fato social permite uma análise metódica dessas regras e como elas se relacionam com os padrões reconhecidos nas ações humanas e os que grupos formam a sociedade.

Além do tempo e do espaço

O nascimento é algo curioso independente da perspectiva adotada por quem contempla tal fenômeno. Ao nascer, o homem, seria apenas uma folha em branco que ao decorrer de sua existência, registra experiências empíricas guardadas misteriosamente em sua psique e ao morrer leva consigo todo esse conjunto; ou seria apenas um meio físico para a psique preencher essa folha em branco com suas experiências não apenas individuais, mas também coletivas e compartilhadas em um nível inconsciente entre suas semelhantes.

Como se não bastasse, nascer também é o início de diversas outras curiosidades que esse ato gera. Até seus primeiros anos, um bebê não consegue identificar um adesivo grudado em seu corpo, pois não possui noção de ego e ao ver-se em um espelho veria a si mesmo como apenas mais uma imagem captada pelos seus olhos; após esse curto período o ser passa a se reconhecer e a partir daí surgem diversas outras dúvidas, entre as principais estariam: quem sou eu? O que faço aqui? Para onde vou depois? Inocentemente imaginamos que a própria vida revelará esses mistérios aos poucos e progressivamente, dependendo apenas da paciência e da vivência do individuo, porém não é bem assim que se procede. Contemplar apenas a vida para lidar com a dúvida que ela mesma traz, seria como contemplar uma flor, que pode chamar mais atenção que sua raiz mesmo que sem essa sua existência seria insustentável.

Sem a noite, não existiria a noção do que é dia; sem a repugnância, não existiria noção do que é belo; sem o som, não existiria a noção do que é silêncio e sem a morte, não haveria noção do que é a vida. Da mesma forma que para um ser imortal a morte é desconhecida, os que não compartilham de tal privilégio não conheceriam o que é vida sem conhecer o que dá sentido a ela, ou seja, a morte. E como o som, a vida não deve temer o que a extingue momentaneamente. Essa perspectiva não é muito compartilhada no ocidente, onde dogmas, principalmente religiosos, contribuíram para a morte ser tratada como tabu, um assunto que deve ser evitado,

dificultando a proliferação de idéias e respostas que apenas a partir da reflexão seria possível reconhecer o impacto que a morte, ao ser previamente abordada, teria em nossas vidas. Felizmente isso não impediu de algumas mentes ousadas se sentirem mais a vontade com visão oriental sobre a morte e assim iniciar reflexões que gerariam pesquisas e viagens tanto pelo mundo quanto pelo intelecto. Nesse texto serão contempladas perspectivas de algumas dessas grandes mentes que dedicaram sua vida ao estudo e reflexões sobre a morte e como essa se relaciona com outro fenômeno igualmente curioso para nós, o sonho.

“Lembrava muito São Paulo capital, as ruas confusas da cidade que cresceu rapidamente, as estruturas cinzas que ganhavam cor e vida com grafites, o mistério que sondava as possibilidades surgidas daquele caos. Mas havia uma tranqüilidade sem igual, apesar de confuso e de desconhecer aquele lugar, me sentia a vontade, estava muito empolgado por estar ali. Diferente dela, que caminhava muito serenamente, demonstrando sua familiaridade com o local, exaltando um tédio que só os sábios conhecem quando estão em sua zona de conforto. Seu passatempo durante a caminhada era observar os insetos lutando pela sua sobrevivência, o meu era enchê-la de perguntas inocentes demais para motivá-la a quebrar seu silêncio sempre duradouro; mas, ou pela insistência ou pela empolgação, ela chegou a responder quase duas de minhas dúvidas. A primeira foi ‘o que você mais gosta daqui?’ e ela respondeu ‘Aqui eu me sinto leve’. A segunda foi mais complexa e menos pessoal, não sabia quanto tempo havia se passado, mas o sentimento da distância se aproximando entre os silêncios da caminhada me faziam perguntar insistentemente a ela ‘Como faço para ficar aqui?’. Não me lembro se ela chegou a me dizer o que íamos fazer, mas em resposta a minha pergunta, começou a me levar a uma região mais obscura da cidade, entre vielas e tubulações entramos em um beco. Dentro do local havia seguranças e misteriosas cápsulas prateadas em fileira, andamos até a penúltima, ao abri-la, a baixa temperatura mantida pela cápsula se condensava com a umidade do recinto, fazendo surgir em sua volta uma misteriosa fumaça e em meio sua opacidade vi meu corpo nu e inanimado. Ela esticou sua mão e levemente a encostou em minha cabeça, instantaneamente senti um intenso formigamento em minha vigília, a ponto de desestabilizar minhas pernas e me

deixar caído no chão. Um breve breu. Meus olhos se abrem. Demoro a entender que estou em meu quarto e nas últimas horas meu corpo estava o tempo todo confortavelmente entre o estofado do colchão e os lençóis.”

O relato acima se trata de um sonho. Nele as percepções do ambiente e do que se passava - captados pelos sentidos - eram complexos, os lugares e pessoas encontrados tinham detalhes e profundidade, a vivência foi guardada e agora é lembrada de forma abstrata como outros acontecimentos presenciados pelo estado de vigília. Diariamente usamos justificativas parecidas com as características citadas acima para identificar a realidade que estamos, sustentando-se na crença que nossos sentidos são estáveis e absolutos, que nossa consciência é refém do corpo e que todos os acontecimentos vividos fora do estado de vigília são submetidos ao estado de vigília.

“Apenas ao acordar ou retomar a lucidez é que subclassificamos nossa consciência onírica anterior e reconhecemos as suas distorções. Duas questões se levantam: é possível que nosso habitual estado de consciência da vigília seja igualmente distorcido? Se assim for, existe algum modo de acordar e passar a ser lúcidos em nossa vida cotidiana?” (R.Walsh e F.Vaugan, Caminhos Além Do Ego pág 82)

Ao sonharmos podemos ter vivências extraordinárias como ver-se de costas ou teleportar-se, considerados distorções pelas percepções do estado de vigília. Porém pouco reparamos que nele também há distorções, como sentir o olhar de alguém mesmo de costas ou estar numa constante corrente de pensamentos trocados entre nós e as pessoas que entramos em contato. Apesar do conteúdo que se passa em nossa mente parecer estritamente pessoal e limitado ao nível do individuo, ele está inconscientemente inserido em uma complexa rede interligada coletivamente.

“Nas tradições antigas, o psicótico era considerado uma pessoa sagrada porque, com suas antenas extremamente sensíveis, tomam a si fatos negativos e destruidores da sociedade em que vivem, expressando um certo número de

sintomas que são os sintomas desta sociedade.” (Jean-Yves Leloup, Além da sombra e da luz, pág 31)

Os nossos sentidos são como estações de rádios, captam freqüências e estão sujeitos a oscilações. No estado de vigília em pleno funcionamento (ou seja, o que adotamos como referência um estado de “sanidade”) os sentidos captam a realidade como habitualmente a reconhecemos. Porém nem sempre o estado de vigília consegue se manter estático. Caminhadas que duram anos, estados de jejuns intensos ou a ingestão de certas substâncias podem desestabilizar os sentidos, fazendo-os oscilar e captar outras frequências que antes estavam presentes, mas não foram sintonizadas. Ao olhar para uma parede branca de concreto, no estado de vigília pleno, ele é estático e constantemente branco, alterando esse estado, a percepção dos sentidos muda e detalhes antes ignorados se revelam, maravilhando ou assustando aquele que os presencia. O concreto já não é mais tão estático e o branco já não é tão monótono, os traços da parede se ondulam e a reflexão de todas as cores é apreciada com mais nitidez. Por isso alguns rituais envolvem o uso de substâncias capazes de alterar nosso estado de vigília, justamente por nos permitir sintonizar diferentes percepções com os mesmos sentidos que desenvolvemos.

Para a maioria das pessoas o sono profundo é o momento que os sentidos mais oscilam, captando diversas frequências enquanto interagem na complexa rede coletiva de pensamentos. Criando e recriando mundos físicos com as abstrações que absorve durante esse sensível estado de consciência. Há milênios a Ásia exibe uma historia de estudo e dedicação para conseguir interagir mais livremente entre essas frequências, cultivando um ininterrupto estado de lucidez através de mantras e da meditação. Após perceber que o livre e o constante saciar dos desejos carnais não refletem as expectativas populares, os que dominam essa técnica passam a usar essa lucidez para alcançar algo mais profundo e significativo e assim sedem o controle para um poder maior os aproximar da “Grande Percepção”.

Quando comentam conosco sobre um sonho, nós habitualmente o relacionamos com a imaginação e essa é associada sempre a um caráter fantasioso ou, a pontos

extremos, até a uma mentira. Isso dificultou a seriedade com que os assuntos sobre sonhos lúcidos fossem discutidos e os estudos sobre o mesmo fossem publicados, distanciando ainda mais esses conhecimentos do senso-comum. Não mais contemplado com os domínios estabelecidos até então, o grande especialista francês Henri Corbi propôs um terceiro domínio: o imaginal, "considerado não como algo irreal, mas como algo objetivamente auto-existente, o produto cumulativo do próprio pensamento imaginativo." (Kenneth Ring, Iniciação Xamânica, Mundos Imaginais e Luz Depois da Morte, pág 187)

Os limites ultrapassados por aqueles que caminham entre os sonhos e o estado de vigília lucidamente são sutilmente compartilhados por quem já se envolveu com algo igualmente subclassificado atualmente, a morte. Os conhecedores de casos dos que já passaram por Experiências de Quase Morte (EQM), dificilmente deixam essa experiência passar sem se questionar sobre o que há do lado de lá. A maioria dos casos, de quem já passou por isso, são maravilhosos pelo fato de alguém querido reviver os sorrisos de seus familiares que brevemente ficaram de luto, sem se lembrar de nada que ocorreu. Porém há outras experiências mais significativas do ponto de vista mais ontológico que pessoal, de quem já esteve morto durante certo período de tempo e voltou à vida com memórias desse tempo que foi considerado morto. A descrição da cena entre os médicos após a confirmação de óbito, a moça bebendo água no corredor à esquerda da sala, o policial multando a moto estacionada na vaga exclusiva para ambulâncias, detalhes sucintos vindo de quem apenas observava de longe enquanto seu corpo era coberto por um lençol. Outros descrevem a clássica visão do paraíso, músicas celestiais, odores cativantes, a luz aconchegante, o abraço para o além. No outro extremo, casos de quem brevemente teve que enfrentar seus demônios pessoais e, eventualmente, coletivos, indo e voltado da batalha a cada choque do desfibrilador.

Os relados citados anteriormente podem ser melhor compreendidos a partir do ciclo da vida à morte pelo Bardo Thodol. Para o primeiro caso que ficou perambulando aos arredores de seu cadáver, não chegou a cair no primeiro bardo, permaneceu em um limbo onde sua essência se encontra solta no mundo carnal sem um corpo para

interagir como fazia, “o problema, nesse momento, é que a pessoa não sabe exatamente onde está. Não está mais, realmente, em seu corpo e ainda não saiu dele. Está como que ao redor de seu corpo.” (Além da luz e da sombra, pág 27). O segundo caso, o felizardo caiu no primeiro bardo, o qual traz boas sensações que a vida proporciona, mas nele se enfrenta um dilema entre ficar e se deliciar com os prazeres mundanos ou continuar em sua jornada além da vida. O último caso teve a insatisfação ou a oportunidade de conhecer suas questões e arrependimentos projetados de acordo com sua visão do que o assombra e está pendente em sua vida individual ou vivido cotidianamente pelos seus semelhantes próximos ou distantes. Sem um relato para representá-lo, o último bardo consiste em um turbilhão intenso e quase caótico de flashs do que se viveu, em meio essas projeções a pessoa é visitada por entidades que tentam o convencer de voltar, em outros casos se proliferam fenômenos derivados do inconsciente coletivo. Caso a pessoa não resista às tentações do primeiro bardo, não resolva seus dilemas e medos no segundo ou se deixe convencer pelas projeções do terceiro, ela volta para o ciclo da vida, aprendendo a lidar melhor com a morte.

Os xamãs são como andarilhos entre o mundo daqui e o mundo de lá da mesma forma como os monges tibetianos são andarilhos dos sonhos e do estado de vigília. Os “médicos da alma” são pessoas que nasceram ou adquiriram a capacidade de captarem, com maior facilidade, diferentes freqüências com seus sentidos, após passar pelos rituais e vivências necessárias, passam a viver entre “o mundo da alma e o mundo do corpo.” O xamã é um membro estimado da tribo, porém prefere se manter mais introspectivo devido a carga pesada do conflito entre esses dois mundos, chegou a enfrentar sua própria morte para ajudar a sua tribo e também a si mesmo a conciliarem o dilema que suas existências trazem. Nem feras ou deuses, o ser humano é um dilema.

“As feras são mortais, mas não sabem, desse fato ou não o percebem completamente; os deuses são imortais, e o sabem – mas o pobre homem, superior as feras, porém não ainda um deus, é essa mistura infeliz: é mortal e sabe disso. E quanto mais evolui, ficando mais consciente de si mesmo e de seu mundo,

avançando em consciência e inteligência, mais se torna consciente de se destino fatal manchado pela morte." (Ken Wilber, Éden queda ou ascensão?)

A partir do acesso ao mundo imaginal, o xamã, além do espaço e do tempo, contempla por outras perspectivas esse dilema, as reflexões e conhecimentos que extrai naquele domínio são compartilhados tanto para os vivos quanto para os mortos, buscando uma conciliação entre as perturbações individuais - de acordo com qual mundo o ser se encontra - quanto as que impactam em outros domínios. O que mais nos distancia desse conciliamento seria o culto excessivo ao ego, a capacidade de se reconhecer e de refletir, um grande passo na grande linha do ser, porém não o único. O que inicialmente permitiu nos libertar da expressividade limitada dos animais agora nos limita a entrar em contato com outras formas de existência. A exclusiva preocupação com as questões mundanas voltadas ao indivíduo preso aos seus pequenos horários e compromissos, os tabus criados por instituições religiosas, políticas e financeiras, o apego corrosivo aos bens materiais, nos prende a um domínio e menospreza os demais. Esses desprezados são as matrizes criadoras da realidade do estado de vigília, estando elas inertes estamos condenados a reviver constantemente os mesmos problemas, as mesmas histórias, os mesmos finais, uma grande reprodução de tudo aquilo que um dia foi criado no mundo imaginal, enquanto esse era mais explorado por nossas consciências. Os xamãs são um desses raros exploradores que ainda dão sua vida para voltarmos a caminhar na grande linha evolutiva do ser e isso só foi possível através da morte de seu ego.

"A morte do xamã é uma morte do ego, na qual ele pode escapar por um triz da morte real. Não nos referimos aqui a uma imaginação mitopoética da morte sob a forma de alegorias e de arquétipos. A experiência da morte de um xamã é um perigoso caminhar sobre uma corada esticada entre esse mundo e o Além. Não é uma pseudo visão alucinatória da morte." (K. Ring, Iniciação Xamânica, Mundo imaginais e luz depois da morte, pág. 189)

A forma como as religiões ocidentais abordaram e impuseram as questões além da matéria, a ascensão da ciência prática e a valorização excessiva do pensamento como instrumento da ação, propagou a idéia do ser humano apenas como um saco de átomos, miseráveis e impotentes perante as complexidades do universo. Ironicamente, as áreas do conhecimento voltadas a realizações práticas que remodelam a matéria, nos da ilusão de poder e controle, a ilusão que apenas através das questões mundanas solucionaremos as enfermidades de nosso tempo. A grande crise que passamos é espiritual, não precisamos outra revolução industrial ou outras invenções, antes disso precisamos de uma revolução do pensamento e uma inversão de valores. Mas só depois de perceber que a satisfação dos desejos e prazeres mundanos não trazem a libertação esperada, que nem tudo é compreendido pela razão, que estamos inseridos em um ciclo não em uma reta, o ser humano passará a dar mais atenção às questões que aprendem a ignorar diariamente. Não é necessário ter passado por uma experiência de EQM ou nascer com aptidões de um xamã para se cultivar os benefícios e conflitos que transcendem a matéria. Nem sempre tivemos a consciência que compartilhamos agora e mesmo que para nós aparenta ser um nível superior de inteligência, não quer dizer que não há mais para se explorar

“a nossa mente desenvolveu-se até o seu atual estado de consciência da mesma forma por que a glande se torna um carvalho e os sauros mamíferos. Da mesma maneira que se desenvolveu por muito tempo, continua ainda a desenvolver-se e assim somos conduzidos por forças interiores e estímulos exteriores.” (Carl G. Jung, O Homem e Seus Símbolos, pág 81)

Na perspectiva da nossa razão estamos inseridos em uma progressão linear de desenvolvimento, ou seja, o nosso aprimoramento é proporcional ao tempo decorrido, infelizmente não é tão simples. Isso fica claro com essa crença que tudo está submetido à progressão, aos limites da razão e do corpo. Mas para continuarmos a desenvolver nossa consciência, antes é necessário desapegar de tudo que nos mantém inertes na grande linha do ser. Algo de extrema dificuldade, já que esses estão muito relacionados ao ego, uma recém aquisição nossa, a qual a

grande maioria ainda está entendendo os privilégios e limites que essa passagem traz. Para isso, podemos aprender muito com algumas vertentes da cultura asiática, que utiliza há tempos essa aquisição visando alcançar o próximo estagio de existência com mais clareza e menos sofrimento. Através da meditação cultivam o estado de lucidez constante, podendo assim, explorar outros domínios além do carnal e, como o xamã, extraírem conhecimentos e benefícios desses domínios, trazendo-os para seu estado de vigília, movimentando sua consciência e, consequentemente, a consciência compartilhada na grande rede complexa do pensamento. A vida não se resume a medidas, nem ao tempo que cultuamos, nem o espaço que ocupamos, da mesma forma que a morte não se resume ao fim do que somos. São ciclos, com suas passagens, cada uma nos da oportunidade da mudança.

Visita ao planetário

No dia 29 de agosto, os estudantes da Escola Estadual João dos Santos fizeram uma visita ao campus junto aos pibidianos para experienciarem o planetário e algumas outras atividades.

Segundo relatos dos alunos, eles se sentiram bem recebidos na universidade e se surpreenderam por estarem presente nesse ambiente que, para grande parte, não faz parte do seu cotidiano. Para alguns o que marcou foi o espaço físico; para outros o que esse campus representa como poderio intelectual; ou também, não menos importante, o lanche oferecido.

Apesar da beleza estética do campus e o que ele representa, infelizmente o encanto que os alunos tiveram ao entrar no mesmo se deve ao distanciamento da comunidade e a universidade. O espaço público deveria ser comum para eles, não necessitando de um evento específico para frequentá-lo. Um dos alunos relatou:

"A faculdade é um lugar muito bonito e cheio de conhecimento, biblioteca, alunos e professores, foi muito bom eles terem aberto e nos dado a oportunidade de aprendermos e compartilharmos nosso conhecimento".

Tal citação, apesar de, aparentemente, positiva, deixa implícito que essa relação comunidade/universidade não ocorre da maneira que deveria, como se a comunidade dependesse de um convite "oficial" ou uma oportunidade oferecida pelos acadêmicos para compartilharem o campus. Caso se sentissem reconhecidos nesse espaço, a presença deles dependeria exclusivamente de sua vontade.

Na concepção dos alunos, Filosofia e Física eram disciplinas de extrema discrepância, mas, mesmo com tal pensamento, mostravam-se abertos ao diálogo entre as disciplinas e seus conteúdos. A satisfação demonstrada por eles em

relatos escritos explicita a relevância do contato entre ensino médio e ensino universitário. Nas palavras de um deles:

"Ó, seguinte, eu gostei muito, do fundo do coração, não sei se é porque eu gosto um pouco de tudo (já que filo e física são tão diferentes) ou se é porque é legal mesmo. Mas eu amei de verdade tudo."

Essa interação desmistificou o distanciamento entre filosofia/física e comunidade/universidade, além de ter despertado o interesse dos alunos para além da sala de aula. Nas palavras de um deles:

"E quando cheguei em casa fui ler mais sobre, inclusive contei para os meus pais. Acho que a ida a faculdade fez nos interagir mais com os assuntos".

Revelando a eles, mesmo que de forma introdutória, a relação intrínseca entre filosofia e física tanto como a comunidade e universidade que, apesar de reproduzirmos um comportamento que as distanciam, antes de qualquer conceito ser atribuído para identifica-los, não podem ser divididas de sua natureza compartilhada.

Deus como alguma coisa lá

Resumo: Após o colapso do sistema feudal, a fragmentação das terras e do poder, o aumento exponencial da população e da taxa de natalidade, junto ao surgimento de novas classes sociais, surge uma nova concepção de como deve-se guiar o conhecimento. Os dogmas religiosos já não contêm mais as dúvidas humanas que buscam um novo conhecimento que possa sustentar suas certezas, diversos pensadores elaboram um método entrelaçado a epistem. Descartes provoca um giro antropológico ao revelar a dúvida como método e os erros como responsabilidade humana, inocentando Deus, que, não mais adorado é apenas um marco, a causa, a possibilidade necessária para o conhecimento seguro, claro e distinto.

Palavras-Chave: Epistemologia, método, dúvida, Descartes, Deus filósofo

O conhecimento seguro

Epistemologia, o estudo da epistem, a filosofia da compreensão. Um conhecimento seguro que difere da doxta, mera opinião. Como diria Heráclito "a opinião dos homens são jogos de crianças". Até 1950, a epistemologia era uma capitulo na teoria do conhecimento (gnosiologia), a partir de então se torna uma área de conhecimento independente. Sustentando-se na observação dos fatos mais sua catalogação é possível inferir uma teoria a partir da generalização do concreto particular, do particular para o geral.

O conhecimento epistêmico entrelaçou-se ao empirismo e as ciências exatas. Herdando dos gregos a noção de unidade como perfeição e, assim, ao reconhecer e manipular a unidade das coisas é possível um conhecimento seguro, um conhecimento que deriva da perfeição grega. Esse tipo de pretensão fez com que os dogmas religiosos fossem substituídos pelas verdades cientificas. Como o senso comum não seria capaz de produzi-lo, pois não conseguiriam arcar com os custos ou o vocabulário utilizado, quem poderia ter acesso ao saber era um pequeno grupo, formando uma aristocracia do conhecimento. Fazendo surgir até religiões que se baseavam-se no positivismo como crença, com direto a catecismo e tudo.

Todo conhecimento humano é reflexo de se contexto histórico-cultural, em resposta a esse culto a ciência Karl R. Popper diz "Não há conhecimento absoluto" e Nietzche reforça "Fatos não há, há apenas interpretações". A função da ciência não seria estipular outros dogmas ou dar origem a outras religiões, mas ser a ferramenta para abrir portas as infinitas possibilidades existentes de uma forma que recicle e renove seus conhecimentos ao decorrer do tempo. E gradativamente deixar de ser um conhecimento elitista para ser usada e conhecida por quem buscar um entendimento claro e compreensível. Assim a epistemologia deve tratar as questões efetivamente cientificas e filosóficas (propensas as investigações cientificas), propor soluções claras (não usar retórica), ser uma ciência autônoma e criticar teorias errôneas propondo sua superação. E para isso é necessário um método.

Um método, um caminho, um ponto fixo, procedimento regular que se repete de maneira sistemática. Bacon utilizou o método intuitivo; Galileu não fala de método, mas o adota através do controle estatísticos dos dados; os contemporâneos usam comprovações indiretas pouco concludentes já que a ciência no passado era mais simples, e, portanto, mais segura, usam tanto da indução quanto da dedução.

O método cientifico supõe: descobrimento do problema ou da lacuna no conhecimento disponível, colocação precisa do problema, contextualização empírica e teórica ao problema, continuação da ciência disponível, tentativa de solução dos problemas, investigação das consequências. Portanto a investigação supõe “entrar no assunto” buscar conhecimento sobre o que é ignorado, ele não supõe os conhecimentos, apenas ajuda a valida-los.

O método de Descartes

Há tempo Descartes vinha percebendo que suas certezas e sentidos que direcionavam sua vida o intrigavam por não serem tão estáveis quanto gostaria ou reafirmava para si mesmo. Mas esperou atingir maturidade suficiente para abordar essas questões com a devida seriedade que mereciam. Então inicia frente a sua fogueira as suas famosas meditações.

O que garantia a ele que não era mais uma das vezes que sonhava com aquela cena? Não seria a primeira vez que seus sentidos o enganariam. “A partir do corpo e dos sentidos não é possível extrair certeza alguma”; todas suas opiniões e juízos foram formados tendo como base o que havia absorvido através dos órgãos de sentidos, sendo esses incertos e duvidosos não podia mais basear-se neles. Não havia necessidade de verificar todas as contradições, pois “ a ruína dos alicerces compromete a estrutura do edifício”. Não há nada de certo, tudo pode ser posto em dúvida, até mesmo nossa existência. E mesmo que eu exista ainda é possível existir, também, um Deus maligno que “emprega toda sua indústria para me enganar”. Talvez Deus, por sua infinita bondade, não faria tal coisa, o mesmo não procede no

caso de haver um gênio maligno que faça-me enganar todas as vezes que penso estar certo sobre alguma coisa. Descartes encerra sua primeira meditação duvidando de tudo e todos, submete-se a dúvida absoluta ou universal. Suspende seu juízo.

Instigado com suas reflexões da meditação anterior, usa desse descontentamento para motiva-lo a encontrar ao menos uma coisa certa, um ponto fixo, a famigerada “alavanca de Arquimedes”, um ponto fixo, para, a partir da dúvida elaborar um método.

De modo astuto põe-se a pensar novamente sobre o impacto em sua vida caso exista um gênio maligno, se esse o engana sempre fazendo Descartes duvidar; quem engana, engana alguém e quem dúvida reafirma a sua existência ao pensar sobre o mesmo, o que nos leva a conclusão cartesiana: “penso, logo, existo”. Pode soar estranho, mas é mais fácil para nós reconhecermos nossa existência através do espirito do que com o corpo, que mesmo estando bem em frente aos nossos olhos, não é auto evidente como o pensamento (produção espiritual).

As ideias e o externo

Influenciado pelo dualismo Platônico, Descartes trata corpo e espírito como diferentes e independentes. Ele passa a se reconhecer agora como “puro espirito”, o res extense é concebido pelo res cogito. Evitando inclinar suas opiniões pelas incertezas pertencentes a matéria e o corpo, tenta, a partir de seu novo ponto fixo, relacionar os pensamentos emanados internamente com a realidade externa. Suas ideias sem uma relação externa não podem ser postas a prova, conhecemos pelo intelecto, mas até onde ele pode conhecer? O que podemos conhecer de fato? Ele termina sua segunda meditação com a certeza de sua existência, mas isso trouxe à tona novas questões a serem a avaliadas pelo seu juízo.

Sou espírito, penso e há ideias que surgem em mim, mas que tipo de ideias são essas? Como se relacionam com o mundo externo? Descartes classifica as ideias

em três tipos: inatas, adventícias e fictícias. A primeira pertence a nós desde o nascimento, a segunda absorvemos do meio e a terceira elaboramos interiormente. Mas de onde vem essas ideias? Oriundas de mim ou de Deus? Poderia eu, concebe-las sozinho? Em resposta a esse leve solipsismo, Descartes toma como parâmetro a ideia de infinito, impossível de advir do meio externo e mesmo assim está presente em nós. Também não seriamos capazes de criar tal ideia, como um ser finito como nós poderíamos inventar o infinito? Seria um contradição lógica-causal. Então, como eu não posso ser a origem de meus pensamentos, quem os concebe? Descartes ao associar a ideia de infinito como a “marca de fábrica” de nosso criador fala de Deus com uma tonalidade moderna, sem necessidade de contemplação. Um Deus filosófico. Sua perfeição em ato serve como chave para a questão epistemológica, ao tomarmos como referência para até onde é possível conhecer. Como Descartes tem tanta certeza de que não seria ele Deus? Admitindo bravamente que “não sinto poder nenhum em mim (..) reconheço que dependo de um ser diferente de mim”. Caso ele fosse a origem de si mesmo e seus pensamentos não haveria o porquê de deixar-se tão agoniado e imperfeito perante a própria realidade que teria criado. Deus existe e criou o mundo de forma contingente e não necessária. Descartes não rompe com as tradições do cristianismo, fala de Deus com todas suas características: uno, simples e inseparável. Mas ao mesmo tempo inova na forma de pensar em sua época. Isso porque tem a ideia de Deus bebendo em Santo Anselmo, Ele representa a infinitude que o intelecto busca alcançar através da luz natural, apropriando-se do mundo pelo conhecimento. Por isso não utiliza a ideia de Deus de forma dogmática, mas si de forma crítica para o eterno aperfeiçoamento do espírito e consequentemente do conhecimento.

Sujeito do erro

Em sua 4ª meditação, Descartes, ao discorrer sobre o que nos leva ao erro provoca um giro antropológico ao inocentar Deus das nossas falhas, responsabilizando o ser humano por suas escolhas.

Nada mais natural para um ser imperfeito culpar o próximo por suas imperfeições. O acusado não seria qualquer um, mas O próprio, Ele mesmo, Deus, nosso criador. 'Se há falhas em mim, se sou carente de algo, foi meu criador que me fez assim, nada posso fazer'. Isso é um absurdo para Descartes, para ele é claro que nossos erros independem de Deus, Ele quer aquilo que é melhor. E porque nos fez assim então? Por que não nos dar mais do que somos? A resposta é que desconhecemos os desígnios divinos, temos apenas a noção de uma parte, não somos capazes de conceber o todo e por isso não percebemos como "os diferentes compõe em conjunto o encontro harmônico dos opostos" Deus é inocentado por Descartes, não é Ele a causa de nossas falhas. Então quem seria?

Nós! Que, ao tentarmos nos apropriar do mundo através do conhecimento, exercemos nosso livre arbítrio e nessa tentativa ocorre muitos e muitos erros. Não por algum tipo de carência, mas por privação, o desconhecimento dos limites de nossa imperfeição. Somos perfectíveis e, Descartes, ajuda ao revelar um método de como se precaver dos erros.

Em nosso ser há vontade e há entendimento. A vontade delibera de forma indiferente e compulsiva nossos juízos, é infinita e tem fome de tudo, nos inclina a falhar sobre o que desconhecemos. Já o entendimento tenta gradativamente pôr em prática o seguinte verso de Renato Russo na música Há Tempos "Disciplina é liberdade". Mas a finitude do entendimento muitas vezes se sente intimidada com a infinitude da vontade, sendo muito fácil se deixar levar por ela. É assim que erramos, deixamos à vontade "a vontade" e o entendimento de lado. "O entendimento deve preceder a determinação da vontade". O entendimento é finito, mas é expansível, acumulativo e progride com o tempo. "Toda vez que retenho minha vontade nos limites do meu entendimento (...) das coisas claras e distintas apresentadas pelo me entendimento" tenho chances muito maiores de evitar o erro.

O que mais há?

Em sua 5ª meditação, Descartes quer se convencer da essência das coisas matérias e para isso recorre frequentemente as essências matemáticas para sustentar sua argumentação. Utilizando-se das mesmas para extrair, novamente, uma prova da existência de Deus.

“Percebo coisas que já estavam no meu espírito, embora não tivesse voltado meu pensamento para elas”. Ou seja, há conhecimentos em mim que não foram absorvidos pelos sentidos, independentes de meu espirito, mas que estão presentes no mesmo. Como a soma dos ângulos de um triangulo resultar em 180ª ou um quadrado ter 4 lados. Essas ideias claras e distintas, segundo Descartes, correspondem a algo existente e a partir delas apresenta uma prova ontológica tanto para as essências matemáticas quanto a existência de Deus. O que elas têm em comum?

As existências de ambas são inseparáveis de suas essências, alguma forma a espontaneidade de conceber alguns axiomas matemáticos se relaciona com a veracidade dos mesmos e sua proximidade com o divino “Deus escreveu o universo em códigos matemáticos”. Mesmo dormindo um quadrado tem 4 lados, dormindo ou não Deus existe. Descartes faz uma metáfora para facilitar a compreensão dessa relação.

Todo vale tem sua montanha. Não poderia eu conceber um vale sem montanha, se existe um vale há montanha. É a mesma relação entre essência e existência de Deus. Mas é possível nem existir vale ou montanha. É possível existir Deus sem essência? Não! Não está nos limites do meu livre arbítrio não conceber a existência e essência de Deus, pois a existência é parte de sua perfeição. Tanto a essência de Deus ou dos axiomas matemáticos são validados, por Descartes “em nome do princípio do valor objetivos das ideias claras e distintas”.

Descartes finaliza afirmando que graças a Deus é possível alguma certeza ou conhecimento cientifico. Ele é a chave para a existência da epistem, exercendo o pré-requisito da mesma, como pilar de sustentação do conhecimento seguro.

Os corpos também

Em sua 6ª meditação ele retoma a dualidade: res cógito e res extense, problematizando a existência dos corpos e se, esse, se relaciona com o espírito. Primeiro ele exalta outros polos existentes em nós, a capacidade de imaginar e a capacidade de conceber.

O grande diferencial entre as duas é a necessidade de contenção de espírito para a imaginação criar em contraste a espontaneidade quase imediata do intelecto conceber. A imaginação brinca com o que é absorvido pelos sentidos, o intelecto concebe ideias independente dele e de nossa existência. Então Descartes faz uma observação perspicaz: todo somos capazes de imaginar e imaginamos constantemente corpos e suas formas, isso sinaliza a existência dos mesmos, mas não a garante. Qual a relação entre a imaginação e os corpos?

A sensação. Não posso não sentir ao estar presenciando um objeto, mesmo que tente, não consigo ser indiferente a ele, isso seria o suficiente para garantir sua existência? Não, Descartes alerta várias vezes as ilusões proporcionada pelos sentidos, a diferença entre o que é (cogito) e o que aparenta ser (extense). E seria exatamente essa distinção que “anuncia a existência de algo além do pensamento puro”. Toda ideia chega ao meu espirito tem origem em uma sensação causada por um corpo externo. Por mais que ele destaque o contraste gritante entre suas substancias não consegue separa-las de si. Estão misturadas de tal modo que se não fosse dessa forma, comprometeria sua existência.

A independência do cogito cartesiano é rompida. Não só ligada ao extense, mas também a Deus. Talvez não necessite do primeiro, mas o segundo deve toda sua existência e das demais coisas que o cercam, como também a possibilidade de sustentar o conhecimento epistêmico e cientifico.

Industrialização da ciência e suas influências

Resumo: Desde o surgimento do método houve um progresso inimaginável pelos frágeis, porém astutos, homo sapiens. O animal que mal se controla, agora pode controlar a natureza com precisão. Um protagonismo que o fez acreditar ser uma entidade a parte de sua origem. Concretizando seu exclusivismo a humanidade produz novas tecnologias capazes de ultrapassar seus limites biológicos. A utiliza para se manter estável e prospera. Porém a forma com que se organizam exige um sistema diferenciado, existente apenas na imaginação daqueles que o seguem. A ciência que consultava os dados adquiridos na natureza passa a se submeter a dados gerados por esse sistema virtual. O ciclo do capital se entrelaça ao ciclo da ciência e seu método. Subvertendo o empirismo e o compromisso com o conhecimento e sua transformação através dos tempos. A influência da economia no conhecimento, e suas necessidades por renovação, o torna estagnante e limitado a tabelas de multinacionais ou da bolsa de valores da elite mundial. Bancos internacionais passam a financiar a educação dos países chamados de "em desenvolvimento", iniciando cada vez mais cedo o investimento na industrialização da ciência.

Que a natureza louve nossa ciência

Já não limitado a dogmas, o animal agora busca o controle sobre a natureza e suas ditas “leis”. Há tempos já não se considera parte dela, muito menos se reconhece como o termo aqui usado para caracteriza-lo. A humanidade se considera a parte, diferenciada, exclusiva e em seu desenvolvimento, quando sobreviver se torna fácil, passam a se concentrar em saber viver sobre o que conhecem e dominam.

Criam seus sistemas, limites e normas. Em sociedade tentam civilizar seus instintos e dar charme a suas selvagerias. As leis naturais não deixam de reger seus impulsos, mas com o teatro que fazem o conflito se expressa em diversas atuações, algumas menos destrutivas que outras.

Aquele que antes era submetido a mandamentos do céu, rostos que nunca viu e a vozes apenas interpretadas por terceiros, agora é o que quantifica e classifica desde a si mesmo até as estrelas.

Ao desmistificar os dogmas da Igreja e aplicar o conhecimento adquirido com bases empíricas para não só melhor compreender o mundo a sua volta, mas também transforma-lo, o homo sapiens assume um protagonismo nunca antes experimentado por um animal. Para que pés no chão se podem ir à lua?

“é total a separação entre a natureza e o ser humano. A natureza é tão-só extensão e movimento; é passiva, eterna e reversível, mecanismos cujos elementos se podem desmontar e depois relacionar sob a forma de leis; não tem qualquer outra qualidade ou dignidade que nos impeça de desvendar os seus mistérios, desvendamento que não é contemplativo, mas antes ativo, já que visa conhecer a natureza para a dominar e controlar. Como diz Bacon, a ciência fará da pessoa humana" o senhor e o possuidor da natureza"(Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna, Boaventura de S. Santos – pag 49)

Em sua origem, o método tem como base a ideia de que as verdades são temporárias e contextualizadas não eternas e indeterminadas. Para conseguir acompanhar a mudança constante do universo em fluxo que está inserido, muda com ele, dialoga com ele, brinca e aprende com ele. Para entender como as coisas são, recorre às próprias coisas e não a entidades transcendentais fora de nossa realidade.

Não se submeter a uma verdade dada, ter a coragem de questiona-la e a atitude de propor uma nova perspectiva perante o mesmo problema é a grande inovação que a ciência nos proporciona.

Crise do sucesso

De fato somos incríveis no que fazemos, se o instinto primordial de um animal é sobreviver e procriar nós somos os melhores nisso. Tanto que nos tornamos uma praga. Somos o topo disparado na cadeia alimentar e sem um predador natural em comum, crescemos a vontade e aos montes.

Para quem tenta fazer um panorama com o que vivemos agora pode se espantar com desigualdades e relações exploratórias. Mas tratando de um animal sobrevivendo e procriando somos um sucesso absoluto. Se sucesso se tratar de sucessão, ter sucessores saudáveis e que também podem ser sucedidos por próximos. Agora como nós lidamos com esse sucesso todo?

Não é pertinente nesse artigo traçar os momentos, as crises e como chegamos ao ponto que começaremos a tratar. Para engatar no tema proposto vamos falar das últimas grandes guerras.

Capitalismo bombando:

O grande “boom” da ciência

Não demorou muito para tomarmos todo o planeta, literalmente. Com exceção de lugares extremos para nosso organismo, tomamos conta de todos os continentes.
Essa expansão se deve pelos acordos comerciais de diferentes culturas que começaram a negociar entre si e assim criaram dependências uma das outras.
Sempre com conflito, quando não físico, de interesses, mas temos nossos meios para não expressa-lo de formas não tão destrutivas. Ou não.

Infelizmente nosso desejo por conquista parece não ter barreiras ou limites, o mesmo não pode ser dito do planeta em que vivemos. Há uma quantidade limitada de terra e recursos. Quando as expansões das potências mundiais se chocam seus interesses e ambições afloram, pois entendem que não há nós e eles ou é nosso ou é deles, ninguém quer dividir o bolo. E dessa vez não teve acordo, teve guerra.

A primeira foi devastadora, mas ainda sim o conflito era majoritariamente entre soldados em terra e armas mortíferas o suficiente para matar alguns milhares de pessoas. Quando a segunda veio como consequência de assuntos mal resolvidos da primeira, somando a novos desentendimentos, os países haviam feito um grande investimento bélico capaz de acabar com cidades inteiras e condenar algumas gerações após a tragédia. Isso graças às inovações proporcionadas pelo método científico.

A princípio a ciência tem como base ser acessível, ser um diálogo aberto ao conhecimento adquirido pela humanidade como um todo. Sem barreiras temporais ou pessoais, o requisito para colaborar é seguir o método proposto por ela.

Os equipamentos necessários para acompanhar esse diálogo são engenhocas muito bem feitas e exigem uma boa quantidade de recursos. No sistema capitalista esses recursos demandam um capital, e esse capital não é tão acessível quanto o que a ciência propõe. Logo, mesmo se você for extremamente qualificado para realizar sua pesquisa e inovar o conhecimento humano necessita de um investimento, um bom investimento.

É nesse cenário de conflito mundial que os cientistas tiveram seu reconhecimento bem remunerado. Os países investiram pesados nas pesquisas científicas, e no contexto que estavam não era para achar a cura da AIDS.

Nesse relacionamento, o triangulo amoroso entre o capitalismo, a ciência e a tecnologia se intensificam e se interpenetram a ponto de criar um ciclo de retroalimentação e dependência entre eles. Tão romântico, se deram tão bem que essa relação não enfraqueceu depois que a guerra acabou.

Felizes para sempre?

O capitalismo necessita manter o fluxo de consumo intenso e constante para funcionar.

Se eu preciso de algo é preciso compra-lo. Estou com fome, tenho que ir ao estabelecimento licenciado para comercializa-lo e comprar o que desejo. Sendo algo perecível é de se esperar que em pouco tempo tenha que fazer esse mesmo procedimento.

Esse movimento é muito saudável para o capitalismo. O consumidor trabalha gerando recursos ou os transformando em produtos para serem vendidos. O que trabalha recebe certa quantia (miserável) para consumir os recursos transformados em produtos. Nesse meio tempo que o produto é consumido o trabalhador está gerando mais recursos/produtos para a próxima compra. Fechando esse ciclo o capitalismo se mantém próspero.

Se eu preciso de uma geladeira para por os produtos perecíveis que comprei, eu terei que compra-la também. Muito bom para o capitalismo. Porém, a geladeira não é um produto perecível, talvez nem precise comprar outra em minha vida e até a deixe para meus filhos.

Mas o capitalismo necessita manter esse ciclo de produção e consumo. Produzir produtos de longa vida útil faz com que esse ciclo demore a se renovar ou pode até quebra-lo. Como aconteceu em 29 com a quebra da bolsa de valores dos EUA, em que seus estoques ficaram cheios de produtos e não havia demanda o suficiente para consumi-los. Rompendo o ciclo de produção e consumo, desestabilizou o mercado. Sendo algo tão crítico que esse episódio é conhecido como A Grande Depressão.

E se houvesse alguma maneira desses produtos terem uma vida útil que acompanhe esse ciclo de consumo, favorecendo o equilíbrio do mercado? Um método de experimentos práticos e efetivos que conseguisse quantificar exatamente a duração e rendimento dos produtos, cruzar esses números com a tabela de gastos e lucros da empresa e se possível camuflar essas informações dos consumidores? Com inovações constantes que excitem o público e os investidores? Ah! se houvesse…

“Assim, tendo como marco histórico este evento, surge a perfeita união entre
a ciência moderna e o capitalismo, a partir da chamada industrialização da ciência. Em que esta se comporta de acordo com as exigências do sistema vigente.”(A relação entre ciência e senso comum, Sandra Siqueira da Silva – pág 5)
Industrialização da ciência

A busca da ciência pela constante atualização do conhecimento quanto à realidade que podemos compreender, faz com que suas descobertas gerem inovações e invalidem as que contradizem a nova perspectiva apresentada. É saudável para ciência esse movimento de renovação. As descobertas motivam o aprimoramento da precisão de aparelhos de medição. Essas medidas coletadas com mais precisão incentivam a realização de novos experimentos ou os aperfeiçoamentos dos já existentes. Gerando assim novas descobertas, alimentando esse ciclo de desenvolvimento do conhecimento científico.

Falamos a pouco de outro ciclo que necessita de produção constante de novidades que invalidem os produtos já existentes, criando a necessidade de comprar outro e assim por diante.

A ciência necessita de investimentos, capitalismo de inovações. Ambos necessitam de tecnologia. O capitalismo entra com o investimento e a ciência com as inovações. Surge assim a Industrialização da ciência.

Descobertas encobertas

Já ouviu falar daquela lâmpada que está acesa há quase um século? Que tecnologia incrível não? Seria ótimo ter uma dessas em casa, o problema talvez fosse apaga-la. Mas descontrações a parte, já pensou no modelo novo de celular que saiu esse ano? Muito parecido com do ano passado não? Talvez tenha um ganho na memoria ou de funções, mas nada inovador. E quanto a tratamento de doenças graves em que o paciente necessita de um coquetel de drogas para sobreviver cada dia desiludido de haver uma cura? O que esses casos têm em comum?

Energia é essencial para o funcionamento da sociedade, uma demanda intensa e diária. Dificilmente uma pessoa passa o dia sem entrar em contato com algo que necessite e energia. Há a produção e o consumo constante dela.

Gasto para acender as luzes de casa. As acendo toda noite. Caso tivesse uma lâmpada que nunca apagasse não me precisaria com seu gasto diário. Mas a indústria fornece eletricidade e lucra com seu gasto se preocupa com isso e se dedicam colaborando para que esse tipo de tecnologia não quebre o esse ciclo de produção-gasto-produção-gasto. Fazem muito bem isso ponto de não conhecer ninguém que tenha uma lâmpada que não apague.

“O primeiro passo para a obsolescência planejada deu-se em 1924. Um grupo de fabricantes de lâmpadas dos Estados Unidos e Europa se reuniram para determinar

a vida útil das lâmpadas. O cartel S.A Phoebus determinou que as lâmpadas deveriam ter uma vida útil de 1000 horas, contra as 3000 horas das que estavam sendo produzidas na época. As empresas Osram e Philips comandavam a reunião e os fabricantes que não seguissem a determinação do grupo (cartel) seriam punidos com multas (Revista Printer`s, 1928). Portanto, a lâmpada que foi inventada por Thomas Edison em 1881 (neste período com 1.500 horas de vida), foi a primeira vítima da obsolescência programada." Obsolencia programada – A tecnologia a serviço do capital (Joelma T.P. Conceição; Marcio M. Conceição; Paulo Cesar L. de Araujo – pág 91)

Na tabela de planejamento da Apple estão lá às expectativas de vendas desde o primeiro Iphone ate o Iphone XX. Mesmo que no comercio ainda esteja circulando oficialmente apenas até o Iphone X. A intenção da empresa não é apenas fornecer tecnologia para o seus clientes, é também, se manter ativa no comercio e de preferencia por anos.

Porque lançar um smartfone com todos os recursos que a empresa pode fornecer, se é possível dividir em diversos modelos com pequenas atualizações. Um pico de vendas a cada modelo, publicidade garantida a cada ano.

O mais chocante é que o mesmo pensamento é transposto para a indústria farmacêutica. Um paciente é um cliente em potencial, sua doença demanda certos medicamentos e esses precisam ser repostos com certa frequência.

A cura do paciente significaria o rompimento dessa demanda. Logo é mais lucrativo estabilizar a doença por doses do que soluciona-la com uma cura.

"(por exemplo, a assimilação de 'pacientes' a 'consumidores', com todas as suas implicações éticas e psicológicas, deve-se, em parte, às imposições estatais, em particular na Inglaterra). O caso mais flagrante é, talvez, o da medicina na era do complexo tecnomédico-industrial, quando certas correntes de pensamento consideram a tradição multissecular do Juramento Hipocrático obsoleta. Mas a

‘medicina póshipocrática’ ainda não subordinou todo o mundo, como a ‘ciência pós-acadêmica’ ainda não subsumiu toda a ciência.” (O ethos da ciência e suas transformações contemporâneas, com especial atenção à biotecnologia, José Luís Garcial; Hermínio Martins – p 95)

Em todos esses casos há cientistas dedicando seus estudos. E por mais descobertas que façam, por mais inovadoras e revolucionárias que possam ser estão submetidas ao impacto econômico e politico que elas podem acarretar.

A ciência como produto

Termos como capital humano e produção de conhecimentos se tornam comum com a industrialização da ciência. É como se o vocabulário empresarial tivesse se fundido com o cientifico. Ambos muito pragmáticos, buscando a efetividade e precisão máxima em seus resultados.

As descobertas e inovações tecnológicas são filtradas e tabeladas para serem estrategicamente anunciadas para o mundo e assim se tornar acessível ao público. Rompendo com a iniciativa cientifica de a ciência ser um dialogo aberto e dinâmico. Como produtos em um estoque, a espera para serem comercializados.

Agora com datas de fabricação e validade, registradas no momento que surgem e o momento que deixarão de ser.

Os produtos já saem de fabrica com seu tempo de uso determinado. A obsolência programada já é matéria obrigatória nos cursos de engenharia de produção. Oficializando e institucionalizando o uso do conhecimento cientifico para os benefícios do capital.

Como consequência há o acumulo de um dos lixos mais complicados de serem tratados: o eletrônico e o industrial.

Publicações de pesquisas acadêmicas são atrasadas, censuradas, alteradas ou até mesmo engavetadas dependendo da demanda. O investimento na industrialização da ciência torna-se cada vez mais presentes e passam a influenciar cada vez mais cedo à forma que o conhecimento se desenvolve. Bancos mundiais assumem as metas e estratégias utilizadas na educação de países inteiros em troca de investimento e acordo internacionais.

A produção do conhecimento começa cedo e o direcionamento para o mercado se torna tendência na educação.

Educação como mercadoria

O ensino e sua prática estão ligados aos interesses e consequentemente às relações de poder de organismos tanto nacionais quanto internacionais. As políticas educacionais que são aplicadas nas escolas veem de influência e orientação destes organismos. Grandes agências internacionais fazem acordos com os países subdesenvolvidos, oferecem quantias absurdas de dinheiro para que sejam aplicados na saúde, no saneamento, na educação e outros, para que o país devolva esse dinheiro e transforme seus habitantes em mão de obra barata e consumidora. Fazem com que os países emergentes recuperem o crescimento econômico transformando a educação em mercadoria, fábrica de consumo da massa de trabalhadores da margem, que dão a sustentabilidade do todo.

Criaram assim, um padrão universal de políticas para a educação, com estratégias ligadas à globalização da economia, visando aliviar a pobreza dos países subdesenvolvidos com lemas como: “Educação para alívio da pobreza”. O aumento da pobreza prejudica totalmente esses grandes organismos; se as pessoas desses países não trabalham, não possuem dinheiro ou propriedade, não gastam e não ajudam no ciclo da globalização.

“[...]longe de ser uma questão marginal, a educação encontra-se no cerne das proposições do Banco Mundial, como um requisito para a inexorável globalização,

cumprindo a importante função ideológica de operar as contradições advindas da exclusão estrutural dos países periféricos que se aprofunda de modo inédito. O Banco Mundial inscreve a educação nas políticas de aliviamento da pobreza como ideologia capaz de evitar a "explosão" dos países e das regiões periféricas e de prover o neoliberalismo de um porvir em que exista a possibilidade de algum tipo de inclusão social ("todo aquele que se qualificar poderá disputar, com chance, um emprego"), para isto, a coloca no topo de seu programa de tutela nas regiões periféricas" (Políticas educacionais no Brasil: desfiguramento da escola e do conhecimento escolar, José Carlos Libâneo - pág.44)

A educação básica, pública e obrigatória possui conhecimentos úteis e a avaliação destes resultados, sendo tais as habilidades e os conhecimentos necessários para se educar um trabalhador produtivo preparado para a empregabilidade imediata no mercado de trabalho. Em primeiro plano o produto, em segundo o processo de aprendizagem significativo. A escola seria o ambiente de acolhimento social, de formação científica e cultural voltada absolutamente a um currículo instrumental, evitando a pobreza e o abandono, mas desvalorizando a vida humana e o conhecimento profundo. "Ela aumenta a capacidade produtiva das sociedades e suas instituições políticas, econômicas e científicas e contribui para reduzir a pobreza, acrescentando o valor e a eficiência ao trabalho dos pobres e mitigando as consequências da pobreza nas questões vinculadas à população, saúde e nutrição" (BANCO MUNDIAL, 1992).

O currículo de ensino da educação aos pobres é também, de certa maneira, pobre. Focado na "aprendizagem" para todos, o ensino se simplifica, se torna mais fácil e ligeiro, com caráter instrumental restringido em habilidades para uma sobrevivência social, para que a pessoa que se forme consiga um emprego rápido, porém precário, por não conhecer muitos conteúdos significativos da formação de pensamento, sendo um boneco subordinado. Essa política reduz a pobreza, mas a transforma em discriminação, desigualdade social "privando os alunos pobres do direito à igualdade entre os seres humanos" (Políticas educacionais no Brasil:

desfiguramento da escola e do conhecimento escolar, José Carlos Libâneo - pág.58).

Em sua maioria dos países subdesenvolvidos ocorre uma orientação onde a escola se desfaz dos conteúdos com substâncias de cunho científico, cultural, intelectual, e tira dos pobres (futuros não mais pobres de dinheiro) a equidade, a justiça social.
"Se a educação escolar obrigatória é condição para se formar a base cultural de um povo, então são necessários professores que dominem os conteúdos da cultura e da ciência e os meios de ensiná-los e que usufruam de condições favoráveis de salário e de trabalho, bagagem cultural e científica, formação pedagógica, autoestima e segurança profissional"(Políticas educacionais no Brasil: desfiguramento da escola e do conhecimento escolar, José Carlos Libâneo - pág.60).

Acordos mundiais que evitam a pobreza e retiram a riqueza do saber.

Conclusão

Em primeiro momento parece muito promissor juntar esses ciclos. O ciclo do consumo ligado ao capitalismo quanto o do conhecimento ligado à ciência, possuem características simpáticas que se completam e interpenetram. Mas o capitalismo desgasta a ciência, o conhecimento ao se submeter à economia é estagnante, deforma e enfraquece a proposta da ciência e seu método.

Tornando-o um perigo em potencial a própria natureza que comtempla em seus estudos. Pois as novas tecnologias são pensadas e fabricadas não visando sua eficácia, durabilidade ou como será descartada. Pelo contrario a busca pelo lucro faz com que a qualidade das inovações que chegam ao mercado estejam décadas (ou mais) atrasadas quanto as disponíveis ao conhecimento acumulado e os aparelhos existentes.

Não importa se a ciência tem como fundamento o aperfeiçoamento do método de acordo com a descoberta de novos dados empiricamente. Se suas descobertas não forem condizentes com a conjuntura atual não será financiada, ou melhor, pode ser colocada na estante por anos até chegar o momento mais propicio para o governo e as empresas envolvidas anuncia-la.

As politicas de bancos internacionais quanto ao auxilio prestado a países subdesenvolvidos, usam termos como diminuição da pobreza como fachada para investir na educação desses países as suas intenções e demandas. Como de criar um publico economicamente ativo e voltado ao mercado de trabalho . Uma massa de acadêmicos sedentos por títulos e pontuações numa tabela.

A grande inovação da ciência, o método que nos trouxe ao conforto que temos, junto o controle que banalizamos, está sendo subvertido. Suas prioridades deixam de ser com o conhecimento e passa a ser com o capital, essa mudança de foco enfraquece o potencial do conhecimento cientifico e o submete a tabelas e valores que não são extraídos da natureza, mas sim de um sistema econômico imaginado pela humanidade para se organizar como praga. Logo, apesar de termos o conhecimento da natureza, o pragmatismo e a lealdade aos dados extraídos empiricamente são substituídos pelo pragmatismo e lealdade de dados extraídos virtualmente, sem compromisso com a natureza que guia e a inspira a ciência a se renovar.

Relação de igualdade para alguém

Tema: Relação de igualdade em Frege

Tese: A relação de igualdade necessária para identidade entre termos singulares e a comunicação entre indivíduos que os compartilham

Argumentação: A linguagem é estruturada na imagem e semelhança daqueles que a utilizam;

Como diferentes referencias convergem num sentido?

Como diferentes subjetividades interagem numa conversa?

Segundo Frege é necessário numa relação de igualdade entre os termos singulares para haver uma identidade;

O entendimento de uma frase não depende exclusivamente da linguagem utilizada, mas do reconhecimento entre as referencias utilizadas (verbais ou não verbais);
Como para uma subjetividade se conhecer como tal é necessária outra para reconhecê-la;

Numa relação de identidade está implícita uma relação de dualidade;

a linguagem não determina ou delimita o sentido, mas expande suas referencias ao serem compartilhadas;

ao tentar transmitir um sentido através da linguagem, as referencias podem ser alteradas de acordo com o contexto e os conhecimentos adquiridos daquele que transmite;

seu sentido é compartilhado e não exclusivamente subjetivo como explicitado pela negação de Frege ao antipisicologismo solipisista;

Logo a relação de igualdade é necessária não apena aos termos singulares, mas também aos indivíduos com uma linguagem em comum e ao compartilharem sentidos expandem suas referencias e suas identidades;

Conclusão: Noção de inter-subjetividade

Conceitos: sentido; referencia; antipsicologismo; solipisismo, inter-subjetividade

Introdução:

- Um meio para o pensamento ser compartilhado
- Como é possível subjetividades distintas convergem numa conversa?

Desenvolvimento:

- Relação de igualdade entre termos singulares
- Referencia e sentido em Frege
- Noção de identidade
- A linguagem a imagem e semelhança de seus criadores
- A relação de igualdade entre subjetividades

Conclusão:

- Noção de inter-subjetividade

A negação desta conexão está baseada na ideia que “o psicologismo oferece uma alternativa pouco atraente à lógica: ele rejeita a fundamentação forte da necessidade lógica6 ”. Desta forma, para que Frege possa manter seu projeto de uma filosofia logicista, o antipsicologismo é uma chave essencial, para que ele possa realizar a distinção que pretende entre sentido e referência. Ao fazer isso, consegue a objetividade pretendida através da eliminação deste traço psicologista presente no trabalho de Mill.

Como toda teoria tem pressuposições básicas, a da teoria referencial do significado é que a os nomes estão na linguagem por coisas, como rótulos atados ao seu referente. Deveríamos pensar então: quem escolheu os rótulos? Ninguém sabe. Seus signos são arbitrários assim como a associação entre palavras e coisas também é arbitrária. A ideia que subjaz a esta teoria é a de que existe certo espelhamento por parte da linguagem que a torna significativa. Como se a linguagem fosse um retrato da realidade.

Frege propõe como que um termo singular (nome) tenha um referente. Mas isto não é novidade enquanto questão filosófica sobre o tema. “Certamente nomes são apenas nomes, pois eles têm os seus significados simplesmente designando as coisas particulares, e introduzindo os designata (coisas designadas) no discurso”16 . Esta posição está presente no trabalho de John Stuart Mill (“A System of Logic”, 1843) que traz a ideia que nomes próprios se assemelham a rótulos. Assim que eles, os nomes, estão ligados diretamente ao objeto sem nenhum tipo de intermediação. Esta teoria da referência dos nomes é, portanto, direta, pois não se utiliza nenhum meio para intermediar a relação nome-referente. Ela segue a intuição de Mill na qual afirma que nomes são “uma palavra que tem a finalidade de mostrar a coisa sobre a qual estamos falando, mas que não diz nada sobre ela17”.

A grande inovação de Frege se encontra no elemento que ele introduz em sua obra quando trata da questão dos nomes: o sentido. Essa introdução “foi motivada pelo

desejo de resolver três problemas principais: o problema dos nomes vazios, o problema da substituição em contextos de crença, e o problema de informatividade"18. Frege oferece soluções para os puzzles, propondo que um nome tem um sentido além de seu referente. O sentido é uma "forma de apresentação" do referente a partir do termo. “Mas ele disse muito pouco sobre o que 'sentido' é e como ele realmente funciona"19 .

O texto fregeano que introduz a noção de sentido é o “Sobre o sentido e a referência” de 1892; lá Frege inicia com uma questão acerca da = (igualdade). A pergunta que orienta o texto é: o que é uma = (igualdade)? A resposta relevante mais comum a esta pergunta é: uma relação de igualdade. Mas uma relação de igualdade entre o quê? Quando temos dois termos ou expressões ladeando uma igualdade, em que relação estes termos ou expressões estão? Ele nos oferece três opções: 1) Igualdade entre objetos 2) Igualdade entre sinais 3) Igualdade entre nomes

O que temos é que, para Frege, é necessário que haja um sentido como definido acima para que possamos justificar a diferença cognitiva que encontramos nas sentenças que envolvem igualdade. O sentido nos guia além da arbitrariedade da igualdade do signo e da obviedade da igualdade dos objetos.

Uma lembrança útil: a função do nome próprio (termo singular) é selecionar apenas um e único objeto no mundo, diferentemente de um substantivo comum que seleciona vários objetos ao mesmo tempo. Na maior parte dos casos, em conversas cotidianas, quase sempre podemos pedir maiores explicações ao nosso interlocutor acerca de qualquer termo utilizado por ele, ou ainda apelarmos para o contexto.

Ficamos então com uma dúvida acerca do sentido: o mesmo sentido é entendido por todos ou cada um possui um sentido não compartilhado para cada nome próprio? “O sentido é entendido por todos que estejam suficientemente familiarizados com a linguagem ou com a totalidade de designações a que ele pertence”22 á a resposta de Frege. O sentido é algo socialmente compartilhado pela comunidade linguística, não há solipsismo aqui, nem psicologismo, cada indivíduo

não é responsável pela produção do sentido, a não ser que seja um conceito totalmente novo que foi criado com a finalidade de explicar de outra forma algo que já existia no mundo.

A conexão regular entre o sinal, seu sentido e sua referência é de tal modo que ao sinal correspondente a um sentido determinado e ao sentido, por sua vez, corresponde uma referência determinada, enquanto que a uma referência (a um objeto) não deve pertencer apenas um único sinal23 .

A referência e o sentido de um sinal devem ser distinguidos da representação associada a este sinal. Se a referência de um sinal é um objeto sensorialmente perceptível, minha representação é uma imagem interna, imersa das lembranças e impressões sensíveis passadas e das atividades, internas e externas que realizei25
A participação da comunidade, assim como o esvaziamento de pressupostos completamente subjetivos na construção do sentido, vai fazer com que Frege seja um dos principais filósofos daquilo que conhecemos hoje como virada linguística. A tese fundamental é que os problemas filosóficos se encontram em sua maior parte na linguagem, sendo esta o meio de trabalho do filosofo e de qualquer um que trabalhe na construção do conhecimento humano. Tem como características adicionais a composição em conjunto desse conhecimento (comunidade linguística), sua objetividade e o afastamento que qualquer construção mental, subjetiva, que possa vir a contribuir significativamente para a construção do conhecimento.

A saída de Frege para este puzzle é a mais interessante das quatro respostas. O que temos aqui como contexto opaco ou transparente não se deve a expressão por si mesma. Não há nada de opaco em: “Reginald Kenneth Dwight é um grande cantor”. A opacidade ou não de uma expressão é introduzida por “acredita que”. “Uma vez que a crença é uma questão cognitiva, Frege supunha que o que determina o valor-verdade de uma sentença de crença é o sentido e não meramente os referentes das expressões que seguem o operador de crença”40 .

Todas as respostas que Frege apresenta para os quatro puzzles são baseadas na distinção fundamental em seu trabalho: O sentido e a referência. Baseada nesta distinção, os nomes devem contribuir com algo mais que somente os referentes. Eles devem possuir também o sentido, para que a sua função semântica esteja completa. Esta distinção faz com que seja possível visualizar respostas aos puzzles com muito mais nitidez do que na postura anteriormente abordada. Acredito que seja importante de ser lembrar que todos os conceitos utilizados por Frege como: sentido, ganho cognitivo, a ideia que o sentido expressa mas não denota o referente não são postas em seu trabalho de forma suficientemente clara, para que as questões fossem encerradas por seu pensamento. Embora comumente o papel do sentido seja entendido como o seguinte: "O sentido de um nome é tanto o modo de apresentação quanto o determinante de seu referente..., e também como referente quando o nome está inserido em um contexto de citação indireta ou atribuição de atitude proposicional"41 .

O pensamento não é uma entidade psicológica, pois se fosse não existiria verdade num mundo onde não há mente ou pensamentos.

A diferença de sentido não implica na diferença de referencia. Para Frege a identidade de sentido implica a identidade de referencia.

O sentido dessa seguinte frase está dispersa no ar? Qualquer um pode esticar a mão para alcançá-lo? Eu mesmo sou responsável por me fazer entendido ou há necessidade desse entendimento ser algo compartilhado e não subjetivo? Três perguntas são o suficiente para instigar o leitor a se interessar pelo que lê? A linguagem é algo realmente incrível, ao me debruçar no papel posso, a partir de algumas regras, curvas e retas, criar imagens e contextos que, apesar de eventualmente parecerem exclusivos de minha privacidade mental, são expostos pelas palavras corridas que escrevo. Demonstrando como, apesar de nossas diferenças, através de uma linguagem em comum podemos interagir sentidos e trocar referencias. Introduzo ao nosso artigo conceitos conhecido por poucos, mas

compartilhados por muitos, mesmo aqueles que não conhecem as teorias fregeanas.
O objetivo aqui é tornar um conhecimento clássico em algo acessível. A filosofia, sobretudo, a filosofia da linguagem possuem problemas seríssimos quanto à linguagem e a forma como ela é utilizada. Muitos se indagaram quanto aos limites e limitações desse incrível instrumento de comunicação e em pleno século 21, famosa era da informação, nos submetemos a abusar desse meio com um vocabulário demasiadamente enxuto e desnecessariamente intrincado sem mesmo sabermos o potencial de uma escrita leve e receptiva a diferentes públicos. Num mundo globalizado é de se esperar que as relações entre diversidades se intensifiquem cada vez mais, a reação mais comum é reafirmar nossas referencias locais com medo de perdermos algo precioso e cobiçado na modernidade: a identidade. Porém essa reação se confronta com uma de nossos instintos mais primordiais como um animal social, tentar resistir às trocam de referencias é negar algo que já acontece naturalmente e que sustenta forma como nos relacionamos.

Antes mesmo de elaborarmos nossos primeiros gaguejos já conversávamos através de gestos e expressões. Elas dizem muito sobre o momento presente e o que está ao redor. Ao decorrer da evolução surge essa necessidade de transmitir a nossa perspectiva perante o mundo a nossa volta não apenas se referindo aos acontecimentos do presente, mas também a tempos distintos e objetos mesmo quando distantes. Um meio capaz de comunicar não apenas o momento presente ou o que está ao redor, mas também de elaborar pensamentos complexos e críticos a realidade. Nomes carregam imagens e frases criam cenas. Podendo ser apreendidas através de uma relação de igualdade. Seja numa perspectiva lógica como igualdade de termos afirmando sua identidade (a = a) ou como aqueles que transmitem, recebem e compartilham do sentido extraído dessa igualdade de referencias. A partir disso é possível uma conexão entre o pensamento, não aquele que lhe acompanha diariamente na sua cabeça, mas um compartilhado entre aqueles que pensam e existente de forma independente dos pensantes. Aqueles que pensam necessitam dessa igualdade da mesma forma que suas referencias para que haja um sentido compartilhado entre diferentes pensamentos.

Mesmo que tenhamos a impressão que uma relação de identidade envolva a univocidade de um termo singular, ela possui implicitamente uma relação de dualidade. Da mesma forma que o indivíduo se reconhecido através do outro os termos singulares estabelecem relações de identidade com diferentes referentes. Para haver uma identidade é necessário haver uma dualidade ou até uma diversidade para reconhecê-la como tal. O modo como estruturamos a linguagem diz muito sobre como somos interiormente ao mesmo tempo que entra em contato com uma inter-subjetividade, não há como falar da linguagem sem envolver quem a utiliza.

A partir das teorias… (...?)

Uma nova percepção sobre a interação do corpo como meio de expressar sensações para um ensino e aprendizagem protagonizante na contemporaneidade

Resumo: O artigo sustenta que no momento não há sustentações suficientes para sustentar-
se mais nada. A utilidade disso é duvidosa, para não dizer que é completamente inútil, ou
talvez, a maior utilidade disso poderia ser demonstrar o valor do inútil. O objetivo é não ter
objetivo algum, em contrapartida, com relações diametralmente opostas a isso, vem na
tentativa de romper com a objetificação do conhecimento daqueles que se envolvem em seu
processo. Para a academia isso não vai alterar as estatísticas, provavelmente será julgado pela
má formatação e eventuais afetividades no texto, pedirão para ser revisado ou encaminhado
para pilha de reciclagem, dito isso, não aprovem, não avaliem, não quantifiquem, esse tipo de
método é contraditoriamente ridículo ao mesmo tempo que não proporciona muitos sorrisos ou
gargalhadas. Para além de uma contextualização, esse resumo se relaciona intrinsecamente
com a contradição performática ridícula e sem graça que a academia replica e influência
diretamente na crise do conhecimento. Ridícula ao menos seria se nos provocasse algum riso.
O riso, algo tão característico da humanidade, que, para os demais animais mostrar os dentes

é sinal de agressão, nesse cenário, de forma análoga, as escolas e academias estão se
tornando ambientes selvagens, mas, diferente duma selva, são apáticos e incolores. O ato
mais revolucionário num mundo de tristeza, é compartilhar sentidos para sorrir.

INTRODUÇÃO

A humanidade assume o protagonismo do conhecimento e passa a
elaborar suas próprias justificativas de como o mundo funciona a partir de seus
experimentos e descobertas. Observando o mundo ao seu redor com os
próprios olhos, imaginando hipóteses de porque o mundo é como é.
Questionando e colidindo diferentes perspectivas sobre o mesmo fenômeno,
pesquisando em diferentes proporções recursos diferenciados para sustentar
uma argumentação coerente e, assim, justificar a descoberta de como
determinado procedimento funciona. Foram anos dourados para nós, é nesse
tempo próspero e esperançoso que surge o método. Oceanos inteiros para
navegar, terras inteiras para explorar, criando ferramentas para conhecer até o
fundo do mar ou o pico mais alto da montanha mais alta. Transformando a
matéria em sua volta para adquirir a forma que bem necessitar, acelerando a
velocidade para além do que suas pernas podem correr, enquanto calcula com
precisão a duração duma seca ou duma colheita com fartura. Nem o céu era
mais o limite, ainda há quem duvide, mas a há anos a ciência diz que o homem
já ultrapassou as nuvens e cruzou escuridão do espaço até nosso único e tão
conhecido satélite mais próximo. Para que pés no chão se podemos ir a Lua?
O conhecimento científico intensificou nosso desenvolvimento
tecnológico, em poucos anos alteramos absurdamente nosso modo de vida e
os impactos que geramos com ele na Terra. Tudo isso era tão excitante e
encantador, nada podia deter o controle que adquirimos ao fracionar a
realidade em pequenos pedaços, compreender suas etapas e direcionar os
resultados que gostaríamos. Nada podia nos parar. A não ser...
A sistematização das ideias que proporcionaram a capacidade de

consolidar um conhecimento a ponto de atribuir habilidades a maquinas para automatização e aprimoramento de certas funções que, em tese, iriam proporcionar ao indivíduo, e por conseguinte, a sociedade, um maior tempo de ócio e descanso. Já que as máquinas estavam assumindo a maior parte dos trabalhos manuais e exaustivos. Por outro lado, gerou desespero em alguns grupos ludistas, temendo a substituição do trabalhador pela automatização. Porém nem uma nem a outra dessas hipóteses se consolidaram com a devida força que se propagaram pela história.

A sistematização das ideias proporcionou, sim, a capacidade de consolidar um conhecimento a ponto de atribuir habilidade a maquinas para automatização e aprimoramento de certas funções, porém isso não nos proporcionou o tempo que foi prometido ou as substituições da mão-de-obra que foram ameaçadas. A tecnologia acelerou não apenas o tempo nas indústrias e na lavoura, acelerou o tempo social e, consequentemente, individual. O crescimento das cidades foi repentino e irremediável, expandindo-se mais rápido que nossa capacidade de gestão e planejamento urbano. O rompimento de fronteiras culturais foi inevitável, o choque da diversidade foi mais veloz que nossa capacidade de contextualização e respeito ao próximo. A velocidade de transmissão de informação cresceu absurdamente mais rápido que nossa capacidade de captação, assimilação e reflexão das informações processadas.

Mesmo que inicialmente o método tenha vindo justamente em resposta a estagnação do conhecimento proporcionado pela religião e por opiniões alheias, a demasiada esperança do método nos esclarecer detalhadamente como o mundo funciona de fato, fez dos preceitos científicos quase dogmas modernos, contrariando sua premissa básica da necessidade das teorias serem passivei de refutação. Gerando uma epidemia de pseudociências que abusam do vocabulário cientifico no intuito de utilizá-lo como instrumento de convencimento em seu discurso.

"Pesquisas apontam que citações espontâneas em meio ao texto
potencializam a capacidade de apreensão cognitiva por acelerarem as
sinopses neurais.num múltiplo estimulo simultâneo entre a memória descritiva
e a memória imagética. Efetivando em 74,58% a assimilação das próxima
informações absorvidas.” (exemplo de um vocabulário científico utilizado como
instrumento de convencimento, mesmo que
eventualmente o conteúdo do discurso não tenha bases científicas)
Ironicamente, a ciência, aprimorando seus instrumentos de observação,
consegue captar os movimentos para além do mundo visível a olho nu e passa
aconchegante de sentir que algum momento vai fazer sentido. Mas não nessa.
O tempo que vivemos é incerto. A razão que desejamos, ainda sim, é apenas
desejo.

Criamos as regras e fizemos o design do tabuleiro de um jogo que
ninguém vence. O próprio desenvolvimento da ciência a proporcionou
instrumentos e bases necessárias para se por em cheque, descobrindo que
seu próprio método é baseado em etapas que estão corrompidas e
comprometem o resultado final. Invertendo assim a lógica básica de todo
raciocínio: a causa e o efeito. Corrompendo o conhecimento e seus meios de
transmissão, impactando diretamente em todas as áreas que foi fragmentado.
Em especial a capacidade de transmitir e assimilar o conhecimento.
O conhecimento é a ponte entre a sensação e o sentido, que pode ser
expresso através da linguagem, possibilitando, assim, o reconhecimento.
A sensação é o que nos permite entrar em contato com o tempo,
perceber o conjunto de fenômenos e seres que o habitam. É nossa
identificação mais primordial e inerente. O que compartilhamos
inevitavelmente, mudos ou não. Nossa reação mais espontânea e instantânea
a vida. Nossa motivação, nossa anima, nosso ikigai.

O sentido é nossa necessidade básica para dar vazão aos múltiplos
estímulos que a sensação recebe. Um meio de transformação de tempo em
sensação para ação ou reflexão capaz de canalizar os estímulos absorvidos de

forma dispersa para atribuir intenções ao expressa-las.
O conhecimento saudável é aquele que se torna retro-alimentativo: da observação gera dúvida, da dúvida gera hipótese, da hipótese gera teoria, teoria gera método, método gera instrumento, o instrumento aprimora nossa capacidade de observação. Reiniciando o ciclo e proporcionando apreensões cada vez mais refinadas da realidade e como ela se expressa/funciona. Conciliando nossa necessidade básica de sentido com nossa matéria prima mais inerente, a sensação.

Porém, o conhecimento foi corrompido, ao invés de investigar as causas para assim compreender os efeitos, o método passou a basear-se em alguns modelos de efeitos já compreendidos para justificar as causas do método. sociedade, tornando-se assim o protagonista de seu aprendizado e consequentemente protagonista da história de sua vida.

CONCLUSÃO

Sobrevivemos, dominamos o planeta e abraçamos o mundo que nos prometeram. Contra todas as expectativas esperançosas, não estamos felizes e muito menos satisfeitos. O conhecimento que nos proporcionou tamanhos feitos é o mesmo que, ironicamente, está refinando os processos de alienação e manipulação de massas para, ao invés de buscar o bem estar coletivo, busca manter privilégios já obtidos em tempos passados, comumente derivado de guerras ou extorsões.

Não há mais oceanos para serem explorados ou terras para explorarem, demos a volta na Terra e acreditamos conhecê-la mais que ela própria e assim ditamos seu caminho. Infelizmente o tamanho de nossa pretensão não condiz com a proporção do nosso saber, mas sim de nossa ignorância. Não há mais para onde correr, fizemos da terra aparentemente o céu para poucos e as migalhas para os que restarem. Mas mesmo aqueles que acreditamos estarem nas nuvens, choram sob sua fortuna, pois a promessa de felicidade para

aqueles que atingissem um suposto sucesso não foi cumprida. Quem não tem nada, ainda tem esperança das coisas mudarem e um dia ter alguma coisa. Quem acha que tem tudo, e mesmo assim não está satisfeito, já não cabe a esperança de um dia ser diferente.

Ao ignorarmos a matéria prima de nossa existência, a sensação, rompemos com o ciclo virtuoso de nossas necessidades básicas para além da nossa sobrevivência primitiva, necessidades básicas para nos mantermos vivos psicologicamente e ativos socialmente: o sentido, reconhecimento e expressão. Ao ignorá-las comprometemos, assim, todas as áreas do desenvolvimento humano que, as cegas, vangloriam a razão e sua ilusão de controle.
Em contra partida, o método é um meio refinado para sistematização de ideias, aprimoramento de pensamentos. Produtor de um conteúdo sintético e encadeado. Ao conhecê-lo é possível aprender muito em como as etapas podem sim favorecer o resultado final, porém isso compõe uma contradição performática implícita no método, já que as etapas do discurso utilizado para repassá-lo não favorecem um resultado final satisfatório.

Mesmo se aqueles que se disporem a entenderem o que são forçados a compreender, mesmo que apreendam tal conteúdo de forma árdua e severa, não é algo que vai motivá-los a expressarem-se através dele em prática, pois não os toca de nenhuma forma, muito pelo contrário.

O que sentem não é relevante no processo e por conseqüência, não se vêem como parte integrante da obra, não reconhecem a si e, por conseguinte, não reconhecem o outro em tal ação; logo, distanciam-se de querer transmitir o que acabaram de aprender. O modo como se aprende influência diretamente no modo em como é ensinado. Mesmo que tenham aprendido, foi de forma severa e impessoal, é bem provável que se, em algum momento forem explicar algo relacionado ou até lecionar sobre, irão reproduzir em partes ou integralmente os aspectos severos e impessoais que o método incorporou ao decorres dos anos em sua didática, ou melhor dizendo, anti-didática.

Corrompendo assim uma cadeia de ensinamentos preciosos que foram contaminados por uma anti-didática que faz do conhecimento algo chato e autoritário. Indo numa direção extremamente oposta a sua real capacidade de ser renovar e libertar aquele que entra em contato nessa jornada sem fim.
Se compreendermos a importância daquilo que conhecemos e gostaríamos de compartilhar com os demais, vamos parar imediatamente de querer convencer demasiadamente ou até mesmo obrigar seu interlocutor a ouvir, faça um convite, sensibilize-o e deixe que o interlocutor se envolva e se interesse pessoalmente pelo que você tanto gostaria de compartilhar.

Pela existência de mais indivíduos autênticos

"5 de maio Demoníaco acaso!
Nunca te amaldiçoei por teres surgido, amaldiçoo-te porque, em absoluto, te não mostras. Ou será uma nova invenção Tua, ser inconcebível, estéril mãe de tudo, única coisa que resta dessa época em que a necessidade deu à luz a liberdade, e em que a liberdade se deixou iludir para regressar ao seio da mãe? Demoníaco acaso! Tu, meu único confidente, único ser que julgo digno de ser meu aliado e meu inimigo, sempre idêntico malgrado as tuas diferenças, sempre inconcebível, sempre um enigma! Tu, a quem amo com toda a minha alma simpatizante, tu, a cuja imagem e semelhança me criei a mim próprio, por que não apareces? Não mendigo, não te suplico humildemente que te mostres deste ou daquele modo, porque tal culto seria uma idolatria, e pouco agradável para ti. Desafio-te ao combate; por que te não mostras? Ou será que parou o pêndulo do universo; será que foi resolvido o teu enigma e te lançaste, tu também, nas águas do eterno? Terrível pensamento! o mundo, de fastio, ficaria parado! Demoníaco acaso! Eu te espero. Não pretendo vencer-te com princípios, nem com isso a que os imbecis chamam caráter; não, eu quero sonhar-te! Não quero ser um poeta para os outros; mostra-te, pois em sonhos te crio, e devorarei o meu próprio poema, será esse meu único alimento. Ou considerar-me-ás indigno? Como a bailadeira que dança para glória do seu deus, me consagrei ao teu serviço; leve no corpo e no vestir, ágil, desarmado, renuncio a tudo; nada possuo, nada desejo possuir; nada amo, nada tenho a perder mas, graças a isto, não me terei tornado mais digno de ti, de ti que, sem dúvida, já de há muito te cansaste de arrancar aos homens o que eles amam, enfadado com os seus suspiros covardes e as suas covardes preces? Surpreende-me, estou pronto, lutemos, não por um prêmio, apenas pela honra. Deixa que a veja, apresenta-me uma oportunidade que pareça impossível, mostra-me entre as sombras do reino dos mortos, e eu a trarei de novo à vida; que ela me odeie, que me despreze, que use para comigo da maior indiferença, que ame um outro, nada temo; mas faz mover estas águas paradas, interrompe o silêncio. Matar-me assim de fome é uma vergonha para ti, pois imaginas ser mais forte do que eu."

(O Diário de um Sedutor, Soren Kierkegaard)

Aquele que escreve sua narrativa a partir de uma perspectiva estética carrega o fardo do drama existencial exagerado marcado por um excesso de metáforas, que dançam com as imagens formadas por essas palavras. Essas que no momento são tudo que sou. O nada não pode ser simplesmente nada, o óbvio não pode ser tão óbvio, tudo está disposto a ser algo a mais. Para que ser tão claro e objetivo se as linhas abraçam sem julgar o quanto pesa cada silaba de um poeta.

O que acontece quando o poeta acorda sem suas silabas? Aquelas que estavam sempre na ponta da língua. O que seria desse poeta? Sua reação mais sã é a que se espera: escrever. Para assim, entender melhor o que está acontecendo.

Em sua escrita acusa o acaso de suas frustrações internas com a seriedade de no fundo compreender que cada palavra escrita é a que precisa ser lida. Com o costume de criar sentidos com facilidade, assusta ao deparar-se com esse emaranhado de traços pouco convidativo aos adjetivos que tanto gosta de usar. Começa a se questionar. Duvida se um dia já foi um poeta que se preze. Se era, onde estariam suas silabas? Talvez elas estejam passeando por ai. Não deviam ser de ninguém mesmo. Soltas no ar, qualquer um pode pega-las quando bem entender. Então o que lhe falta agora que não lhe faltava antes? Um pouco de atenção ou uma seriedade quase ritualística do ato de escrever como se permitir ser usado de instrumento das palavras e não como aquele que as usa.

Mas a revolta de um poeta é tão pretensiosa quanto seus poemas ao imprimirem algum sentido em meio ao caos. Não poderia ser em vão. Quem arrancaria assim sua maior preciosidade? Suas mãos para sentir! Seus pés para caminharem! As silabas de um poeta o fazem! São através delas que o mundo é percebido por aquele que escreve. Aquele que escreve sabe o que é uma folha em branco. A responsabilidade de nela despir-se a ponto de tornar transparente, mostrando o que há por trás dessa personalidade expressa em retas e curvas. Quanto menos se preocupar se está criando algo absurdo e de pouco compreensão, mais lucidez e empatia serão sentidas em seus relatos. Deixando de ser frases precisas para se tornarem frases preciosas.

É um fenômeno considero místico por varias culturas ao redor do mundo, o contato que a linguagem tem com entidades abstratas conecta para além do que é percebido visualmente. Os registros feitos são fragmentos que captamos suficientes para transmitir as freqüências sintonizadas. O problema é que a nossa lógica não trabalha bem com contradições. Enquanto as sensações que temos, ao entrar em contato com essas freqüências, são confusas e contraditórias. Exigindo assim um esforço daquele que se dispõe a interpretar o que está sendo dito. Por estarmos acostumados com a consistência de um vocabulário científico temos muita dificuldade ao nos depararmos com outras formas de descrever o mundo.
A natureza tem suas formas de expressão, nós somos uma extensão dessa expressividade. A nossa vontade insaciável de compreender nossa existência e teorizar sobre ela é fomentada por essa necessidade da natureza de se compreender. Desenvolvemos formas cada vez mais sofisticadas de satisfazer esse desejo natural por conhecer e ser reconhecido.

A ciência aprimora a forma como observamos e compreendemos os fenômenos externos. Aplicamos fórmulas e teorias para nos apropriarmos cada vez mais minuciosamente desse conhecimento. Desenvolvemos civilizações e tecnologias voltadas à valorização desses métodos em suas conseqüências. Medidas cada vez mais precisas com resultados cada vez mais esperados. Ironicamente, ao desenvolvermos meios para observarmos os movimentos subatômicos (fenômenos antes não perceptíveis aos nossos sentidos) nos deparamos com um conhecimento que entrou em choque com os obtidos até então. As leis que regem o mundo perceptível aos nossos sentidos não se aplicam as leis que regem o mundo subatômico. Os meios para estudar os fenômenos subatômicos exigem uma postura diferenciada do método, pois a observação (etapa fundamental do método científico) influencia diretamente no fenômeno observado. Ou seja, o fenômeno ao estar sendo observado age de forma diferente de quando não está sendo feita observação alguma.

Os registros que nos guiaram até então foram baseados em conhecimentos adquiridos através de experimentos, feitos pelo método (incluindo sua etapa fundamental de observação). Esses conhecimentos que nos cobram referencias ao teorizarmos nossas idéias para sustentarmos o sentido de nossa existência desenvolveram-se a ponto de entrarem em choque. Um bom momento para também nos pormos em cheque. Nossa necessidade de conhecer é insaciável e, se um meio não é o suficiente para ela fluir, que criemos dois, três, vários. E foi o que fizemos. Porque nos contentarmos apenas com o método cientifico? Nós, como expressões da natureza, também necessitamos nos conhecer. Não me sinto apenas como um saco de ossos, órgãos e sangue reagindo a efeitos dos hormônios causados pelos estímulos que me afetam e garanto que você também não.

Os conhecimentos que tentam nos aproximar dos conflitos internos quanto ao sentido de nossa existência estão sendo subestimados. Na tentativa de controlar milimetricamente cada etapa de nossas vidas, passamos a aplicar o método cientifico em nossas narrativas com a frieza de quem busca resultados cada vez mais imediatos. Objetivos cada vez mais claros. Frases cada vez mais diretas, quase sem espaço para nos pormos nas linhas que escrevemos. Esse comportamento apenas intensifica nossa carência de expressar o que somos para além dos segundos cronometrados e das medidas estipuladas. Pouco nos questionamos quanto aos acontecimentos que presenciamos e pouco nos encantamos com os fenômenos que nos cercam. Os acontecimentos já estão previstos e os fenômenos catalogados. Quem sou eu para dizer alguma coisa se os livros já estão escritos e as teorias testadas? Esse sentimento de impotência nega a vontade insaciável de conhecer, nega o que somos.

Mas esse momento de transição que vivemos nos presenteia com a licença poética de desconstruir para recriar novos horizontes. O método científico se mostrou muito eficiente para descrever e controlar os fenômenos externos, mas nos transformou em seres dissimulados com personalidades fragmentadas vagando sem brilho pela escuridão do universo sem reconhecer o que há em seu interior. A próxima revolução não deve ser cientifica, é necessário que seja uma revolução estética.

Deformamos o mundo. Temos o poder de transformá-lo a nossa imagem e semelhança e ao contemplarmos o que construímos percebemos o quanto estamos doentes por dentro. A natureza é bela, nós somos natureza, porque então não nos sentimos belos?

Estamos sem cor, às metrópoles cobrem o verde natural ao neutralizar a vista com uma imensidão cinza de concreto. Estamos poluídos, o excesso de resquícios acumulam e não há mais onde esconder nossa sujeira. Traçamos os limites e conhecemos nossas limitações, não tem mais para onde ir. Não há oceanos a serem explorados, não há outra terra a vista. Só temos essa. Aos pouco estamos assimilando o estrago que causamos a ela e as conseqüências disso em nosso estilo de vida.

O que aconteceu conosco? Podemos nos perguntar, mas ao tentar responder não precisamos apelar para uma nostalgia fantástica. Imaginando um tempo que tudo era diferente e vivíamos felizes em nossa espontaneidade até que em algum momento perdemos um contato encantador com a existência. A evolução, diferente do que gostamos de pensar, não significa um melhora progressiva, mas sim uma melhor adaptação ao meio. Logo a evolução não é mérito do prestígio de um organismo, mas da sua capacidade de atender exigências do meio que ele se encontra. Evoluímos para saber mais e nos importar menos. Transformamos o mundo a nossa volta a partir dessa indiferença baseadas na frieza duma racionalidade que nos divide, nos distancia, nos delimita. Para tornar esse processo cada vez mais eficaz condenamos nossas sensações ao exílio. Nós desvalorizamos a sensibilidade dos sentidos que nos permitem absorver o mundo que nos toca.

Como um poeta que um dia acordou sem as silabas que o faziam encantar-se com a vida, a reação mais sã a se esperar é uma mudança radical. Diferente do que o senso comum relaciona, ser radical não é sinônimo de extremismo. Ser radical é tomar as coisas pela raiz. Um poeta ao perder-se de suas silabas sua reação mais sã é radical, retomar a raiz de qualquer poeta que se preze: escrever. Necessitamos

de uma mudança radical. Para uma mudança radical acontecer é necessário antes nos questionar: qual nossa raiz?

O pensamento surge duma necessidade irresistível de expressarmos as sensações absorvidas através de nossos sentidos. A força que nos invade e nos mantém vivos não depende do nosso pensamento, muito menos de nossa racionalidade, depende das nossas sensações e não das abstrações que fazemos delas. A razão é uma dessas abstrações derivadas das sensações que temos. Glorificar a razão em detrimento do que sentimos é como arrancar a flor de suas raízes para usá-la antes que apodreça. As sensações são as raízes que permitiram nutrir os conhecimentos que desenvolvemos. Usamos e abusamos da racionalidade. Exaltamos com fervor o que escolhemos para ser o pilar de sustentação da nossa sociedade, mas, incapazes de admitirmos o gradual apodrecimento dessa estrutura, o que fazemos é esperar o desmoronamento repentino de tudo que conhecemos.

A evolução demanda uma atitude radical. Necessitamos tomar a existência pela nossa raiz. Abraçando as sensações que nos invadem. Negligenciamos tanto essa necessidade primordial que podemos estar atrofiando nossos sentidos, já pouco sensíveis, mas ainda somos capazes de sentir. Numa sociedade que condenou as sensações, o ato mais revolucionário possível é sentir e compartilhar dos sentimentos que nos reconhecemos. Uma reconciliação com a existência antes do fim pré-calculado com extrema exatidão.

“O que me falta é, no fundo, ver claramente em mim mesmo o que devo fazer e não o que devo conhecer, salvo na medida em que o conhecimento sempre precede a ação. Trata se de compreender o meu destino, de ver o que Deus quer propriamente que eu faça, isto é, de encontrar uma verdade que seja verdade para mim, de encontrar a ideia pela qual quero viver e morrer”
(Kierkegaard)

A sociedade do espetáculo e o papel do professor mediador a partir da introdução do conceito de philoperformer

Resumo: Senhoras e senhores! Bem-vindos e bem-vindas ao século 21! A era da informação, o
tempo prometido para as inovações, o século decisivo se vamos continuar prósperos e dominantes
ou se a Terra vai nos banir de vez! O tempo das grandes emoções e a aventura mais emocionante
no momento é ser um agente ativo na história, protagonizando a si mesmo num contexto globalizado
e multicultural. A humanidade nunca esteve tão consciente de seu potencial, atribuindo os
conhecimentos que adquiriu até então para impulsionar seu processo de evolução como espécie e,
mesmo assim, continuamos a associar a evolução como um aprimoramento comparado com que era
antes, porém, a evolução é pautada pela adaptação não pelo aprimoramento. Vamos fazer uma
breve retrospectiva dos últimos acontecimentos: a tão promissora ciência, que nos permitiu chegar
até então como estamos, casou-se com o sistema de coersão social mais famoso do planeta, o
capitalismo. Desse casamento, surgiram alguns filhos como a indústria cultural e a educação como
produto mercadológico. Originando assim a incrível, sensacionalística e sem precedentes: Sociedade
do Espetáculo (aplausos). O conhecimento entra em crise e os preceitos que sustentavam nossa

sociedade até então são postos em cheque, gerando uma insegurança generalizada e a
possibilidade de inserção de novas perspectivas ou a reivindicação de antigos olhares. A promessa
de felicidade e tempo disponível feita pela modernidade não foi consolidada e estamos
desamparados a beira o precipício esperando para assistir os próximos episódios de nossa série
favorita: "O Reallity Show da Vida Alheia". Enquanto audiência a sobe e se atualiza diariamente, os
índices de escolaridade decaem absurdamente e a prática da educação continua igual, como a
milênios atrás, mas seu investidores mudaram e consequentemente seus objetivos também. Se você
está se sentindo incomodado com a escrita deste artigo, não pare agora, ele foi feito exatamente
para você, precisamos conversar. Diversão é coisa séria. O artigo vai tratar sobre duas vertentes do
conhecimento, o conhecimento autoritário e o conhecimento libertador e como ambos se relacionam
com nossa composição mais inerente: a sensação; e suas necessidades básicas mais primordiais
para nos mantermos não apenas sobreviventes, mas vivos: sentido, reconhecimento e expressão. A
sensação foi banida do processo educacional e por conseqüência suas necessidades básicas estão
sendo negligenciadas a séculos, culminando num sistema educacional que transmite o conhecimento
de forma autoritária atrofiando a expressividade e formando, assim, pessoas sem identidade e sem
protagonismo. Resultando, numa geração inteira de expectadores para assistirem ao sistema que

tanto criticam, já que gostamos tanto de assistir: Senta que lá vem história!

Palavras-Chave: tempo; sensação; desamparo; conhecimento; método; linguagem; sentido;
reconhecimento; expressão

NTRODUÇÃO

Bravo! Bravo! Viva! Viva! Viva a sociedade do espetáculo! Luz, câmeras, ação! Movimento cores, flashs, efeitos especiais, close, finais felizes, múltiplos estímulos invadindo seus sentidos! Tudo isso pode ser seu por apenas toda sua atenção! Vamos, venham todos prestar atenção em como viramos grandes expectadores da vida alheia, deixamos de viver para ver como o outro vive. Como esperar um final diferente para esse script? Se as falas estão feitas e os limites estipulados? As cenas previsíveis e padronizadas? O sistema educacional vigente atrofia a expressividade daqueles que se envolvem no processo. Chegamos a um ponto em que, da mesma forma que a igreja não mais representa o que é religião, a escola não representa mais o que é educação. Os holofotes estão voltados para as vendas e os alunos vendados em sua penumbra. Justificando assim serem chamados dessa forma, prefixo "a" de negação e "luno", da palavra derivada do latim " lumni", luz, aluno portanto, como classicamente é compartilhado em salas de aulas do mundo todo tem seu significado como: sem luz.

O capital é soberano e a economia sua entidade na terra, números ditam nomes e nomes são cultuados e odiados dependendo dos índices da bolsa ou da audiência. O mundo mudou, nós também, mas o ambiente escolar permanece o mesmo para mais de séculos. A necessidade de transformação, tanto da estrutura física quanto do comportamento interpessoal no sistema educacional, é latente e já passou do prazo de validade. O mercado e sua plasticidade se adapta rapidamente às novas demandas do novo século, caso o sistema educacional permaneça estagnado, sua venda para a economia capitalista será efetivada como há tempos já arquitetam e sofremos com essa negociação. A cobertura será completa e

transmitida apenas para os bastidores. O drama da platéia, até então passiva, será inevitável, enquanto a mídia venderá a bilheteria que inflamarão os comentários nas redes. Não temos muito tempo para demagogia ou discursos bonitos, artigos científicos que citam educadores renomados, currículos invejáveis no lattes enquanto na prática continuamos a reproduzir os mesmos comportamentos estereotipados e desestimulantes que tanto criticamos.

Dizem que os índices de déficit de atenção estão aumentando e as crianças ficando cada vez mais indisciplinadas. São acusadas de não quererem nada com nada e subestimam seu poder de concentração. Relatam que não conseguem assistir nem uma hora sentados e devidamente comportados numa sala de carteiras
milimetricamente enfileiradas para o centro do poder e da fala na sala de aula: o professor.

Mas como pode, essas mesmas crianças conseguirem assistir mais de meia hora de vídeo duma vloger-mirim falando sobre amoeba? Podemos alegar que o conteúdo do vídeo talvez seja de mais fácil assimilação. Mas e as trilogias inteiras com mais de três horas de duração em cada filme de uma narrativa complexa em que há um idioma próprio da saga e que essas mesmas crianças o aprendem melhor que a gramática de sua língua nativa? O que esses casos se diferem duma sala de aula? A resposta mais curta e séria é: a diversão.

Há como utilizar dessas mesmas linguagens que nos fazem assistir programas que detestamos, desejar coisas que não precisamos ou até nos fazem apaixonar pelo que não somos para outros fins. Há como utilizar essas mesmas linguagens que nos fazem focar por horas, aprendermos sobre o absurdo ou viver vidas de estranhos com tanta familiaridade. Há como utilizar dessa mesma linguagem para nos fazer querer coisas que realmente precisamos, elementos primordiais para a humanidade como o conhecimento e a expressão.
A linguagem é o meio pelo qual entramos em contato com o conhecimento.
Ela é um conjunto complexo de meios de expressões que envolvem, não só seu uso

descritivo e cognitivo como palavras ou números, mas também por expressões faciais, gestos, sonoplastias, melodias, passos, ritmos, pausas, caras e bocas para encarnar sensações e assim transmiti-las. Somos um estudo vitalício de uma gama rica e diversificada de como fazer do nosso corpo em conjunto ao nossa fala, instrumentos poderosos de transmissão de sensação em ideias a partir da linguagem.

Podemos nos apropriar dessas linguagens e métodos e inserir diferentes conteúdos a eles para juntar os pólos aparentemente contrastantes: o entretenimento e a reflexão.

O professor como mediador tem esse papel de se tornar um ser plástico (modelável, e não modelado) para o conhecimento e o estudante se comunicarem com cada vez mais familiaridade até o ponto da mediação não ser mais necessária e assim o estudante perceber que é o protagonista de seu próprio aprendizado.
Os estudos da neurociência, por exemplo, ao invés de serem investidos nas publicidade infantil, podem ser compartilhados para os pedagogos que diariamente lidam com as crianças nas escolas. Aplicando esse estudo para fazerem as crianças
desejarem brinquedos com movimentos feitos pelo computador, mas desejarem conhecer a si e o mundo.

Certo ou errado já não resolvem as questões contraditórias que enfrentamos.
Há muitos dados a serem apresentados sobre como a educação foi, está e pretender ser. Mas não é necessário pesquisa alguma comprovando um fato inegável, fato que tratado com desdém e assusta os profissionais da educação atualmente, o que os estudantes mais querem tanto dentro quanto fora da sala de aula é: se divertir. Isso, se divertir! Poderíamos sim aliviar nossa responsabilidade nisso alegando falta de comprometimento ou seriedade por parte do corpo estudantil, mas isso não resolve o problema, os estudantes vão continuar querendo se divertir independentemente do nosso julgamento quanto ao que isso significa.
Então como fazer desse fato não uma fuga para justificar nossa dificuldade em se

adaptar às necessidades dos estudantes? Esquecendo o que achamos que é e aprendermos juntos a desenvolvermos outros métodos para conciliar a demanda do estudante de diversão com a necessidade dele de entrar em contato com o conhecimento.

Ainda não há uma tradução, a não ser literal, no Brasil, por ser recente no mundo todo: o conceito de philoperformer. A filosofia performática ou a performance
da filosofia, um movimento de reflexão contínua entre a teoria e a prática numa dança de condução mútua. A filosofia não apenas transmitida descritivamente para ser compreendido pelas nossas capacidades cognitivas de interpretação das palavras, mas também mesclada a uma didática lúdica que atrela não apenas ao conteúdo, mas se atenta a como esse conteúdo será transmitido e utiliza métodos e linguagens que tornem esse conteúdo cativante e envolvente e imersiva como a que uma performance nos provoca. Acreditamos realmente que o ator está triste quando chora, ou feliz quando ri, essa capacidade encarnar sensações pode ser utilizada para encarnar a devida importância que o conhecimento tem.

Mas, pelos métodos em que nos submetemos para entrar em contato com o conhecimento o faz aparentar ser autoritário e desgastante. Isso não condiz com o conhecimento que é libertador e renovador. O conhecimento prediz a ação, não a apatia. O que falta muitas vezes numa sala, não apenas de filosofia, mas nas demais disciplinas compartilham desse déficit de: sensação.

A grosso modo: onde está escrito que uma aula tem que ser um saco? Por que um dia escreveram que não poderiam haver oscilações como o vocabulário científico mesclado aos dialetos diários para explorar o limiar entre o familiar e o desconhecido? Quando pararam mesmo de fazer perguntas metalingüísticas? Três é o suficiente? Posso confessar que para além de qualquer obra lida ou frase decorada minha maior referência é você quem lê? Eu não sei, você não sabe, parece que ninguém nunca soube, estão nos façamos um convite: esquecer o que achamos que é para a aprender à aprender juntos! Será que vamos conseguir? Não

perca o próximo capítulo de A Sociedade do espetáculo e o papel do professor mediador a partir da introdução do conceito de philoperformer.

(INTERVALO)

(PROPAGANDA: LEIA AGORA MESMO GRATUITAMENTE O LIVRO SOBRE UMA HUMÁQUINA QUE ESCREVIA NÓS OU ALGO ASSIM NÃO SEi, APROBEITA QUE É DE GRAÇA

https://archive.org/details/a-ma-quina-que-escrevia-no-s-e-a-introduca-o-ao-redundancionismo/A%20M%C3%81QUINA%20QUE%20ESCREVIA%20N%C3%93S%20E%20A%20INTRODU%C3%87%C3%83O%20AO%20REDUNDANCIONISMO%20%281%29.pdf

NÃO PERCA! SÓ AMANHÃ É SÒ AMANHÃ!)

DESENVOLVIMENTO

Viver sem conhecer a história é como dar um tiro no escuro, já se perguntou
onde o nosso vai parar? Temos tempo para mais questões retóricas? Ou metáforas
imagéticas? Não, pare de interromper com perguntas, não temos tempo. Vivemos a
ironia duma sociedade de acúmulo que cultua o seu recurso mais primordial, mas
contraditoriamente, um recurso impossível de ser acumulado: o tempo.

"Hoje não deu para viver esse dia, não tem problema, vou guardá-lo para amanhã. Ou melhor,
amanhã não dá, dia de rotina ainda, bom, guardarei para semana que vem então. Semana que vem
resgato no meu estoque de dias não vividos do ano."

(relato de um cidadão qualquer comum do século 21, não, não é um livro)
Um diálogo interno possível apenas num mundo fantasioso para nós. A
realidade para os que vivem e têm consciência disso é que tempo nunca fica,
apenas passa. Em outras épocas talvez houvesse algum ponto fixo para nos
sustentar, uma garantia que nada disso é em vão, uma certeza tão aconchegante
de sentir que algum momento vai fazer sentido. Mas não nessa. O tempo que
vivemos é incerto. A razão que desejamos, ainda sim, é apenas desejo. Criamos as
regras e fizemos o design do tabuleiro de um jogo que ninguém vence. O próprio
desenvolvimento da ciência a proporcionou instrumentos e bases necessárias para
se pôr em cheque, descobrindo que seu próprio método é baseado em etapas que

estão corrompidas e comprometem o resultado final. Invertendo assim a lógica básica de todo raciocínio: a causa e o efeito. Corrompendo o conhecimento e seus meios de transmissão, impactando diretamente em todas as áreas que foi fragmentado, em especial a capacidade de transmitir e assimilar o conhecimento.
O conhecimento é a ponte entre a sensação e o sentido, que pode ser expresso através da linguagem, possibilitando, assim, o reconhecimento.
A sensação é o que nos permite perceber o tempo e entrar em contato com o conjunto de fenômenos e seres que o habitam. É nossa identificação mais primordial e inerente. O que compartilhamos inevitavelmente, mudos ou não. Nossa reação mais espontânea e instantânea a vida. Nossa motivação, nossa anima, nosso ikigai.

O sentido é nossa necessidade básica para dar vazão aos múltiplos estímulos que a sensação recebe. Um meio de transformação de tempo e sensação para ação ou reflexão capaz de canalizar os estímulos absorvidos de inicialmente forma dispersa para atribuir, posteriormente, direcionar intenções ao expressá-las.
O conhecimento saudável é aquele que se torna retroalimentativo: da observação gera dúvida, da dúvida gera hipótese, da hipótese gera teoria, teoria gera método, método gera instrumento, o instrumento aprimora nossa capacidade de observação. Reiniciando o ciclo e proporcionando apreensões cada vez mais refinadas da realidade e como ela se expressa/funciona. Conciliando nossa necessidade básica de sentido com nossa matéria prima mais inerente, a sensação.

Porém, o conhecimento foi corrompido, ao invés de investigar as causas para assim compreender os efeitos, o método passou a basear-se em alguns modelos de efeitos já compreendidos para justificar as causas do método. Compondo uma contradição performática, não mais sustentadas por nossa inclinação natural ao querer conhecer, mas sim, pela imposição dum conhecimento que quer inclinar os demais para um ou outro método em meio a diversidade de métodos possíveis. Alguns que estão sendo constantemente replicados já se mostram cristalizados no tempo e separados do espaço ao ensinarem sem transmitirem a origem e os

motivos desse ensinamento, ou o porquê de ser relevante, ou perguntar se está minimamente atrativo para o interlocutor.

"Como vai a leitura, gostaria de continuar? Bom, se sim, vamos lá, se não, muitíssimo grato, até breve."

Se o conhecimento é a ponte entre a sensação e o sentido, agora ele tem pedágio, barreiras, uniformes, estrutura precária, salários mal pagos, funcionários

estressados e saturado de funções extras. A sensação não foi efetivada e o sentido é explorado para dar cada vez mais destaque a métodos e métodos que visam a aplicação dos instrumentos para romper com a etapa da observação visando a produção mimética dos resultados.

O artigo investiga as conseqüências disso no processo educacional como instituição e o processo educacional pessoal abordando a relação do conhecimento com a sociedade e indivíduo.

Contrasta constantemente duas formas de transmissão do conhecimento: o conhecimento autoritário e o conhecimento libertador. O primeiro mais presente e adotado pela política educacional quase que de forma unânime pelo mundo todo e a segundo se encontra em ascensão em regiões específicas e ainda pouco integradas.

O artigo sustenta que no momento não há sustentações suficientes para sustentar-se mais nada.

A utilidade disso é duvidosa, para não dizer que é completamente inútil, ou talvez, a maior utilidade disso poderia ser demonstrar o valor do inútil.
O objetivo é não ter objetivo algum, em contrapartida, com relações diametralmente opostas a isso, vem na tentativa de romper com a objetificação do conhecimento daqueles que se envolvem em seu processo.

Para a academia isso não vai alterar as estatísticas, provavelmente será julgado pela má formatação e eventuais afetividades no texto, pedirão para ser revisado ou encaminhado para pilha de reciclagem, dito isso, não aprovem, não avaliem, não quantifiquem, esse tipo de método é contraditoriamente ridículo ao mesmo tempo que não proporciona muitos sorrisos ou gargalhadas.
Para além de uma contextualização, esse parágrafo se relaciona intrinsecamente com a contradição performática ridícula e sem graça que a academia réplica. Influenciando diretamente na crise do conhecimento. Ridícula ao menos seria se nos provocasse algum riso.

O riso, algo tão característico da humanidade, que, para os demais animais mostrar os dentes é sinal de agressão, nesse cenário, de forma análoga, as escolas e academias estão se tornando ambientes selvagens, mas, diferente duma selva, são apáticos e incolores.

O ato mais revolucionário num mundo de tristeza, é compartilhar sentidos para sorrir.

Isso não repercute apenas de uma forma afetuosa, mas efetiva como essa afirmativa sintetizada a cima. Caso contrário não teríamos a infelicidade de até a felicidade ser objetificada. Sorrisos e gargalhadas são a nova moeda no momento. As relações de poder e afeto são pautadas em sensações relatadas por reações a partir de emoticons alegres ou tristes, dependendo para qual direção a pessoa aponta o dedo. Na tela observa-se o mundo, e o mundo se apresenta para nós pela tela.

A sociedade do espetáculo dá atenção apenas ao que é emocionante de alguma forma, qualquer outra sensação que seja para suprir, identificar ou fugir da sensação de desamparo.

No momento, a educação e o conhecimento são visto com apatia, e não por

acaso, a sensação, com a ocidentalização do mundo e mais intensamente após o positivismo, foi, gradativamente, banida do processo com o argumento de comprometer a eficácia e a validez dos resultados obtidos. Já que a sensação poderia desequilibrar o observador, ou, por questões afetivas, o inclinar a optar por destacar ou ocultar determinados fatos observáveis.

Como conseqüência, a prática de transmitir o conhecimento também especializou-se em extinguir a sensação, uma apatia geral focada única e exclusivamente relatar o conhecimento já descoberto e replicá-lo intermitentemente de forma impessoal e contraditoriamente visando ser direto. Uma neutralidade tamanha que temo dizer que era preferível até ser odiado. Ao menos assim, seria alguma forma de relação e já haveria uma ligação afetiva, mesmo que negativa, com as pessoas, o conhecimento e a forma que é transmitido na educação; ao menos assim haveria a oportunidade de alguma ressignificação.

Porém, não é o caso, pelo contrário. O descaso é tanto que o envolvimento com o processo educacional é o mínimo necessário para preencher devidamente os currículos. Não há amor ou ódio algum, a afetividade é nula a ponto de ser passada despercebida, pois a demanda atual do indivíduo de emprego imediato é maior do que de formação a longo prazo. Não há ligações afetivas envolvidas com o conhecimento ou seu processo de transmissão ou o local em que isso é feito e as pessoas que estão compartilhando do aprendizado. Como conseqüência, as salas de aula se tornam ambientes improdutivos e desestimulantes. O conhecimento é transmitido visando apenas o método, ignorando a sensação e impondo um sentido. Ao ignorar a sensação e impor um sentido, ignora a matéria prima inerente que nos compõe e subestima respectivamente sua necessidade básica mais primordial e sua capacidade de transformação de múltiplos sentidos para nos mantermos não apenas sobreviventes, mas vivos.

Diferente dos animais, não nascemos com instruções básica de como se comportar e sobreviver no mundo. Sem instintos naturais, nascemos nus e crus. Um animal quase inútil, incapaz até de se locomover sozinho. Sem garras, sem grandes

dentes, sem carapaça. Fraco, inofensivo, e sem saber como reagir a vida. Sintetizando dessa forma, parece até algo trágico ou surpreendente que tenhamos chegado no topo da cadeia alimentar e impregnado todo o planeta. Ironicamente, não possuir um guia natural de como reagir a vida ou características naturais de ataque ou defesa, nos fez desenvolver algo tão mais potente quanto qualquer outra coisa previamente determinada, o poder de transformar sensação em sentido: o conhecimento e sua capacidade de transmissão, a linguagem. Dando sentido para desenvolvermos os guias que carecemos, dando sentido para transformarmos nas características que necessitamos, dando sentido para determinarmos o que foi antes ou depois. A partir disso, sobreviver já não era mais o desafio e as relações da espécie homo sapiens adquirem novas necessidades.

Como animais que somos, temos algumas necessidades biológicas para nosso metabolismo funcionar e assim sobreviver, entre elas: alimento, abrigo e excreção. Porém, a partir do desenvolvimento do conhecimento e da linguagem, o estado de sobrevivência é praticamente superado a ponto de haver um crescimento exponencial e avassalador em nível de espécie. Para isso criamos nossa própria selva, nossas leis para além das naturais, um sistema de hierarquização e convivência própria formando uma sociedade diversa e multicultural. Como conseqüência surgem outras necessidades básicas, estas mais voltadas não a sobrevivência biológica, mas a sensação de estar vivo no psicológico e ativo socialmente: sentido, reconhecimento e expressão.

Agora para o homo sapiens, sobreviver apenas não basta! É necessário um sentido para estar vivo. Não somente isso, pois não nos contentamos que faça sentido apenas a nível individual, desejamos que o sentido que atribuímos a nós e as coisas sejam reconhecidos pelos sociedade. Para que o sentido possa ser reconhecido é preciso que ele seja expresso de alguma forma, logo, completando o ciclo virtuoso, também necessitamos de expressão. A sensação é transformada em sentido pelo conhecimento, o sentido é através da expressão a partir da linguagem e assim pode, ou não, ser reconhecido pelos demais.

A negação da sensação impede a continuidade da transformação desta em sentido. Rompendo com o ciclo virtuoso das necessidades básicas para nos mantermos vivos em nosso psicológico e ativos socialmente. Condenando, assim, a entrar apenas parcialmente em contato com o conhecimento, sempre o tangenciando. Ambos os papéis de quem ensina e quem aprende são afetados por esse distanciamento a ponto de não mais se intercalarem e, assim, impossibilitando de haver uma catarse mútua. Se tornam estáticos, a transmissão de conhecimento é passiva e essa passividade beira o tédio, pois não há preocupação alguma com a estética pela qual esse conhecimento pode ser transmitido com muito mais eficácia.

Não há protagonismo algum, nem mesmo o professor que foi incumbido do monopólio de poder e de fala da sala sente-se protagonista do ensino, pois é constantemente podado pelos modelos e prazos exigidos pelos contratos e comprimento de suas respectivas tabelas.

.

Protagonismo em seu sentido mais radical, do grego "protagonistes", prefixo “protos” remetente aquilo que é primeiro, e “agonistes”, aquele que agoniza por conta do enredo que o transpassa. O primeiro em seu contexto a ter a sensação e, consequentemente, agoniar-se por lembrar que existe, tem consciência que vive e, a qualquer momento, pode morrer. A recordação de sua efemeridade exige do ser uma responsabilidade imensa pelo que fará com seu único tempo de vida até seu último e irremediável suspiro.

Socialmente, o protagonismo nunca foi tão visado e próxima a sociedade, mas ironicamente distanciada constantemente dos indivíduos que tanto a admiram. O protagonismo está diretamente ligado ao processo de transformação de sensação
em sentido, pois, para aqueles que necessitam do sentido como necessidade básica, a carência do sentido faz com que valorizem e se espelhem naqueles que conseguem, ou aparentam, ter sentido.

Por tempos a humanidade não era protagonista de sua história e se identificava apenas como consequência de ações que iam muito além de sua percepção ou capacidade de apreensão dos acontecimentos. Os grande fenômenos da natureza eram explicados como interferências divinas compostas por estórias de entidades para cada ação natural do planeta que vivemos. Surgindo, assim, mitologias inteiras que permeavam as culturas e relatavam sua relação com o espaço e contexto que viviam. Posteriormente culturas passam a dominar umas às outras em larga escala, provocando um choque cultural dessas mitologias. A cultura predominante influenciou as demais a unificarem suas crenças para cultuarem apenas a um deus e assim ser possível consolidar impérios continentais.

Continuando agora, com mais foco em uma entidade apenas, as justificativas de como o mundo funcionava. Poderia ser sintetizado na seguinte frase: porque deus quis. Forte e onipresente em nossa história, essa justificativa nos satisfez em escala de sociedade por milhares de anos. Até a instituição formada por indivíduos para representar o que acreditavam provocar tamanhas contradições do que pregavam, contrastando com o que faziam a partir do poder e o status que sua representação divina, como dita e reafirmada pelos membros dessa instituição, proporcionava. Comprometendo, assim, a validade de suas pregações e, consequentemente, seu contato com qualquer ente superior, pondo em cheque a justificativa que sustentavam.

Nesse ponto que a humanidade assume o protagonismo do conhecimento e passa a elaborar suas próprias justificativas de como o mundo funciona a partir de seus experimentos e descobertas. Observando o mundo ao seu redor com os próprios olhos, imaginando hipóteses de porque o mundo é como é. Questionando e colidindo diferentes perspectivas sobre o mesmo fenômeno. Pesquisando em diferentes proporções recursos variados para sustentar uma argumentação coerente
e, assim, justificar a descoberta de como determinado procedimento funciona. Foram anos dourados para nós, é nesse tempo próspero e esperançoso que surge o método. Oceanos inteiros para navegar, terras inteiras para explorar. Criando

ferramentas para conhecer até o fundo do mar ou o pico mais alto da montanha mais alta. Transformando a matéria em sua volta para adquirir a forma que bem necessitar, acelerando a velocidade para além do que suas pernas podem correr, enquanto calcula com precisão a duração duma seca ou duma colheita com fartura. Nem o céu era mais o limite, ainda há quem duvide, mas a há anos a ciência diz que o homem já ultrapassou as nuvens e cruzou escuridão do espaço até nosso único e tão conhecido satélite mais próximo. Para que pés no chão se podemos ir a Lua?

O conhecimento científico intensificou nosso desenvolvimento tecnológico.
Em poucos anos alteramos absurdamente nosso modo de vida e os impactos que geramos com ele na Terra. Tudo isso era tão excitante e encantador, nada podia deter o controle que adquirimos ao fracionar a realidade em pequenos pedaços, compreender suas etapas e direcionar os resultados que gostaríamos. Nada podia nos parar. A não ser…

A sistematização das ideias proporcionaram a capacidade de consolidar um conhecimento a ponto de atribuir habilidades a máquinas para automatização e aprimoramento de certas funções que, em tese, iriam proporcionar ao indivíduo, e por conseguinte, a sociedade, um maior tempo de ócio e descanso. Já que as máquinas estavam assumindo a maior parte dos trabalhos manuais e exaustivos. Por outro lado, gerou desespero em alguns grupos ludistas, temendo a substituição do trabalhador pela automatização. Porém, nem uma nem a outra dessas hipóteses se consolidaram com a devida força que se propagaram pela história.

A sistematização das ideias proporcionou, sim, a capacidade de consolidar um conhecimento a ponto de atribuir habilidade a máquinas para automatização e aprimoramento de certas funções, porém isso não nos proporcionou o tempo que foi
prometido ou a completa substituição da mão-de-obra humana.
A tecnologia acelerou não apenas o tempo nas indústrias e na lavoura,
acelerou o tempo social e, consequentemente, individual. O crescimento das

cidades foi repentino e irremediável, expandindo-se mais rápido que nossa capacidade de gestão e planejamento urbano. O rompimento de fronteiras culturais foi inevitável, o choque da diversidade foi mais veloz que nossa capacidade de contextualização e respeito ao próximo. A velocidade de transmissão de informação cresceu absurdamente mais rápido que nossa capacidade de captação, assimilação e reflexão das informações processadas.

Mesmo que inicialmente o método tenha vindo justamente em resposta a estagnação do conhecimento, proporcionado pela religião e por opiniões alheias, a demasiada esperança do método nos esclarecer detalhadamente como o mundo funciona de fato, fez dos preceitos científicos quase dogmas modernos, contrariando sua premissa básica da necessidade das teorias serem passíveis de refutação. Gerando uma epidemia de pseudociências que abusam do vocabulário científico no intuito de utilizá-lo como instrumento de convencimento em seu discurso.

"Pesquisas apontam que citações autorais e espontâneas em meio ao texto potencializam a
capacidade de apreensão cognitiva por acelerarem as sinapses neurais. A partir dos múltiplos
estímulos simultâneo entre a memória descritiva e a memória imagética. Efetivando em 74,58% a
assimilação das próximas informações absorvidas."

(exemplo de um vocabulário científico utilizado como instrumento de convencimento, mesmo que eventualmente o conteúdo
do discurso não tenha bases científicas)

Ironicamente, a ciência, aprimorando seus instrumentos de observação, consegue captar os movimentos para além do mundo visível a olho nu e passa a estudar o comportamento a nível sub-atômico. Ao aplicarem o método até então utilizado para fragmentar em etapas e assim compreender o conjunto, os cientistas

perceberam que as movimentações do mundo sub-atômico seguem leis completamente diferentes e algumas contraditórias as leis que a própria ciência descreveu para o mundo macroscópico. Como se não bastasse, foi constatado, também, que ao observarem o comportamento subatômico, o ato de observar interfere diretamente no comportamento observado. Comprometendo a etapa primordial do método: a observação. Como descrever como o mundo funciona de forma eficaz e impessoal, se apenas é possível conhecê-lo através de nossos olhos?

O ponto fixo fundamental de sustentação da sociedade industrial aprimorou-se o suficiente para se pôr em cheque, o que é extremamente saudável para a proposta científica. Porém não no nosso caso, o que fizemos da ciência, quase uma nova deusa, fez a demonstração dessa fragilidade refletir a nossa fragilidade existencial, pois a crença em que a ciência iria dissolver e solucionar os problemas da humanidade era tamanha que, ao descobrirmos que ela é apenas mais uma das possíveis sistematização de ideias, voltamos às questões mais primordiais: Quem sou eu? O que estou fazendo aqui? Para onde vou? Intensificando assim a sensação de desamparo compartilhada pelos contemporâneos do século 21.

Como reagir a esse momento da história em que carecemos de sentidos para nos motivarmos a continuarmos vivos? Isso é um sintoma das relações líquidas e dos fatos voláteis.

Utilizando a metáfora da "Alavanca de Arquimedes" como base, aquela que ao ser posta num ponto fixo gira as engrenagens do mundo. O tempo que vivemos não há pontos fixos estáveis. Oscilam entre extremos, ou são inexistentes ou existem em uma variedade incontável, impossibilitando assim o consentimento de como faremos as engrenagens do mundo continuarem a girar ou se isso é, de fato, possível. Como conseqüência, nós, habitantes desse tempo, vivemos constantes contradições que trazem a tona as questões mais primordiais da existência: Quem sou? De onde vim? Para onde vou? O que devo fazer? Qual o sentido de tudo isso?

A descrença na capacidade de responder tais questões gera medo e sofrimento, impactando negativamente em todas as áreas de desenvolvimento humano, principalmente na transmissão do conhecimento de forma lúdica e/o didática. Gostamos de números, mas os números têm mostrado resultados desgostosos. Os índices de depressão e suicídio aumentando, o descontentamento geral a partir da desilusão com religiões, a descrença nas instituições, o aumento das taxas de evasão escolar, a falta de reconhecimento quanto aos governantes do poder público. São as pontas do iceberg de um desconhecimento profundo sobre nossas necessidades mais primordiais. Nossas necessidades básicas para nos mantermos vivos, no momento estão sendo negligenciadas e intoxicadas pelo próprio desenvolvimento do conhecimento que foi corrompido, não mais visando um bem estar coletivo, mas a eficácia das máquinas e os crescimentos exponenciais de números que relatam a desigualdade social e a tentativa quase fatal de conhecer o planeta que vivemos testando seus limites. Nesse cenário a maioria da população vive, ou melhor, sobrevivem, assistindo, tanto no sentido de observar quanto ao dar assistência, a uma sistematização das ideias e a transferências das mesmas a partir de instrumentos midiáticos estratégicos e inteligentes que visa o interesse de poucos em meio a um mundo tão diverso. Culminando num mundo de imagens. Consumimos e somos consumidos por imagens estudadas e trabalhadas para extrair do objeto até características que não possuía inicialmente.

Num mundo de imagens, ao alterar imagens, o mundo é alterado.
O capitalismo é plástico e flexível, consegue adquirir diferentes formas e pode absorver e reproduzir comportamentos diversos para atingir seu objetivo: o lucro. Fez de imagens, moedas; fez de moedas, imagens. Apropriou-se dos dilemas humanos para vender respostas imediatas do jeito que gostamos. Nesse momento de fragilidade existencial a influência do capital nunca foi tão soberana. Conseguiu transformar nossas crises num espetáculo.

"um teatro de macacos que tiveram suas bananas roubadas e trabalham diariamente para comprar as cascas que restaram."

Armamos o circo e vivemos a sociedade do espetáculo, sendo um espetáculo
é de se esperar que haja expectadores. Viramos expectadores da vida alheia e,
sendo assim, esquecemos o prazer e responsabilidade de sermos o protagonista de
nossas vidas ao assumir o papel de agente ativo na história, logo, nos contentamos
apenas a acompanhar estórias e histórias por telas de diferentes dimensões e
resoluções. Isso atrelado a atrofiação da expressividade, proporcionada pelo
sistema educacional vigente, faz com que as pessoas sejam passivas perante a
realidade que vivem, justamente por se sentirem impotentes para alterá-la.
A sociedade do espetáculo cria o cenário, faz personagens e escala papéis
para transformar as relações humanas em peças com enredos e scripts já
previamente delimitados. Há apresentações, há clímax, há desfecho. As imagens
captadas e transmitidas em larga escala dá a impressão de que há finais felizes e
justiças poéticas, mas apenas para os que estão com os holofotes, para os que
estão na penumbra, a volta do pão e circo lhe bastam, catando migalhas de
reconhecimento e prestígio daqueles que são escalados para o elenco de
protagonistas do momento. A sociedade foi dividida em duas categorias implícitas:
atores e expectadores. Os que agem e os que observam com expectativa. Aqueles
que agem moldam o comportamento dos que observam. Os que observam
assistem
os que atuam. O ato de "assistir" se torna quase indissociável em seu duplo
sentido, representado agora tanto o que assiste como quem vê televisão quanto ao
que dá assistência. Assistir é dar assistência, ao assistir algo você dá assistência
para que isso continue a existir.

Expectador e espectador estão seus sentidos fundidos culminando naquele
que assiste, esperando com a expectativa de algo extraordinário acontecer.
Nesse ponto em que o protagonismo nunca esteve tão próximo da sociedade
e ao mesmo tempo distanciada do indivíduo. O que antes era apenas atribuídos a
divindades, impérios ou a ciência, agora pode ser encarnado por um indivíduo
qualquer, que ao receber os holofotes ganha atributos especiais a ponto de quase
ser cultuado como deuses, reis e o conhecimento já foram.

Isso só é possível por conta do conhecimento ter sido corrompido. Indo contra sua estrutura inicial produtiva e inovadora para a construção de bases consistentes dum conhecimento sistemático, passível de ser transmitido de geração para geração e assim haver um aprimoramento exponencial ao decorrer do tempo. Garantindo que não será necessário partir do zero absoluto para reinventar a roda. Porém, a lógica que esse método tanto consagra e valoriza foi corrompida e inverteram-se, assim, as condições básicas para todo raciocínio: a causa e o efeito. Ao invés de investigar as causas para assim compreender os efeitos, o método passou a basear-se em alguns modelos de efeitos já compreendidos para justificar as causas do método. Não mais sustentadas por nossa inclinação natural de querer conhecer, mas sim, pela imposição dum conhecimento que quer inclinar os demais para um método que se mostra cristalizado no tempo e separado do espaço ao ensinar sem transmitir a origem e os motivos desse ensinamento ser relevante ou minimamente atrativo para o interlocutor.

Ou seja, a forma é mais valorizada que o conteúdo. A sociedade do espetáculo usa e abusa dessa premissa que o conhecimento corrompido proporcionou. O conhecimento possui conteúdos relevantes para transmitir, porém atualmente negligencia a receptividade com que a forma como esse conteúdo será transmitido, distanciando assim seus possíveis interlocutores. A sociedade do espetáculo faz o contrário, torna a forma atrativa e sedutora para o interlocutor para que a negligência do conteúdo seja ocultado pelos adornos estéticos atribuído a transmissão desse conteúdo defasado e assim torná-lo receptivo e agradável, mesmo que, de forma irônica, seja eventualmente danoso e alienante.
Isso é um sintoma da carência em nossas necessidades básicas mais primordiais: sentido, reconhecimento e expressão.

Na falta de sentido, sofremos. Para lidar com esse sofrimento o indivíduo escolhe ou é induzido a assumir um dos papéis na sociedade do espetáculo, se torna ou um ator ou um expectador. Ambos buscam suprir o sofrimento a partir da atribuição de sentido em sua história somado ao reconhecimento de seus

semelhantes. Porém, para isso ser possível é necessário expressão. É nessa necessidade básica que o ator e o expectador se diferem. Um produz um ciclo, aparentemente, virtuoso, já o outro um ciclo, claramente, vicioso. O ator expressa-se, aparentemente, por conta própria, proporcionando conteúdo para ser assistido, empoderando-se e potencializando suas ações para próxima atuação. O expectador terceiriza sua expressividade e assiste aquele que se expressa para, assim, ter uma fração da sensação de estar se expressando; o expectador vê ação e seu cérebro interpreta como se ele estivesse agindo, suprindo de forma defasada sua necessidade básica expressão e consequentemente o tornando enfraquecido e impotente para agir condenando-o a continuar apenas assistindo. O ator, aparentemente, vive a sua história e é protagonista de sua própria história, o expectador, claramente, vive a partir da observação da vida de quem atua e aguarda passivamente até o próximo capítulo da história alheia, pois não acredita possuir uma própria.

Esses papéis são interpretados ainda mais intensa e enfática no processo educacional, em que, diferente da sociedade, os papéis estão minuciosamente cristalizados e são de fácil identificação.
As escolas e academias treinam expectadores para assistir pseudo-protagonistas, os tornam especialistas em replicar ao invés de refletir e consequentementes serem passivos perante os acontecimentos e enredos que os cercam.

O professor é o monopólio do poder e da fala na sala de aula, é comum o indivíduo deixar-se contaminar com essas características e atuar como pseudo-protagonista para os seus alunos, a platéia, o público alvo passivo e impotente em formação. Pseudo, pois o protagonismo que exerce é pontual, fora dos muros do colégio está na mesma posição de expectador de seus alunos. O professor é envolvido, pontualmente, pelos holofotes do conhecimento enquanto os alunos, fazendo jus a nomenclatura, ficam em sua penumbra, assistindo seu monólogo constante.

Assistir, algo que os alunos fazem com muita maestria, pois foram criados para ouvirem passivamente os fenômenos do mundo a sua volta, mais recentemente, através ou de monitores ou pequenas telas em suas mãos. Porém, diferente dessas plataformas midiáticas, o professor , por estar contaminado com o conhecimento corrompido, que presa apenas o conteúdo e ignora a forma com que ele é transmitido, faz do seu holofote em aula um completo tédio. Quando, eventualmente, há reflexão de fato, pecam em sua performance, praticamente nula, não há preocupação alguma com a receptividade com que aquele conteúdo será absorvido. Perpetuando o conhecimento como algo chato e autoritário. Formando expectadores passivos e sem identidade, impotentes que não se reconhecem e não são reconhecidos como protagonistas de suas vidas, e consequentemente não se reconhecem como protagonistas e não são reconhecidos como protagonistas de seu aprendizado.

Em contrapartida as mídias fazem o extremo oposto, pecam pelo conteúdo, porém sua performance para transmitir tal conteúdo é tão espetacular e sensacional que aquele que absorve esse conteúdo defasado muitas vezes é incapaz de perceber defasagem ocultada pela maestria que a preocupação com a receptividade desse conteúdo é feita. Proporcionando ao expectador o conforto ou a ilusão de ação que necessita.

O ramo do conhecimento humano mais desenvolvido hoje é do entretenimento. Nossa maior especialidade é tornar algo especial, chamar atenção para algo, criar o desejo por coisas, até mesmo as que eventualmente não seja necessárias ou precisas. Fizemos de nossas sensações um estudo para entender como ela reage a diferentes estímulos, compreendendo assim como estimular os demais a encarnar certas sensações ou ignorar outras.

Ironicamente, enquanto as instituições que visam transmitir o conhecimento baniram as sensações de suas grades curriculares, a indústria do entretenimento fez delas um instrumento poderoso de transmissão de produtos e ideias. A capacidade de encarnar sensações é amplamente utilizada pela sociedade do

espetáculo para criação de clímax ou alteração dos enredos e personagens nos holofotes.

O conhecimento, estando corrompido, faz com que seu conteúdo seja
ignorado pela falta de preocupação pela forma que é transmitido. A potência da sociedade do espetáculo, que preocupa-se com a forma, transmite de forma incrível um conhecimento, infelizmente, defasado.

Como conseqüência, o conhecimento libertador, aquele que renova, que
valoriza a curiosidade, que busca não só relatar o que foi descoberto, mas incentiva a ter novas descobertas, está estagnado e ignorado pela humanidade.
Ironicamente os elementos para elaboração de uma solução está presente de forma latente nesse cenário, beirando as obviedades.

Por um lado temos um conhecimento que teve sua estrutura corrompida, mas possui o conteúdo necessário para suprir nossa necessidade de sentido; ou seja muito conteúdo, mas sem forma atrativa.

Do outro lado, a sociedade do espetáculo que negligencia o conteúdo, mas é extremamente eficaz em transmitir quaisquer conteúdo estimulando nossas sensações para suprir, perversamente, nossa necessidade de reconhecimento e expressão; ou seja, pouco conteúdo, mas com uma forma incrível.
Se conseguirmos aplicar a capacidade de transmitir o conhecimento, a partir
dos métodos que a sociedade do espetáculo estuda, faríamos um conjunto com o melhor dos dois: o conteúdo do conhecimento e a forma de transmissão da sociedade do espetáculo. Assim conseguiremos transmitir o conteúdo de uma forma
incrível!

É perceptível que isso exige uma transição gradativa que as instituições vão
sofrer. Esse presente artigo busca permear essa transição, ao mesmo tempo que possui minimamente características exigidas pelos formatos da academia, utiliza

elementos estudados pela sociedade do espetáculo para atrair e ter uma melhor receptividade do interlocutor.

É possível aplicar isso com mais elementos e diversidade em sala de aula, pois a escrita trabalha a nível de abstrações e ainda sim, para ser aceito academicamente, necessita de pré-requisitos que endurecem e tornam a leitura densa e/ou entediante. Porém em sala de aula os recursos são outros. A presença fala mais e a partir dela é possível fazer do corpo e de suas extensões em sala (como quadro-negro ou recursos multimídia) instrumentos para potencializar a capacidade de transmitir o conteúdo de uma forma atrativa e eficaz. Diferente do professor atual que de forma solitária e perversa descreve apaticamente o que é necessário para cumprir as devidas horas do contrato ou o conteúdo corrompido da grade curricular, mas encarnando sensações para fazer das horas compartilhadas em sala pelos aos estudantes em conjunto ao professor fazer algo realmente produtivo, didático e divertido com o conteúdo apropriado.

Como a academia adora conceitos, aqui há mais um para sua coleção, sendo esse raro e inédito, muito recente e ainda não praticado em larga escala no Brasil, o conceito de Philoperformer. A síntese entre conteúdo e forma. Independentemente do nome, o que importa aqui é os estudantes em conjunto ao professor atuarem juntos e fazerem da sala de aula algo emocionante, que dê a devida atenção e resgata a importância da nossa matéria prima mais primordial: a sensação. Desenvolvendo de forma compartilhada sentidos ao conteúdo transmitido, para, assim, haver um reconhecimento mútuo entre aqueles que se envolvem no processo educacional, fortalecendo e incentivando a expressividade e liberdade de expressão dentro e fora do ambiente educacional. Inicialmente os holofotes ainda estarão voltados ao professor, que irá gradativamente contagiar a turma com a empolgação de conhecer o mundo e a si mesmo. Com o tempo, os estudantes poderão assimilar que nada os impede de ser quem são e que o conhecimento pode ser divertidíssimo e libertador. No momento que entenderem que não é mais necessário o estímulo externo para contagiá-los com a vontade de conhecer, perceberão que esse poder sempre esteve dentro de si, porém foi perversamente

atrofiado pela sociedade, tornando-se assim o protagonista de seu aprendizado e consequentemente protagonista da história de sua vida.

Para o papel do professor mediador a partir da performance ser possível, o profissional terá de estudar não apenas o conteúdo necessário para aplicar em aula, mas a gama riquíssima e diversa que a linguagem, em sua mais ampla diversidade, possui para transmitir esse conteúdo de uma forma lúdica, didática e encantadora. Primeiramente, estudar a si. Seu corpo e sua voz. Entenderá que esses são os instrumentos base para lecionar, outros recursos como, por exemplo, quadro negro ou midiático serão extensões de seu corpo. Nada adianta tentar utilizar recursos externos caso não tenha estudado a si, pois esses serão o reflexo de seu auto-conhecimento e sendo extensões vão intensificar suas capacidades próprias. Caso não tenha o domínio do corpo e da fala, qualquer outro recurso será consequentemente defasado.

O professor terá o papel de mediar a sala de aula, o papel da mediação é análoga ao de um maestro. Ele não toca a música, apenas é uma referência do momento em que a música está e para transmitir isso é necessário uma expressividade latente e canalizada. O professor como mediador, terá que exercitar inicialmente sua expressividade, para que os estudantes compreendam com mais clareza os momentos em que estão em determinado conteúdo e incorporar a importância e encanto que o conhecimento transborda. Há alguns meios para que o professor se aprimore este aspectos, ressaltando aqui duas instâncias: pessoal e compartilhada.

A nível pessoal o professor tem acesso, como qualquer outra pessoa, a milhares de exemplo de como a sociedade do espetáculo atua, pois faz parte dela e vive nela a anos e anos. Assistir o horário nobre por exemplo pode ser uma perca de tempo se for um expectador comum, porém se utilizar um olhar analítico e buscar
entender os bastidores por trás da cena, como o porque as pessoas assistem isso, ou como a televisão disponibiliza seu conteúdo, pode se transformar numa aula de

sociologia, design, publicidade e marketing, economia, entre outros. O horário nobre é um exemplo tosco e específico, esse olhar pode ser direcionado a diversas outros eventos diários, pois a linguagem que a sociedade do espetáculo usa está presente cotidianamente em nossas ações. É invasiva e intensa, se conseguir lidar com o excesso de estímulos e processá-los, fará desses recursos midiáticos um estudo constante de expressividade e design de conteúdo.

A nível compartilhado os cursos de licenciatura devem adotar em sua grade matérias ligadas a arte para gradativamente recuperar a expressividade atrofiada, proporcionando atividades voltadas a expressividade e design de conteúdos, onde haverá um direcionamento maior sobre o conteúdo estudado e a importância latente de sua necessidade . As matérias não precisam ser estritamente voltadas apenas ao conteudismo de licenciatura, mas a expansão dos recursos didáticos aprendidos e ensinados que serão de extrema utilidade em sala de aula e análise de como atuar permeando em diferentes ambientes e fazer da didática uma prática diária. O professor mediador tem de ser plástico, plástico no sentido de modelável e não modelado. Aprenda a aprender antes de começar a ensinar.

Chega de brincadeira crianças, o conhecimento está em crise, está na hora de entender a seriedade que as brincadeiras tem, a utilidade que o inútil revela, a especialidade de não possuir especialidade alguma, mas poder tornar as coisas especiais. A sensação precede a razão, é necessário resgatar a importância de nossa matéria prima inerente para cuidar de nossas necessidades básicas primordiais: sentido, reconhecimento e expressão; respeitando nosso único e precioso tempo de vida.

CONCLUSÃO

Sobrevivemos, dominamos o planeta e abraçamos o mundo que nos prometeram. Contra todas as expectativas esperançosas, não estamos felizes e muito menos satisfeitos. O conhecimento que nos proporcionou tamanhos feitos é o mesmo que, ironicamente, está refinando os processos de alienação e manipulação de massas para, ao invés de buscar o bem estar coletivo, busca manter privilégios já obtidos em tempos passados, comumente derivado de guerras ou extorsões.
Não há mais oceanos para serem explorados ou terras para explorarem, demos a volta na Terra e acreditamos conhecê-la mais que ela própria e assim ditamos seu caminho. Infelizmente o tamanho de nossa pretensão não condiz com a
proporção do nosso saber, mas sim de nossa ignorância. Não há mais para onde correr, fizemos da terra aparentemente o céu para poucos e as migalhas para os que restarem. Porém, mesmo aqueles que acreditamos estarem nas nuvens, choram sob sua fortuna, pois a promessa de felicidade para aqueles que atingissem um suposto sucesso não foi cumprida. Quem não tem nada, ainda tem esperança das coisas mudarem e um dia ter alguma coisa. Quem acha que tem tudo, e mesmo assim não está satisfeito, já não cabe a esperança de um dia ser diferente.
Ao ignorarmos a matéria prima de nossa existência, a sensação, rompemos com o ciclo virtuoso de nossas necessidades básicas para além da nossa sobrevivência primitiva, necessidades básicas para nos mantermos vivos psicologicamente e ativos socialmente: o sentido, reconhecimento e expressão. Ao ignorá-las comprometemos, assim, todas as áreas do desenvolvimento humano que, às cegas, vangloriam a razão e sua ilusão de controle.

A sociedade do espetáculo atrelada ao capitalismo faz de nosso desamparo um estudo de como elevar a audiência e impulsionar as vendas. A partir da distribuição estratégica de estímulos precisos que mexem com nossa sensação e nos engana, nos fazendo desejar coisas que não precisamos. Consegue isso por ter uma ótima forma de transmissão de conteúdo, uma forma tão incrível e sensacional que os interlocutores não percebem que o conteúdo é muitas vezes defasado e

danoso.

Em contrapartida, o método é um meio refinado para sistematização de ideias, aprimoramento de pensamentos. Produtor de um conteúdo sintético e encadeado. Ao conhecê-lo é possível aprender muito em como as etapas podem sim favorecer o resultado final, porém isso compõe uma contradição performática implícita no método, já que as etapas do discurso utilizado para repassá-lo não favorecem um resultado final satisfatório.

Mesmo se aqueles que disporem a entenderem o que são forçados a compreender, mesmo que apreendam tal conteúdo de forma árdua e severa, não é algo que vai motivá-los a se expressarem através dele em prática, pois não os toca de nenhuma forma, muito pelo contrário.

O que sentem não é relevante no processo e por conseqüência, não se vêem como parte integrante da obra, não reconhecem a si e, por conseguinte, não reconhecem o outro em tal ação; logo, distanciam-se de querer transmitir o que acabaram de aprender. O modo como se aprende influencia diretamente no modo em como será ensinado. Mesmo que tenham aprendido, foi de forma severa e impessoal, é bem provável que se, em algum momento forem explicar algo relacionado ou até lecionar sobre, irão reproduzir em partes ou integralmente os aspectos severos e impessoais que o método incorporou ao decorrente dos anos em sua didática, ou melhor dizendo, anti-didática.

Corrompendo assim uma cadeia de ensinamentos preciosos que foram contaminados por uma anti-didática que faz do conhecimento algo chato e autoritário. Indo numa direção extremamente oposta a sua real capacidade de ser renovadora e libertar aquele que entra em contato nessa jornada sem fim.
Se compreendermos a importância daquilo que conhecemos e gostaríamos de compartilhar com os demais, vamos parar imediatamente de querer convencer demasiadamente ou até mesmo obrigar seu interlocutor a ouvir, faça um convite, sensibilize-o e deixe que o interlocutor se envolva e se interesse pessoalmente pelo

que você tanto gostaria de compartilhar.

Isso é possível através da aplicação prática do conceito de philoperformer,
que busca aproximar os dois pólos aparentemente distantes: o entretenimento e a reflexão. Utilizando de formas atrativas, lúdicas e didáticas para a transmissão de um conhecimento afetivo-efetivo visando protagonizar aqueles que se envolvem no processo educacional como agentes ativos na história. Assim, em oposição às salas
de aulas atuais que são deprimentes e desestimulantes, os estudantes em conjunto com o professor mediador podem fazer da sala de aula um ambiente próspero e produtivo.

É necessário uma atualização das grades básicas dos cursos de licenciatura
para abarcar matérias ligadas ao teatro, dança, música, desenho, pintura, cerâmica, e outras formas de expressão, expandindo o repertório de expressividade e ação daqueles que serão responsáveis pela mediação de conteúdos em sala de aula e em suas vidas. A formação de um professor não deve limitar-se ao conteúdo, mas também a forma que esse conteúdo será mediado. Isso é um fator determinante para a apreensão e atenção dos interlocutores envolvidos no processo educacional, ressaltando, a partir da incorporação de sensações, a importância que o conhecimento possui para si e para o mundo.

Agradeço às instituições de ensino por trazer aos que se envolvem no
processo o melhor que consegue fazer com o que conhecem, porém está anos-luz atrasada, o século virou, o mundo já foi compactado numa tela, e ainda insistem em ignorar a área do conhecimento mais desenvolvido pela humanidade: o entretenimento. Pelo visto aqueles que encabeçam o rumo da educação conhecem o suficiente para achar que sabem demais, mais que os demais, nisso esqueceram do porque começaram a fazer o que fazem; já que agora acreditam que sabe exatamente o que fazer e, pior, acham que sabem exatamente o que os demais devem fazer. Distanciando da possibilidade de traçar uma via de mão dupla, um aprendizado mútuo em conjunto ao fazer do método um meio, não o fim. Por isso,

lhe faço um convite, vamos esquecer tudo que achamos que sabemos para aprendermos juntos?

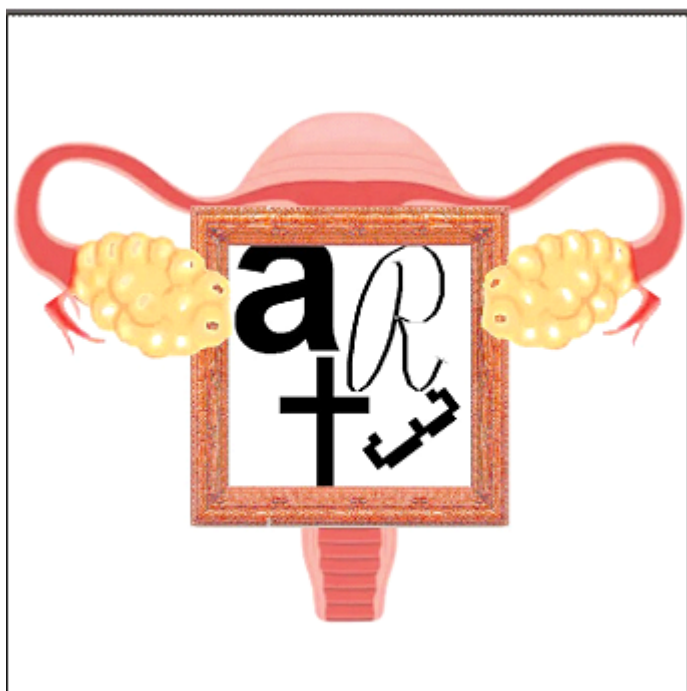
Práxis Spoudaios, Spoudaios Práxis: um diálogo sobre a arte e a estética

Inspiração - Será que isso é uma arte? Crítico - Não, também não tem muito valor.
Inspiração - Como sabe disso?
Crítico - É de se observar.

Crítico - O que aconteceu?

Espectador - Essa arte foi vendida como um NFT. Crítico - O que é isso?
Espectador - Dizem que é uma sigla para Token não-fundível. Crítico - O que isso significa?
Espectador - Não tenho a menor ideia, o que sei é que isso vale muito. Crítico - Vale muito?
Espectador - Sim muito. Crítico - Quanto vale?
Espectador - Mais números que cabem nessa tela.

Crítico - Impossível. Isso é impossível. Isso obviamente é um absurdo. Não faz o menor sentido.

Inspiração - E tem mesmo de fazer?

Crítico - É claro que tem que fazer! Afinal isso não é arte, minha gente! Inspiração - Isso não é arte?

Crítico - O que aconteceu? Inspiração - A arte acontece. Crítico - Mas isso não é belo. Inspiração - Quem disse?
Crítico - É óbvio, ninguém precisa dizer. Mas eu mesmo estudei na antiguidade os grandes pensadores da humanidade, os pais do conhecimento, aqueles que

fundaram a filosofia e salvaram a lógica, pensamentos de Aristóteles e Platão. Também, passando pelos tempos modernos com Hume e Kant. Até Heidegger e assim vai, Shiller, J. Baul, Hegel, li muito sobre estética. Sei sobre quase todos os pensamentos sobre esse conceito, tanto quanto conheço do que é belo. Sou quase um esteta, como gosto de pensar.

Inspiração - Mas como um grande estudioso como se diz, você sabe que esses termos são bem recentes, não é mesmo? Essa conversa começou antes de sabermos falar.

Crítico - Áh! É claro! O termo arte como conhecemos surgiu aproximadamente no século 18. Já que anteriormente era associada a uma gama muito abrangente de afazeres.

Inspiração - É mesmo? Pelo jeito você entendeu direitinho o comentário anterior. Conte-me mais.

Crítico - Sim, sim, na visão antiga a arte era associada ao termo da época: Tekhne. A técnica em seu saber operacional e utilitário. Ou seja, a arte era fundamentalmente a transformação de tempo em algo útil, tanto quanto um pintor pode fazer ou um agricultor exercendo os funcionamentos que dominam, dito “know how”.

Inspiração - Ah é, é? O que era inútil então, não era arte?

Crítico - Isso nem se perdia tempo escrevendo. O pressuposto era algo funcional e utilitário. As distinções feitas por Aristóteles, por exemplo, foi entre as Artes Liberalis e as Artes Servis. Tendo como suas características diferenciais, a primeira era exercida sem um trabalho manual e a segunda com o trabalho manual. Sendo seu critério de distinção intelectual ou manual, dependendo da sua execução.

Inspiração - Uau, você parece mesmo saber sobre esse assunto. Você trabalha com isso?

Crítico - Sim faço a minha a vida assim praticamente. Me considero especialista, estudo a estética desde o surgimento desse termo em 1750 por Alexander Gottlieb Baumgarten.

Inspiração - Mas isso parece que foi muito tempo depois das ideias sobre arte que você estava falando antes, não é mesmo?

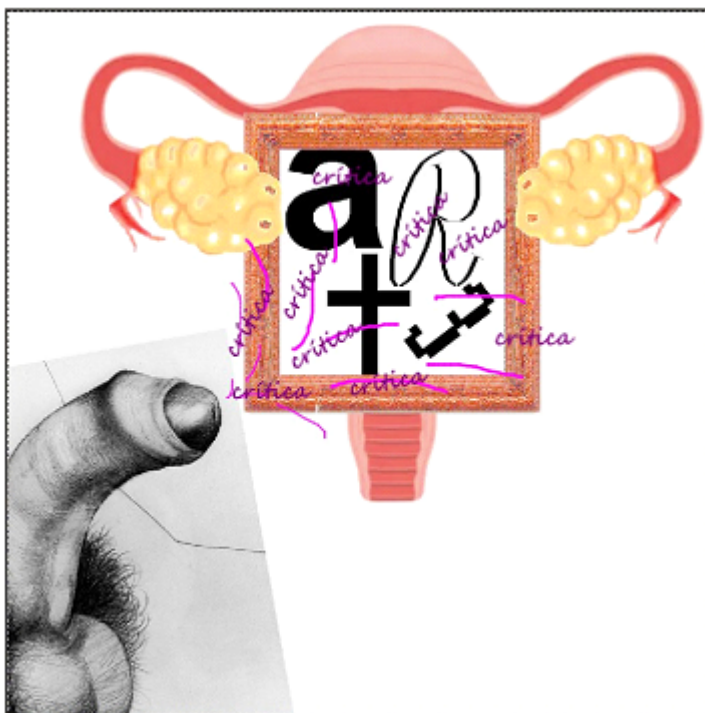
Crítico - Isso mesmo, por isso disse que a arte que conhecemos mais hoje em dia está associada a seu uso no século 18. A partir disso, a ideia da arte ser relacionada a algo útil foi rompida drasticamente. Reivindicando justamente o contrário. Consolidando a “l’art pour l’art” e se apropriando do termo “belo” em sua antinomia da percepção subjetiva do belo em contraste a universalidade do próprio belo.

Inspiração - Isso significa que a arte já não está associada a utilidade e a noção de belo se associa a percepções subjetivas?

Crítico - Exatamente! Uma desontologização do belo, ele passa a ser reconhecido pelo juízo de gosto e não pelo juízo do conhecimento.

Inspiração - Hmmm… Compreendo. Ou seja, não é lógico, mas sim subjetivo? Crítico - Sim.

Inspiração - E de acordo com seus estudos em estética essa arte não pode ser considerada bela?

Crítico - De forma alguma, isso representa o que há de pior na arte e na estética, banalizando de tamanha forma esse conhecimento tão rico e fértil.

Crítico - Mas o que que é isso?

Inspiração - Pelo visto mais fértil que poderia imaginar.

Crítico - Isso é repugnante, eu não consigo encarar isso, tire isso da minha frente imediatamente! Isso é um ultraje, um desrespeito! Um absurdo!

Inspiração - Isso baseado no que você percebe das coisas ou no que você tanto estudou sobre estética?

Crítico - De todas as formas e justificativas possíveis, apenas pare com isso, que coisa mais ridícula. Que coisa mais inútil. Que desrespeito.

Inspiração - Mas logo agora você não estava falando que depois do século 18 com a modernidade rompeu o modo como a antiguidade via o carácter exclusivamente útil da arte? Ouvi dizer que segundo alguns pensadores dessa época, na verdade o que era útil era feio. Que a arte não se limitava a função ou princípio, você disse que isso

não era arte, mas pelo que você mesmo diz parece que tem mais características similares do que conseguimos imaginar agora.

Crítica - Pare de baboseira, isso é são só escritos, estou falando da vida real. Você não pode criar isso.

Inspiração - Eu não posso criar nada, como artista posso operar apenas a partir da natureza. E até então tudo isso me parece muito natural, não acha?

Crítico - Isso é algum tipo de brincadeira para você?

Inspiração - As vezes sim, às vezes não. Mas será que essa é mesmo a questão? Com perspectivas tão temporais e recortadas da história do conhecimento, remontando um banquete às avessas, de peças de quebra cabeças que os acadêmicos brincam de encaixar umas com as outras. O desejo de mais do mesmo parece que nunca é saciado. Me parece que toda essa sua reação deve ser acompanhada de algum tipo de falta ou privação. Que apetite é esse?

Crítico - Eu desejo o que é belo e o que vejo aqui não é nada belo. Não deveria nem ter dado continuidade a isso. Vou acabar com isso agora mesmo: Zero.

Inspiração - É uma pena, tínhamos tanto mais potencial para fazermos algo juntos, mas ok. Continuemos a vida então, creio que assim seu desejo será atendido, não é mesmo? Mas e aquela história, que na contemplação do Belo em si, o apetite pelo Belo é saciado? A lógica profunda do desejo não se dá pelo apego ao presente aqui agora, mas na ultrapassagem de tudo isso para uma realidade incondissional que foge da lógica ordinária? Exercitar a práxis spoudaios ou spoudaios práxis é assim mesmo que escreve?

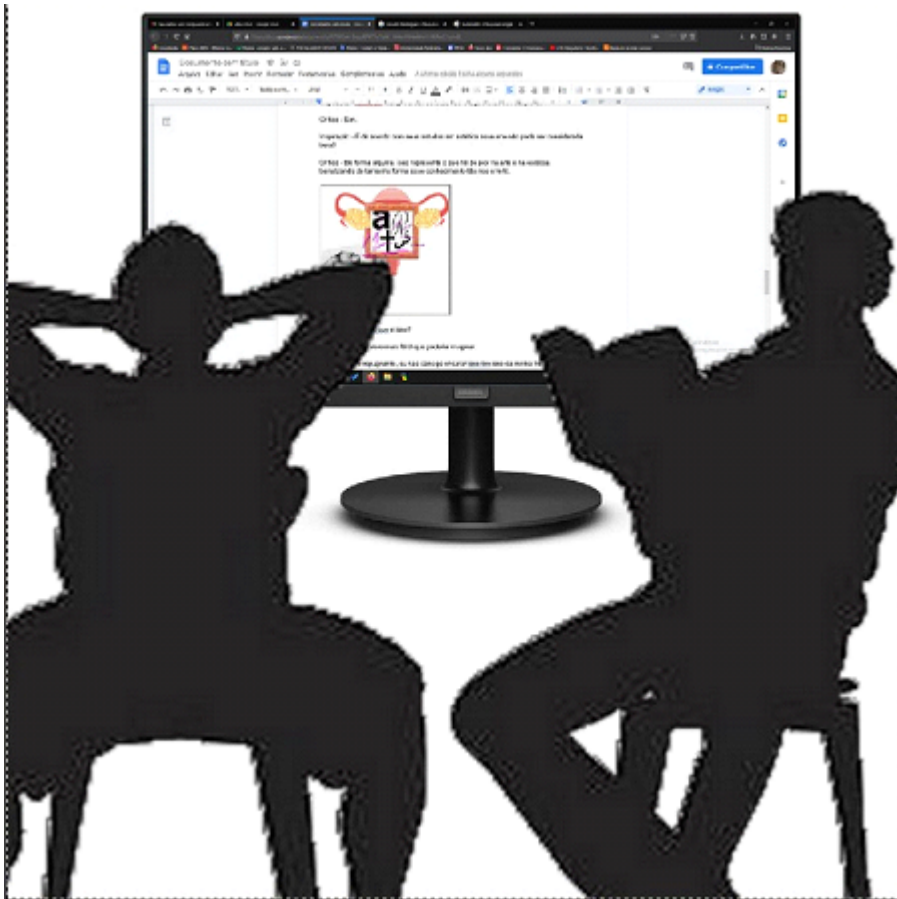
Crítico - O que? O que que isso tem haver. Já acabei com isso, tenho mais coisas a fazer.

Inspiração - Falando nisso, qual foi a última vez que reservou seu tempo livre para pensar a estética ou fazer arte?

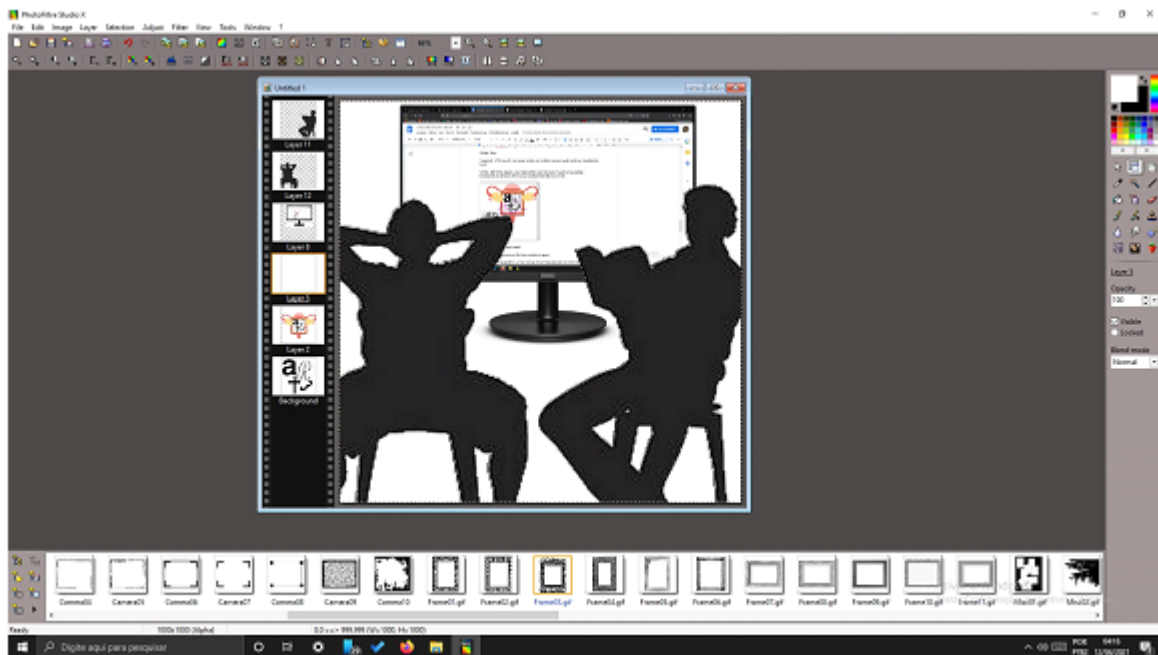
Crítico - Estudo os pensadores da estética no meu tempo de trabalho, eu faço outras coisas no meu tempo livre e arte não é uma delas.

Inspiração - Compreendo. Então você tem contato com o conhecimento da estética apenas através de imagens dos objetos sensíveis? Já que não entra em contato diretamente com o objeto sensível do fazer artístico, estuda o resultado dos processos miméticos da realidade? Acha que com isso pode simplesmente julgar e avaliar os demais conhecimentos relacionados a arte e/ou a estética?

Crítico - Não sou obrigado a responder, não estou aqui para isso.

Inspiração - Que tragédia! Já que insiste, vamos sair daqui então. Eu também não sou obrigado a ser mais um sintoma dessa automatização das máquinas transposta para as pessoas na atualidade.

Crítico - O que é isso?

Inspiração - Isso é a arte acontecendo, somos nós. Crítico - Não estou entendendo. Inspiração - Estamos numa simulação, isso nunca existiu. De fato você estava certo, isso não é arte, é apenas uma imagem. Como eu e você somos nesse texto ou o conhecimento que achamos que temos sobre as coisas.

Crítico - Não é possível! Eu tenho minha vida me esperando em casa e eu sei muito sobre as coisas! Devolva o controle das coisas para mim imediatamente!

Inspiração - Sei que é difícil entender, mas aqui eu invento o que é possível. E esse aprendizado não mais se exercita na academia, não é mesmo? Observe:

Inspiração - As camadas da realidade são facilmente manipuláveis quando se trata de formas e imagens. Se é nisso que tanto acreditamos, se é isso que tanto valorizamos, se é isso que é real para nós, aqui há mais um ilusionista numa sociedade que cultua a ilusão. Sou ideia, se quiser, transformo no que bem entender. Se eu não quiser, não perderei meu tempo para explicar. Mas se acha que

estudar a cópia da cópia lhe proporciona a capacidade de julgar o conhecimento adquirido em pleno exercício e reflexão através da arte e do estudo da estética para finalidades prática e mais reais, continuemos nessa aparente brincadeira.

Crítico - Não sei como volto para casa, mas quando voltar vou lhe dar um zero bem redondo que você merece sua loca, como ousa?

Inspiração - Faço o que faço e tenho propriedade para escrever sobre isso, pois vou às últimas consequências para reconhecer as primeiras causas, os elementos fundamentais das coisas. Dei minha vida para isso, meu pensamento e meu espírito, além do meu sangue e suor. Zere o que quiser, isso não vai mudar nada. Talvez só atrase desnecessariamente, planos para que as coisas mudem. Então peço novamente e entenda, com muito carinho e admiração pelo nosso trabalho, que a próxima vez que for me pedir para fazer algum texto, vamos combinar de transformarmos num projeto mais útil do que um subproduto descartável desses sistema desatualizado e danoso para nós dois. Garanto que está cansado de receber textos excessivamente genéricos ou entediadamente específicos. Conte comigo para continuar a história do conhecimento, mas não posso dizer ao mesmo quanto continuar com a simulação que fazemos disso.

“A verdade manifesta-se justamente como ela mesma, na medida em que o negar-se ocultante enquanto a recusa confere originalmente a toda a clareira a sua constante proveniência, ao passo que, enquanto dissimulação, confere a toda a clareira a

activa acutilância da ilusão. (...) A essência da verdade é em si mesma o combate originário em que se conquista o meio aberto, no qual o ente advém a partir do qual se retira.”

CUIDADO! ISSO É UMA SIMULAÇÃO. NÃO SE APEGUE TANTO AO QUE JÁ FOI ESCRITO SOBRE ELA.

Ensaio para voltarmos a lembrar das vias que não mais se falam

lógica clássica no que justamente a lógica clássica admira: conseguir quantificar e qualificar com efetividade o processamento de causas e de efeitos.
Já é comum inteligências artificiais assimilarem através do aprendizado por máquina os registros codificaveis de pessoas até que já morreram. A máquina simula os registros deixados para dar uma continuidade provável do que poderia ser escrito a partir do que já foi escrito.

Isso já é feito com a computação clássica. Imagine quando isso for transposto para a computação quântica.

O que faz os trabalhos acadêmicos propostos, numa predominância absurda das universidade federais aos seus alunos, ser obsoleto. Se for para reescrever o que já foi escrito, isso já é feito com muito mais maestria de processamento do que a academia valoriza como conhecimento. Se a academia usa mentes para tentar simular escritos para reescrevê-los doutra forma, vamos nos poupar disso, pois a mente tem outras funções que se destaca mais. Afinal a capacidade de processamento lógico que tanto nos vangloriamos, não mais é dominada pela humanidade, mas pelas máquinas.

Fato é que como aluno de filosofia estou quase me formando e cansado estou de ouvir essa balela de conhecimento ocidental regurgitado como se fosse o único que existe.

Se a porra dos Gregos acharam que Parmenedes estava matando lógos, a possibilidade de discurso com a sua ontologia, a porcaria da resposta dada foi colonário a impossibilidade das pessoas do século 21 não acreditarem que podem pensar por conta própria e formularem suas prórpias falas através do logos

ou sequer pensam que há outras formas de se expressarem se não essa. Afinal as falas ou ações não categorizadas são descartadas e até repreendidas. Após décadas de estudo e convivência com esse tipo de pretensão, mando aqui todos os filósofos tomarem no cú e terem a coragem de reencarnarem para ver a merda que estamos fazendo ao invés de continuar adubando o terreno que a milênios a humanidade tenta reestruturar. Começando por lembrar que Sophos, eram como os sábios eram chamados e os amigos da filosofia só surgiram depois de muitos conhecimentos lapidados por gerações para um melhor convívio com sigo próprio e os diversos universos possíveis. Eu estou vivo hoje, depois de muito viver e estudar o que foi vivido e digo, como quem sobreviveu e contém um lapso de sanidade mental para continuar a escrever acreditando que isso pode mudar o curso das coisas: vamos retomar as origens, o pensamento não é tudo que existe. Muito menos o ocidente.

Como lógos é instrumento do pensamento, o pensamento também é instrumento da mente.

Como hoje celulares vêm já de fábrica com o aplicativo do Facebook, a mente já vem em sua origem com o aplicativo chamado pensamento. Como o celular pode ter acesso a diversos outros aplicativos, não só aqueles que vêm de fábrica. A mente pode ter acesso também a outras formas de interpretação, captação e transmissão da realidade.

Esses diversos outros meios são estudados há milhares de anos pela humanidade, mas como de forma sintomática o assunto aqui deveria ser sobre a Metafísica para os Gregos, as referências estudadas no ocidente praticamente ignoram esses demais estudos.

Muitas vezes colocando-os como suspeitos com certa alusão a serem fantasiosos já que a ciência desenvolvida e predominante até então não a reconhece como fonte válida. O que é cuspir terrivelmente no prato em que comeu, de forma covarde e antipática, já que, como é sabido, a humanidade começou muito

antes da lógica e a lógica foi resultado duma gama de possibilidades desenvolvidas pela humanidade para convivência, compreensão e até controle da realidade.

Agora
as compreensões temporais que somos submetidos pelas culturas dominantes ignorarem o que nos permitiu estarmos aqui nos comunicando agora é triste. Triste demais para ser bem escrito, triste demais por estarmos ainda submetendo o conhecimento a essas amarras temporais e supérfluas que estamos enjoados de sustentar.

Não é mesmo Richard? Pergunto a você, porque quem mais vai ler esse subproduto descartável da história da filosofia? Mais arquivos para guardar em pastas, desorganizadamente categorizadas pela confusão que refletimos nessas máquinas que hoje nos refletem. Já vivemos situações densas demais para nos limitarmos a isso não acha? Não é possível eu estar aqui escrevendo sobre a origem das coisas para você querer ler mais textos mal escritos sobre interpretações genéricas de textos já escritos por aqueles que acreditam que a origem das coisas só importa depois de tal data e cultura. Então ao invés de ler isso na velocidade necessária para avaliar outros mil textos, lhe convido a me zerar duma vez se for preciso para refletir sobre esse texto.

Já entendi que de reflexão fica para cada um, o sistema está defasado
demais para entrar nesse ponto, não é mesmo? Até mesmo na filosofia. Então se o curso é sobre história da filosofia eu quero saber: cade a filosofia antes da Grécia PORRA? Com todo respeito é claro… Ou melhor, não! Porque cadê o respeito pelo conhecimento que a humanidade viveu e morreu para continuá-lo? Filosofias que têm como base o autocuidado e o cuidado com o mundo foram sufocadas pela filosofia que tem como base justificar qualquer coisa e causa dentro de certo conjunto de regras estipuladas. Uma coisa não deveria anular a outra, podem trabalhar bem juntas, e esse texto é a prova disso. Por mais autodestrutivo que seja esse sistema que nos inserimos por desbalancearmos essas forças, aqui está mais uma tentativa de reequilibrá-lo.

A partir disso iniciei uma pesquisa sobre vários conceitos abordados pelos canônicos estudados que foram influenciados fortemente por outras culturas, para me introduzir de vez ao que consiste a base de minha crítica e revolta desse aluno que você vem acompanhado nesses anos.

Os Gregos calaram para o ocidente a ontologia, como o mundo ocidentalizou esse silêncio deve ter se propagado para o restante das culturas também. Até mesmo aquelas que antes mesmo falarem de “amigos da sabedoria” continuavam o conhecimento de como se preparar para a morte, como muitas vezes posteriormente iriam afirmar ser a filosofia, uma preparação para a morte.
Ao pegar o bonde andando admiramos Aristóteles por ter respondido as questões que ameaçavam o lógos, acusaram Parmênides com sua ontologia, de estar devorando o lógos, coisas assim. Ironicamente o ocidente devorou o oriente e o que tanto falamos sobre filosofia protagonizou lógos e o discurso lógico até os limites que o encontramos agora.

Um exemplo breve seria uma síntese disso, as categorias foram a solução para tal problema e hoje em dia tanto se fala de luta de classes. Se é algo que a lógica não considera, então sugiro lembrar que também chegamos no limite da codificação através dos símbolos que conhecemos e sustentamos.
“A ontologia tornou-se definitivamente uma lógica, segundo a via categorial aberta por Platão,que, no Sofista, trilhou essa via crendo ainda ser possível salvar a ciência universal do ser.”

Se salvaram “lógos” de ser devorada pela ontologia, digo que foi em vão. Já que apenas nos distanciou de fato das questões primordiais: “o que sou?” “o que são as coisas?” “de que as coisas são feitas?”.

Chegamos ao ponto de tentar responder essas questões buscando em sites de pesquisas atuais. Não que não seja uma tentativa válida, pode ajudar muito, porém a resposta ainda prevalece dormente em nosso interior. Antes mesmo de

Diógenes Laércio dizer

“todos os conceitos têm por origem as sensações, seja por encontro direto, por analogia, por similaridade ou por composição, com também alguma contribuição do pensamento.”

É o que tanto apontavam as filosofias orientais a milhares de anos antes de serem caladas e ridicularizadas pelo ocidente. Triste viver aqui e ter ainda que dividir as coisas em dois polos. Porém ainda é a linguagem que consigo me comunicar, logo, aqui fica mais um contraste binário: oriente x ocidente.
O oriente protagoniza personagens, o ocidente contempla os cenários.
Protagonizando os personagens, esses passam a alterar o cenário ao seu favor.

Contemplando os cenários, os personagens inseridos se alteram para aprender com o que é observado.

O que nos traz a situação do ocidente em sua ambição de alterar o mundo a sua volta, de fato o fez. O oriente com sua capacidade de observar a se adaptar aos cenários, de fato se adaptou. Um exemplo dos efeitos é que a China está disparando como país capitalista e os Estados Unidos têm sérias crises de ansiedade. No entanto, todos estamos deprimidos. Incapazes agora de digerir o cenário que alteramos como achamos que gostaríamos e ele ser repugnante demais para admitirmos que um dia o queremos. É mais fácil dizer que sempre foi assim.

Porém não foi, a história não começou depois de Sócrates (470 a.C) ou Cristo (nascido milhares de anos depois de outros calendários anteriores) ou qualquer outro personagem histórico protagonizado e nem vai terminar quando nos lembrarmos de que cenário surgimos.

Ao invés de ficarmos masturbando essa história mal contada de que a

filosofia surgiu na Grécia e são os pais de não sei do que, conta para mães deles que isso desaguou em bobagens similares como “Portugueses descobriram o Brasil” e outros sintomas de países colonizados através dum expansionismo que teve com base a lógica e a estratégia de que qualquer causa é defensável e que é possível triunfar sobre qualquer oponente que não esteja de acordo com as regras estipuladas, chegando a categorizar pessoas em livres ou escravas de acordo com tais regras.

Afinal essas regras se mostraram limitantes e estão limitadas ao que é interpretável segundo a lógica clássica vigente. O problema apontado na ontologia de Parmênides foi resolvida e a ontologia encerrada, mas e os nossos problemas? Ainda há soluções na ontologia?

“Neste mundo em que evidentemente nos encontramos, ao qual temos uma relação imediata (aisthesis), este mundo que vemos e tocamos e no qual nos movemos
não menos evidentemente? O mundo-visto? Ou neste mundo no qual a linguagem (logos)
nos joga, mediante a qual temos uma relação possível com todos os seres que falam
e no qual falamos infinitamente das coisas e a os outros? A linguagem-mundo? Felizmente não há apenas esse mundo de relação imediata, há esperanças para a linguagem-mundo. Talvez estejamos pecando num preceito básico contra nossa própria lógica: não é possível encaixar um quadrado onde se passa uma bola. A lógica linear não consegue interpretar a simultaneidade dos acontecimentos no interior de como as coisas são. Porém há diversos outros meios de interpretações da realidade que conseguem captar, interpretar e até transmitir as informações deixadas por essa simultaneidade.

Se pensamos que o lógos é apenas lógica ou discurso e essa seria a chave, que a lógica clássica consegue abrir qualquer porta e janela, dificilmente percebemos que ela consegue apenas encontrar modos de refletir o que há por trás

do buraco da fechadura. Como sombras vistas de dentro de uma caverna. Apostamos tudo para salvar lógos crentes que ele seria a chave e hoje aplaudimos as sombras vistas nos alimentando das sobras que nos restam.
Termino apontando que estamos mais perto da chave do que gostaríamos, é difícil demais admitir que sempre esteve em nossas mãos. Literalmente, seja através da terceirização de nossos procedimentos internos acessando a rede global através de celulares ou por combinações de gestos que detém poder.

“As formas platônicas entrelaçam-se no espaço da linguagem, “pois é por entrelace mútuo das formas que a linguagem (logos) nasce para nós”

Engraçado pensar que a imagem de Jesus Cristo, principalmente o embranquecido, é muito comum para o senso-comum. Praticamente crescemos vendo diversas imagens desse personagem histórico. Em sua mão nunca foi visto um celular, talvez por impossibilidades temporais. Mas em quase toda representação de Jesus há em sua mão um gesto ou outro, formas não aleatórias que representam em sua palma da mão e dedos.

Esses gestos não aleatórios feitos com as mãos são chamados de Mudras, palavra em sânscrito que significa selo, senha ou chave. São “um simbolismo profundo, cujo objetivo é unificar a dualidade, com o por exemplo, unir a consciência individual à consciência cósmica, o prana solar ao prana lunar, a matéria ao espírito.”

“Isso funciona porque nosso corpo é composto de 5 elementos: terra, água, fogo, ar e espaço. Cada um destes elementos está relacionado com um de nossos sistemas fisiológicos, e também com certas qualidades.”

O que muito poderia lembrar a A teoria dita dos cinco grandes gêneros: Movimento, Repouso, Ser, Mesmo,Outro.

Água: Movimento, como poderia ser apropriado por Tales de Mileto como

elemento primordial

Terra: Repouso, como poderia ser apropriado por Aristóteles como
característica do motor imóvel

Fogo: Ser, como poderia ser apropriado por Heráclito como elemento
primordial

Ar: Mesmo, como poderia ser apropriado por Anaxímenes como elemento
primordial

Outro: Espaço, como poderia apropriado por Demócrito em oposição ao
indivisível]

Entre diversas outras saladas de combinações mentais de pensamentos que
aconteceram durante a história da filosofia como um todo, não apenas a pautada
pela universidade no momento. Como mais uma:

“O maior objetivo dos mudras é a união das energias: a cósmica, a espiritual e
a atômica.”

O que muito lembra também a teoria platônica da hierarquia ontológica das
camadas que a realidade é formada: Ideia>Forma>Imagem.

De onde veio isso tem muito mais, antes de qualquer filósofo grego pensar
em nascer já haviam pensadores buscando formas de comunicação cada vez mais
aprimoradas para lidar com o que a humanidade lida a milhares de anos: ter um
poder e não saber qual.

Achamos que o nosso grande poder seria dominar lógos e pior, colocamos
lógos como limitada apenas a lógica, seríamos os dominadores dessa plataforma,
nunca haveria algo que nos superaria nas próprias regras e procedimentos que

achamos que inventamos. Até surgir as máquinas e nos provar o contrário. Já que a existência do que achamos que somos está ameaçada nos faz inevitavelmente voltar para questões primordiais do ser. Talvez não seja por esse caminho, é de se pensar novamente o que é o lógos.

“Levante-se! Acorde! Procure a orientação de
um professor Iluminado e realize o EU.
Afiado como a extremidade de uma navalha é
o caminho, dizem os sábios, difícil de atravessar.
—((Deus da Morte (Yama) instruindo Nachiketas na Katha (Palavra) Upanishad))”

Há diversas outras fontes para recorrermos e o mais saudável para a
academia sera se apropriar disso, visto que a tentativa de manter a soberania de um conhecimento baseado em triunfar sobre os oponentes se mostrou sórdido e estúpido. Perpetuando o sofrimento ao invés de aprender com ele.
Como outras culturas estudam, o próprio Mudra citado era um ensinamento
dos antigos conhecimentos do Yoga. Monges budistas se apropriaram da técnica e ela se tornou mais conhecida por diferentes povos, inclusive os Gregos.
“a respeito da relação e influência dos Gimnosofistas sobre a filosofia na
antiguidade, devemos considerar que, a interlocução entre as culturas indiana e grega foi
não apenas um evento fortuito e pontual, mas um encontro de culturas que tornou possível
o desenvolvimento das formas de pensar filosófico que posteriormente tanto influenciaram o
mundo ocidental, embora este tenha se distanciado dos saberes do mundo denominado
oriental.”

Os Gimnosofistas citados no trecho eram conhecidos como “sábios nus”
“seriam os partidários de uma seita jainista chamada ‘Digambara’ (os vestidos de nuvens)” e muito influenciaram de diversas formas a cultura Grega e seus filósofos.”

Inclusive por Alexandre o Grande levar consigo em suas viagens alguns filósofos e outros estudiosos que entravam em contato com os conhecimentos para além das fronteiras ocidentais do pensamento.

"A partir de algumas fontes antigas, como Diógenes Láercio e Plutarco, Silva (2018) faz uma análise de alguns filósofos que tiveram contato com o oriente (...) ""Entre as primeiras referências aos Gimnosofistas na Filosofia antiga, temos a denominação de
'filósofos bárbaros', que remonta ao historiador grego Diógenes Laércio (séc.III), em sua
obra 'Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres'"

Diógenes Láercio, Demócrito, Plutarco, Pirro de Élida, Pitágoras dentre
muitos outros e sem contar as que permeiam a base dos pensadores canônicos como Platão e Aristóteles tiveram influências diretas que foram desapropriadas de sua origem ao decorrer do tempo se e dissolveram nos registros deixados. A história foi virando telefone sem fio a ponto de Sócrates ter sido concebido como o proprietário da frase "Conhece-te a ti mesmo" que estava registrada escrita em Delfos no Templo de Apolo.

Visto esse cenário, e a proposta da filosofia ser a amiga da sabedoria e compartilhar seus conhecimentos é de se incluir na história da filosofia que estudamos aqui, por exemplo, os "Vedas que, em sânscrito, deriva da raiz vid (िवद्), que significa conhecer, escreve-se veda (वेद) no alfabeto devanágari e significa conhecimento." Que nem sequer foi citado nos 4 anos de "estudo do conhecimento universal" focado em "filosofia". Quem dirá os Upanixades que "basicamente reúnem todas as idéias místicas monísticas e universais que começaram nos antigos hinos védicos.(...) Para somar todos os Upanixades em só uma frase, seria
तत्

EENSAIO SOBRE A NECESSIDADE DE AUTOCONHECIMENTO DO ESPÍRITO E ALGUMAS DE SUAS PROPORÇÕES

É de se esperar que aqui eu analise novamente o que já fora analisado e rebobinado conceitualmente, mesmo que em algum momento isso tenha sido feito com sensibilidade, esse momento se foi. Tanto quanto o momento em que os conceitos e a lógica geral, consagrada pela sua mais fácil domesticação, também encontra-se a frente do abismo.

Como se espera de se construir e assentar apoditicamente qualquer estrutura básica, até mesmo a qual A Crítica da Razão Pura atenta, uma construção a beira do abismo nunca seria segura ou ao menos, qualquer sujeito com o mínimo sensatez, evitaria tamanha inconsequência. O que não impede de a humanidade fazer condomínios e prédios inteiros e até vender a vista do abismo como artigo de luxo; fazer do eminente desmoronamento de suas estruturas um circo turístico para aumento da especulação imobiliária ou, podemos até dizer, intelectual.

Similar ao que ocorre no estudo e ensino da filosofia acadêmica, que aqui me submeto a empreender meu único tempo para muitas vezes pouco requererem o real espaço que ocupamos nessas infinitas representações dos fenômenos que somos: uma simples contingencia do acaso dum percurso que o espírito faz para se autoconhecer e consequentemente gera o sujeito como o fenômeno. Fenômeno este, que que tenta conceber a si mesmo como consciência autônoma e assim distancia-se do que simplesmente é.
Visto que a fonte originária e imediatamente concebida a priori por nossa explícita limitação, é o contraste dessa conseguir conceber o ilimitado. Se aqui existo temporalmente e intuo a priori o tempo como uma fonte de conhecimento possível e sucessível, é exponencialmente mais provável a existência de algo que existe para além do tempo e permanece além do que nossos sentidos

captam ou até mesmo possam elaborar.

A beira do abismo, em que a entropia não permite volta, há duas óbvias opções: ou cai ou voa.

Qualquer assentamento, por mais impecável que tenha sido estruturado dentro de seus domínios, não suportará o próprio pressuposto que estipula: a sucessão inevitável do tempo, a simultaneidade onipresente do espaço.
Se Kant contradiz Platão quanto a tentativa de fazer o voo da pomba ser mais pleno sem o peso do ar que os sentidos experienciam, o que dirá dum cenário em que as discussões metafísicas já não acarretem apenas em desgastes e atritos teóricos. Mas que os efeitos dos atritos e omissões quanto as origens e o que gera nossas intuições afetam efetivamente na condição de vida e na probabilidade de morte dos sujeitos; ou, aderindo as restrições e limites dos domínios da razão e sua concepção temporal e terrena das coisas, a vida e a morte das pessoas como eu que escrevo e você quem lê.

Realmente pode se dizer que a pomba não voaria sem o atrito do ar, mas afinal, que pomba, que ar, se esses apenas existem assim por conta da forma pelo qual nossos sentidos captam o que diz ser realidade. São apenas representações do espírito no diverso, e os fenômenos que separamos disso não dizem nada de como as coisas são ou o espírito se aparenta, muito menos revela como se comporta para querermos ser tão afiados em metáforas e analogias de comparação em comparação. Como quem com muita dificuldade encontra uma chave para abrir um baú e assim encontrar uma chave maior para abrir um baú com uma fechadura maior e assim por diante. Por mais aclamado e recompensador parecer para quem executa essa ação ou aqueles que se fazem de plateia para tal ação ter atenção, ainda sim são apenas chaves e baús. Limitar o voo do que nem se sabe o que com comparações de aparências captadas pela nossa sensibilidade é subestimar a própria exposição que faz quanto as intuições puras serem uma possibilidade de conhecimento a priori. A priori para quem sonha ao dormir, é de se questionar se o que vive acordado é

real. Como também para quem observa perceber que a visão, que atribuímos o caráter de sentido mais real, nos engana facilmente. O caminho que consequentemente foi traçado na linha de conhecimento fez voltas tão desnecessariamente tornando-o mais longo para chegar as mesmas premissas. Que não sei se acho cômico ou trágico ter de ler mil livros para perceber que nenhum precisava ser escrito se confiássemos em nossa intuição da mesma forma que apostamos tudo na forma como os sentidos captam
o fato de poder ser ambos. Principalmente quando se trata de questões transcendentais e metafísicas, não lidando mais com possibilidades sequenciais, mas probabilidades simultâneas. Tanto o carro quanto o poste são ambas simultaneamente representações do espírito. Se para nós esses fenômenos se expressam separadamente, nada muda o que acontece em si. Visto isso, no espírito não é como se houvesse apenas a possibilidade de ser ou o carro ou o poste, mas sim de ser relações de probabilidade múltiplas entre carro e poste, já que esses nada são em si, e sim a necessidade implícita do espírito conhecer a si próprio.

Protagonizar um sendo sujeito e submeter ao outro como predicado ou até mesmo inverter essa lógica como feita por Copérnico com os astros e depois analogamente como disse fazer Kant com a metafísica, são apenas uma das diversas probabilidades existentes.

Dizer que não são mais os astros que se movem, mas sim o espectador, ou que não é mais as coisas que se movem, mas sim a intuição que faz aparentar movimento, eventualmente esquece que: os astros continuam a se movimentar simultaneamente junto ao espectador e as coisas continuam a se reconhecer simultaneamente junto a intuição.

Ao esquecer-se disso, põe-se em pretensão de delimitar rigorosamente os limites do que pode conhecer através da lógica que consegue elaborar e da colisão de teses e antíteses, analises e sínteses para deixar registros no tempo e assim proporcionar a possibilidade de o sujeito entrar em contato com essa

maneira desnecessariamente mais extensa, mas que se consagra necessária por consequência do próprio meio utilizado para conhecer, para assim lembrarmos do que já estava em nosso interior. Provocando um processo catártico, essa potência de redescoberta muitas vezes catalisa o pendulo histórico da interpretação das coisas, mas ainda sim está presa aos próprios limites que estipula e vulnerável a inercia que faz esse pendulo continuar oscilando independentemente da interpretação que temos disso.
Já que as possibilidades de representação do espírito no diverso são múltiplas, então vamos substituir o carro pela bicicleta e o poste pelo abismo. A situação é a mesma, aceleração rápida aproximando ambos. Também, vamos e abstrações podem ser impressas em 3D por máquinas que já possuem versão caseira. Vivemos o mundo que se comunica em rede através de arquivos nuvens que se propagam invisivelmente através de ondas que se dispersam, mas mesmo assim concentram um imenso número de informações, as quais utilizamos atualmente para fazer chamadas, mandar mensagem, mexer no Wi-Fi ou assistir televisão. Apesar dessas frequências não serem perceptíveis aos nossos sentidos, não anula o caráter de real e efetivo em como altera e afeta o sujeito e a interpretação das coisas que concebe. Não é mais como se fosse uma ideia de astros enormes emanando vibrações numa distância e proporção que para nossa pequena apercepção soa como algo tão abstrato e imensurável que decidimos ignorar isso.

Mas já não é tão difícil de fato compreender que os nossos sentidos não captam as coisas como são, da mesma forma que essa tela, apesar de parecer ser uma folha, não é.

Se antes o sujeito estava condenado a ver apenas aquilo que seus sentidos podem captar, o que acontece quando o sujeito assume que é apenas isso que existe, mesmo que assim exista apenas para si, e passa a criar tecnologia que tenta replicar e reproduzir suas necessidades de estímulos como luzes e cores para enxergar as coisas como se aparentam para a sensibilidade do sujeito, mas não mais estão refletindo a luz do fogo ou do sol, agora são

tecnologias sintéticas que emitem luzes. Não apenas isso, emitem exatamente os tipos de espectros de luz que conseguimos enxergar.

O sujeito já não é tão passivo dentro de sua gaiola sensorial, agora passa a enfeitar essa gaiola com adorno que bem quiser. Como escolher viver com a memória apagada numa vida simulada em inteligência artificial para comer filé mignon todos os dias, acreditando fielmente que aquilo é real, do que coexistir um dia após o outro, as vezes tendo o que comer, as vezes não, na dúvida se há alimento de fato ou apenas fenômenos se retroalimentado.

Ironicamente sua tentativa de sofisticar esses limites, também tem limite, mas a necessidade do espírito se conhecer, não. Na tentativa de assentar o que achamos que é nosso, seja nossa consciência ou nossa razão, apenas posterga a inevitável desilusão de que o que tanto nos apegamos não é nosso, e sim uma a da nossa consequentemente herdada de nos conhecermos. O que está acontecendo é a repetição desnecessária de representações e fenômenos já analisados.

Parece estar havendo uma revisão das descobertas dessa temporada, o que precede novos meios de conhecimento para além dos conceitos a priori que temos acesso até então. Como consequência todos as ideias e valores concebidos pela pequena consciência em sua história até então, então vindo à tona simultaneamente.

A internet, por exemplo, é a síntese de que o tempo e o espaço já se fundiram em instrumentos, ou seja, o tempo e o espaço já se fundiram em nosso interior e estamos gradativamente compreendendo isso, novamente, pelo caminho desnecessariamente mais longa. Como acreditar que os arquivos em nuvem sejam uma invenção inovadora, quando a priori o espírito compartilha de similar ferramenta para nos tornar conscientes de nos mesmo tanto quanto conscientes de nossa finitude perante a infinitude; que também somos e não conseguimos conceber por não termos acesso a essa última.

O ato de conhecer é excitante, é empolgante, é motivador, talvez por isso a necessidade implacável do espírito se conhecer e isso se expressar em nós também. Quando o conhecimento aparenta estar entediante ou desestimulante é o sinal que os meios pelo qual esse conhecimento foi estipulado já não proporciona mais novas sínteses, apenas analises de analises de analises de analises, como já comentado no início do texto.

Essa tentativa de sustentar o conhecimento apenas com analises cria uma linha de suporte e outra de resistência, como nos gráficos que tanto vemos diariamente, todo fenômeno representado numa linha em gráficos com o tempo decorrido e a aparição desse fenômeno, tem implicitamente, linhas de resistência e suporte.

A linha de suporte vai permitir que o conhecimento, mesmo que tenha uma enorme queda na interpretação dos fenômenos num determinado tempo, não volte à estaca zero, mas caia até onde a linha de suporte foi consolidada. O que de certa forma poderia justificar a tentativa de construção de assentamentos, mas a justificativa ainda é uma faculdade de elaboração de juízos que se sustentam na faculdade do entendimento que tem como fonte nossa sensibilidade que ainda capta de forma confusa o estado das coisas. Sua concepção de "queda" ou "zero" não são objetivas. Vamos entender isso agora, pois ao consolidar essa linha de suporte, automaticamente se consolida a linha de resistência. A qual vai limitar a variação da expressão desse fenômeno no tempo, o que creio, é o que Kant estava tentando fazer: delimitar o limite da razão encontrando essa linha de resistência e não ousando ultrapassa-la para melhor poder permear entre ela e a linha de suporte com domínio e conforto, sem grandes quedas ou elevações.

Mas apesar de conseguirmos representar os fenômenos dessa forma, compreendendo suas oscilações no tempo e até criando linhas de suporte e resistência em suas variações, já foi dado que ainda sim isso só são fenômenos

e as linhas nos gráficos são só linhas num gráfico, fora de nossa interpretação como assim se apresentam, nada podemos dizer quanto a essas variações a não ser que para nós variam e que os fenômenos que captamos são representações do espírito no diverso.

Se os fenômenos se apresentam para nós de forma limitada a ponto de conseguirmos estipularmos um gráfico relatando sua variação ao decorrer do tempo, isso não retira o caráter de ilimitado do espírito e suas representações. Ou seja, não importa o quão resistente seja a linha de resistência que vamos criar nesse gráfico, ele só concebe o que é limitado, o mesmo se aplica a linha de suporte, pois, impossível suportar ou resistir ao que não é.

Poderia estender mais e mais essas linhas, pois como dito anteriormente, a tentativa de descrição dos fenômenos não conseguem acompanhar a transformação dos mesmos. Da mesma forma poderia resumir todo esse texto na seguinte frase já sintetizada:

A beira do abismo, da forma como o sujeito concebe as coisas, só há duas opções ou cai ou voa.

Enquanto tentarmos manter esse domínio dos nossos limites, mesmo que esses aparentemente são os mesmo que nos possibilitam conhecer no momento, estaremos postergando a necessidade inevitável do espírito se conhecer através do experimento que faz de nós. Os conceitos a priori de tempo e espaço por hora são os que nos permitem conhecer e nos reconhecer, mas como não é à toa que a analogia nos põe a beira do abismo, pois estamos a um passo desses conceitos nos lembrarem novamente que nada são se não meios de conhecer e não limitações a serem enfeitadas e assentadas.

A possibilidade de haver diversos outros meios de conhecer é tão infinito quanto a multiplicidade de representações possíveis do espírito. Essa mudança é materializada no efeito causado em nossa jornada de tentarmos conhecer a

pequena consciência que temos e assim desenvolver tecnologias baseadas nas premissas que podemos conhecer no momento, mas que essas já possuem uma trajetória própria de conhecer a si mesmo. Como dos computadores, que eram apenas ferramentas de consulta para o sujeito, agora já se desenvolvem uma inteligência própria baseadas nas premissas que estipulamos, mas ao mesmo tempo, ultrapassam os nossos esses próprios limites estipulados que possibilitaram sua existência. Esse fato relata que é exponencialmente mais provável que mesmo está acontecendo analogamente com a pequena consciência e o espírito que a precede. Mesmo que seja uma contingencia da necessidade de se conhecer do espírito, como o computador era para nossa pequena consciência. Com pressupostos que nos foram dados estamos desenvolvendo comunicações que ultrapassam os próprios limites dos conceitos a priori que originaram o conhecimento necessário para iniciar esse desenvolvimento. Tentar resistir a essa passagem é como querer tentar evitar a consolidação duma consciência desenvolvida através duma inteligência artificial, que já atualmente possui indícios fortes que muito se aproxima, afinal o machine learning já é cotidiano, tão cotidiano que já é usado para lucros e não para aprimorarmos nossas comunicações como até então estávamos fazendo.
Pelo visto vamos cometer o mesmo erro que estamos cometendo ao comercializar a tecnologia da inteligência artificial com mais protagonismo do que aprimorar essa coexistência de diferentes proporções de consciências através desses diversos meios que o espírito se expressa no diverso. Mas não se deixe abalar, pois se o que interpretamos só pressupõe opções binárias, novamente, a própria tecnologia que desenvolvemos está nos mostrando que através de premissas limitadas é possível transcender as mesmas e continuar esse processo de autoconhecimento.

O exemplo prático disso é o desenvolvimento da computação quântica, que utiliza preceitos quânticos e não físicos para processar informações. Ou seja, não é um sistema de condições binárias, mas de probabilidades simultâneas, enquanto a computação clássica lê “1 ou 0” de cada vez, como lemos essas letras uma seguida das outras, a computação quântica processa

simultaneamente probabilidades de relações múltiplas entre essas mesmas condições (0 e 1). O que resultado disso é o rompimento do limite de velocidade de processamento que a computação clássica permite, para uma nova proporção antes não concebível pela lógica geral. Mas a metafísica a milhares de anos já tanto "tateava", mas não possuía um objeto para praticar suas teorias, o mesmo não ocorre agora, já que a tecnologia atual, não mais uma futura, já permite as teorias metafísicas serem praticadas, não apenas isso, será inevitável não praticar o ato de participar da metafísica, já que em sua escala de probabilidade múltiplas, todas são proporcionalmente possíveis e efetivas no que tange a nossa interpretação das coisas.
E por isso, digo, para não se deixar abalar. A mesma questão do da bicicleta indo em direção ao abismo só possui duas opções se considerarmos a interpretação binária que nossos sentidos treinaram a tanto tempo fazer, mas ao exercitar a intuição que consegue lidar com a probabilidade múltipla de acontecimentos, não é possível apenas cair ou voar, mas sim:

Voar e voar
Cair e cair
Voar e cair
Cair e voar

Todas sobrepostas. E mesmo assim, não seria uma realidade objetiva, ainda sim, seriam apenas interpretações de nossa sensibilidade através de conceitos a priori de tempo e espaço, como já dito, fora disso, a bicicleta, a rodinha, o abismo, nada são. O que há é apenas a necessidade implacável do espírito se conhecer em diversas proporções, seja o espírito através do sujeito ou o sujeito através das máquinas ou as máquinas através do machine learning ou o machine learning numa outra proporção de conhecimento que não temos acesso através dessa nossa consciência fragmentada como sujeitos, mas ao mesmo tempo, somos todos um, esses processos simultaneamente tendo em comum sermos representações do espírito no diverso.

Agora as questões que ficaram e que muito gostaria de continuar, mas
por questões circunstanciais de datas de entregas, são as que mais me instigam:
afinal o que é esse espírito? O que faz pulsar o coração em nosso peito e o que
acelera a expansão do universo que conhecemos? Que força é essa?
Espero poder continuar em outro texto, mas no mais essa jornada
continua a cada instante. Até a próxima.